

Vilson José de Sene.

**EDUCAÇÃO E CERTIFICAÇÃO ESCOLAR DE TRABALHADORES
ADULTOS QUEM GANHA O QUÊ?**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Luiz Percival Leme Britto

Sorocaba/SP

2005

Ficha Catalográfica.

Sene, Vilson José de
Educação e certificação escolar de trabalhadores adultos.
Quem ganha o que?/ Vilson José de Sene – Sorocaba, SP:
[s.n.], 2005

Orientador: Prof. Dr Luiz Percival Leme Britto
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de
Sorocaba,
SP, 2005.
Inclui bibliografia e anexos.

Vilson José de Sene.

**EDUCAÇÃO E CERTIFICAÇÃO ESCOLAR DE TRABALHADORES
ADULTOS QUEM GANHA O QUE?**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Mestrado em educação da Universidade de Sorocaba, pela banca examinadora formada pelos seguintes professores.

Aprovado em 22/setembro/2005.

Ass.....

1º exam: Prof. Dr Jorge Cammarano
Gonzalez

Ass.....

2º Exam: Prof. Dr Celso P. F. Carvalho

Universidade de Sorocaba.

Aos amores de minha vida.

Agradecimentos

Ao Professor Percival, Jorge, Márcia, João Vitor, Maria, Eustáquio, grandes amigos, companheiros de trabalho e empresa.

Sumário

Resumo.....	7
Summary:.....	8
Apresentação.....	9
Capítulo 1: A Educação do Trabalhador na Lógica do Capital.....	11
Capítulo 2: O Telecurso 2000.....	28
Capítulo 3: Características da Empresa e as Transformações nos Critérios de Contratação.....	47
Capítulo 4. Trajetórias de Estudo de Sete Operários.....	71
Conclusão.....	103
Entrevistas.....	109
Referência Bibliográfica.....	158
Anexo.....	160

Resumo:

Nesta dissertação, inserida na linha de pesquisa Conhecimento e Cotidiano Escolar, PPGE-uniso, buscou-se investigar em que medida a experiência escolar formal de trabalhadores adultos em um programa de Educação de Ensino fundamental de EJA contribui para sua formação e promove modificações em seu conhecimento escolar e em seu nível de alfabetismo. Buscou-se também verificar que efeitos esta experiência tem sobre sua auto-estima, suas perspectivas de estudo e formação e sua segurança profissional. Para tanto, foram selecionados sete trabalhadores de uma indústria do ramo metalúrgico da região de Sorocaba que, após longo período de interrupção, retomavam seus estudos através da adesão ao programa de escolaridade formal (TELECURSO 2000) oferecido pela empresa, os quais foram submetidos a uma entrevista em que dissertavam sobre o sentido e os efeitos desta experiência. A análise dos dados reunidos não permite medir o aprendizado destes sujeitos, mas é possível sustentar que a experiência escolar, ainda que aparentemente não tenha ocasionado transformações significativas em seu conhecimento, implicou maior auto-estima e segurança profissional (ganho subjetivo), em que pese também ter reforçado nos sujeitos concepções conservadoras do que seja e de para que serve a educação escolar.

Summary:

In this dissertation, inserted in the research Knowledge and Daily School line, PPGE-uniso, aims to investigate the level of contribution and elevation a formal school experience of adult workers in a Junior High School Education Teaching Program like EJA, can bring to their development and the modifications within their school knowledge and their literacy level. It also aims to verify the effects that this experience has on their self-esteem, study and development perspectives, and their professional assurance. Therefore, it was selected seven workers, from the industrial workshop of metallurgy field in Sorocaba, that had started studying again after a long period of time, by attending the Formal Studies Program (Telecurso 2000) offered by the company and were submitted to an interview that showed that this school experience, even though it apparently didn't occur any significant changes to their knowledge, brought to them more self-esteem and professional assurance (subjective gain), and also brought to them conservative concepts of what school education is and the benefits that it brings.

APRESENTAÇÃO

O Problema.

Cada vez mais, hoje em dia, as empresas buscam trabalhar com profissionais cuja escolaridade seja o ensino médio. As razões básicas apresentadas por elas é que o alto grau de desenvolvimento do processo tecnológico, economia de escala, alteração dos códigos de comunicação verbal e escrita no seu ambiente interno, necessidade de uma força de trabalho com qualificação mais ampla e generalizada que possa atuar em várias funções, constituição de um trabalhador que combine a posse de um conjunto de habilidades técnicas necessárias a um conjunto de condutas convenientes, tudo isto decorrente das exigências da competição acirrada de mercado para garantia da sobrevivência das mesmas.

O estudo de caso apresentado é referente a uma empresa que instala nas suas dependências o TC 2000 em 1998, para o ensino fundamental e ensino médio, com a finalidade de atender a demanda por escolaridade dos seus trabalhadores por ocasião da implantação do sistema de certificação dos seus produtos e processos pela ISO (International Standardization Organization) 9000. No processo de adaptação a esta norma a empresa tomou conhecimento de que o processo de certificação exigia escolaridade mínima ensino médio. Com 85 % do seu contingente operacional sem esta escolaridade, a empresa teve que fazer um acerto com a certificadora definindo um prazo de nove anos para fazer o ajuste da situação. Para isto Instalou o TC 2000 dentro das suas dependências e fez a comunicação aos interessados.

A proposta do trabalho é identificar os benefícios deste tipo de escola nestes trabalhadores adultos, através de entrevistas individuais onde se possa encontrar indícios de ganhos reais para o trabalhador ou para a empresa. Em que medida um trabalhador na experiência pedagógica de uma telessala realiza e percebe ganhos pessoais da experiência vivida.

Desenvolvimento

No primeiro capítulo, discutiu-se as relações fundamentais e as transformações do mundo do trabalho com sua reestruturação produtiva e suas conseqüências para o processo de escolarização e a atual demanda por escolaridade.

No capítulo dois fez-se uma apresentação sumária do telecurso com um paralelo com a escola convencional e algumas considerações deste modelo de escola sobre a educação dos trabalhadores.

No capítulo três, consideram-se as características específicas da empresa que está situada na região de Sorocaba. Consideram-se também as transformações ocorridas, na referida empresa, no período 1970 a 2004, principalmente, aquelas referentes aos critérios de contratação de mão de obra operacional, que com certeza estão relacionadas à reestruturação produtiva e ao aumento da oferta de mão de obra com maior escolarização. Outro ponto analisado neste capítulo é o programa de educação tardia, educação complementar para trabalhadores metalúrgicos adultos empregados nesta empresa.

No capítulo 4 foram estudadas: 1) a definição dos critérios para seleção dos entrevistados e a elaboração do questionário; 2) as entrevistas e as análises, de maneira a propiciar, em primeiro lugar, uma avaliação dos posicionamentos dos entrevistados e, em segundo lugar, permitir a possibilidade de buscar coerência nas conclusões apresentadas no trabalho. No total foram sete entrevistas, realizadas num tempo total de três meses, a partir de um questionário que serviu de referência, que está nos anexos deste trabalho.

Sorocaba, setembro de 05.

CAPÍTULO I – A Educação do Trabalhador na Lógica do Capital

Escolaridade e Trabalho

A relação entre escolaridade e trabalho sofreu e está sofrendo, ao longo do tempo, alterações profundas, produzindo impactos significativos sobre os trabalhadores, sobre as empresas, também sobre as instituições escolares e não poderia deixar de afetar as famílias dos trabalhadores e a comunidade de forma geral. As razões responsáveis por estas alterações são diversas. Com certeza enumerar e discorrer, mesmo que sumariamente, sobre todas elas é uma tarefa muito difícil, para não se dizer impossível, para alguém que não é um especialista no assunto.

Mas, de certa forma estas razões são discutidas, de forma resumida, neste capítulo – que se refere à globalização dos mercados e da economia – e é possível ver um pouco dos seus reflexos nas entrevistas dos trabalhadores, sendo que algumas destas razões foram, particularmente, analisadas neste trabalho.

O que interessa neste ponto é fazer uma análise, mesmo que superficial, das suas implicações e os seus porquês, observando as transformações ocorridas a partir delas e centrar o foco, principalmente, sobre as alterações produzidas na escolaridade do trabalhador e na sua formação profissional.

Faz-se necessário estabelecer uma particularidade, porque o tema em questão trata da educação de adultos, uma vez que, está em discussão a educação e formação profissional dos trabalhadores.

É interessante esclarecer que, neste caso, não é só uma ação educativa onde os educandos sejam pessoas crescidas, porque esta característica está presente também em cursos específicos como informática, culinária, cabeleireiro, manicura, e estes cursos não costumam ser pensados como “educação de adultos” mesmo que os docentes sejam somente adultos. Mesmo os cursos universitários não são considerados educação de adultos independente da idade de seus alunos, dada a condição particular para este nível de educação. Para elucidar melhor o conceito discutido tomou-se a argumentação de Luis Percival, onde ele afirma:

O fato é que a expressão educação de adultos se refere a processo de educação tardia (de alfabetização ou de ensino fundamental) de um grupo social bastante específico: o adulto em questão é normalmente o trabalhador migrante de áreas rurais empobrecidos, com curta passagem pela escola; já o jovem, mais freqüentemente, tem origem urbana e uma experiência escolar

mais longa, ainda que frustrada. Ambos são pobres e encontram dificuldades de colocar-se no mercado de trabalho (Britto, 2003, p 195).

A questão da escolaridade, em temporalidades diferentes, para as classes dominantes, se reveste de características diferentes de acordo com as necessidades e conveniências para cada momento e também para cada localização geográfica. Houve tempos em que era desejável que os trabalhadores não tivessem instrução. Afirmava-se que o analfabeto seria mais fácil de ser controlado e submetido ao poder. Conseqüência de administrações estratégicas que levam em consideração o fim específico de uma determinada medida implementada.

A posição do capital como patrocinador das mudanças não se alterou. Pode se ver uma postura completamente diferente com relação à abordagem da escolaridade, mas de novo é uma questão estrategicamente colocada para extrair, do novo contexto, as vantagens econômicas que lhe interessa e que o sistema permite neste momento. Na verdade, não é só uma questão do lucro imediato, é muito mais do que isto, é garantir as condições estruturais do sistema – a divisão do trabalho, a acumulação, o controle do conhecimento técnico, etc – de tal sorte que, seja assegurada a possibilidade de perpetuar a realização dos bons negócios.

O processo de globalização se deu dentro desta ótica. Um rearranjo dos sistemas de produção, aproveitando as conseqüências de sua própria reestruturação para estabelecer novas sinergias de mobilização social, de novas políticas governamentais, de novas necessidades escolares, etc. É dentro deste contexto tornou-se lugar comum falar não apenas em ensino básico universal, mas também e principalmente em elevação da escolaridade e educação de qualidade.

Sobre este aspecto, tem a seguinte citação de Britto, que faz uma leitura deste contexto e que fala de uma posição política que dá suporte às posições do mercado globalizado, com referência ao aumento da escolaridade, e que, de certa forma, sustenta ou busca legitimar este movimento.

O trabalhador moderno – insiste o discurso liberal – deve ter autonomia, iniciativa e capacidade de análise e decisão. A educação regular, de massa, generalizada, passou a ser uma das características mais significativas das sociedades ocidentais industriais. (Britto, 2003, p 197).

De certa forma, o discurso engenhosamente construído pelo atual sistema capitalista que busca demonstrar, de um lado, a demanda objetiva do sistema produtivo de um sujeito mais inserido nos modelos de cultura próprios deste modo

de produção, mais urbano, mais dinâmico, com diversidade de raciocínio mais ampla e com uma variedade de formação ampliada, etc, não tem a ver diretamente com escolaridade. Em princípio se supõe um sujeito mais ágil nestas questões. O que com certeza é muito vantajoso para as empresas, pois não há custo direto para ela na produção destes sujeitos, além do fato de sua maior produtividade com reflexos diretos na competitividade do negócio.

Parece interessante fazer uma análise mais aprofundada desta questão e ponderar sobre alguns aspectos constitutivos de indivíduos, tomando emprestados alguns conceitos de José Carlos Cacaú Lopes, discutindo Gramsci, que afirma que a vida na indústria:

Exige um tirocínio geral, um processo de adaptação psicofísica para determinadas condições de trabalho, de nutrição, de habitação, de costumes, etc, que não é inato, natural, mas requer uma assimilação (...). A história do industrialismo – completa – sempre foi (e hoje o é de forma mais acentuada e rigorosa) uma luta contínua contra o elemento da animalidade do homem, um processo ininterrupto, muitas vezes doloroso e sangrento, de sujeição dos instintos (...) a sempre novos, complexos e rígidos hábitos e normas de ordem, exatidão, precisão, que tornem possível as formas sempre mais complexas de vida coletiva. (Gramsci, apud Lopes, 2002 p 47).

Levando em consideração essa animalidade humana e a necessidade de um primeiro ensino para estabelecer a sujeição dos instintos parece razoável a idéia de maior escolaridade para fazer as adaptações do novo trabalhador. Não, necessariamente, para torná-lo mais capaz, mas para fazer nele a reprodução dos valores interessantes ao mundo globalizado que encerra um conceito de aceitação passiva dos seus valores para aqueles sujeitos que estão em cena neste momento e para todos aqueles que não estão incluídos, mas desejam fazê-lo.

Muito embora, o novo trabalhador não precise desenvolver o conhecimento intrínseco do trabalho caracterizados pela habilidade, experiência profissional, homogeneidade cultural e pelas linhas tradicionais dos segredos do ofício, ele precisa de outras características que vão lhe permitir estar adequado a este novo quadro, que está posto aí, à imagem e semelhança de um modelo tido como fundamental para a expansão capitalista. Neste quadro, o que é imprescindível para o novo trabalhador? Segundo Lopes estas características são: flexibilidade, rapidez, resistência nervosa, atitudes maquinais, docilidade, passividade, todas elas qualidades, *sine qua non*, para a sujeição deste novo modo de produção.

Neste ponto, quando se leva em consideração o caráter reprodutivo da escola e que esta escola recebe as influências do meio onde está inserida, portanto assimilando a nova cultura, vê-se que no ato de reproduzir, ela transfere também para os trabalhadores as novas características e contribui para a formação do novo trabalhador.

As transformações ocorridas no mundo do trabalho industrial, ao longo do tempo, foram facilitadas pela escola que entrou com a sua parte de contribuição, quebrando os ímpetus dos instintos decorrentes da animalidade humana, que são inadequados à cultura do ambiente industrial, e os racionaliza de acordo com a disciplina estabelecida como conveniente para aquele momento, para aquele lugar e para aquela atividade. A escola presta o serviço de naturalizar as novas conveniências de uma outra cultura que se impõe. De certa forma, é assim que se estabelece o processo de hegemonia, da dominação. Todo processo histórico que registra as lutas de classe é marcado por resistências a este, tão propalado, processo de dominação.

Neste momento, nem os trabalhadores, organizados de forma coletiva, têm condições de enfrentar e mudar esta situação. Primeiro porque a ferramenta mais eficaz para as lutas de classes, que são os sindicatos, encontra-se enfraquecidos diante das mudanças na estrutura política dos Estados, com medidas que visam fragilizar o contrato de trabalho, tais como: contrato temporário, contratos por tempo parcial, cooperativas de trabalho, desemprego temporário, renda variável, etc. O segundo ponto é que diante de um quadro de desemprego dominante (10 a 11% da população ativa) é muito mais difícil estabelecer unidade entre os trabalhadores, dada a insegurança que campeia o ambiente de trabalho. Um outro dado relevante é que a mudança nas formas de produção, onde a máquina incorporou, nos seus programas de *hardware* e *software*, parte do conhecimento e até parte da habilidade que era do trabalhador e uma outra parte saiu do controle do trabalhador quando o sistema substituiu os “segredos profissionais” por um trabalho reduzido à repetição de gestos fragmentados e padronizado que, de certa forma, não mais requeria o operário profissional (Taylor apud Lopes), e onde este operário profissional poderia ser facilmente substituído pelo operário-massa, aumentando ainda mais a insegurança do trabalhador cujo vínculo com o trabalho passou a ser frágil porque não mais era centrado no conhecimento.

Outro ponto muito importante é que o discurso globalizado que dá ênfase à competitividade, como ferramenta indispensável para sobrevivência das empresas, foi tão bem construído que, até na linguagem informal do trabalhador atual, se percebe as nuances desta eficiente comunicação estabelecida com o firme propósito de fazer desta ideologia o novo padrão de cultura para um novo período de dominação capitalista.

Faz sentido, dentro deste quadro apresentado, a citação de Bourdieu a respeito do funcionamento da escola e sua função de conservação social. A escola com o seu caráter de reprodução dos valores sociais torna-se um marco importante na configuração dos novos quadros na distribuição dos privilégios, uma vez que o processo de seleção e recrutamento dos novos educandos, capazes de satisfazerem às exigências que se lhe impõe, objetivamente, são feitas com base no capital cultural de cada um e na aptidão que estes indivíduos têm para fazer frutificar este capital. Este modelo de recrutamento não permite que surja as contradições capazes de determinar uma transformação profunda na lógica segundo a qual funciona este sistema. Sem problematizar esta questão a instituição escola estará fadada a fazer a manutenção e transmissão da cultura legítima de exercer suas funções de conservação social. Neste sentido vem a afirmação de Bourdieu que corrobora o exposto.

Ao atribuir aos indivíduos esperança de vida escolar estritamente dimensionadas pela sua posição na hierarquia social, e operando uma seleção que – sob as aparências da equidade formal – sanciona e consagra as desigualdades reais, a escola contribui para perpetuar as desigualdades, ao mesmo tempo em que as legitima. (Bourdieu, 1966, p 58).

Segundo Bourdieu, esta legitimação ocorre quando o sucesso excepcional de alguns indivíduos, que escapam ao destino coletivo, dá uma espécie de legitimidade à seleção escolar, ao mesmo tempo que confirma o mito da escola libertadora para aqueles mesmos elementos que ela eliminou, fazendo crer que o sucesso é uma simples questão de trabalho e de dons. Desta forma o sistema escolar pode, espelhado na sua própria lógica, servir à perpetuação dos privilégios culturais sem que os privilegiados tenham de servir se dele. Assim fica formalmente sancionado as desigualdades culturais conforme aos ideais democráticos e com a melhor das justificativas para esta desigualdade.

Quando o sistema cobra maior escolaridade para os trabalhadores ele o faz de forma estratégica, dissimulando artificialmente suas intenções e deixando transparecer que ele está agindo coerentemente com a escola e sua função de conservação social. Basta para isto olhar o quadro de desemprego e exclusão social ambos pressionados no sentido do aumento de seus índices, de tal sorte que pode se considerar privilegiado todo aquele que estiver ou conseguir emprego formalizado, ainda que o seu trabalho tenha sofrido e continue sofrendo o processo de precarização.

A educação está inserida no meio deste processo e interagindo com sua forma de se organizar e com isto ela entra em contradição com a natureza da instituição educacional e a própria natureza do processo educativo. O capital, por sua vez, para produzir precisa de um conjunto de atributos indispensáveis à produção – a força humana, o saber acumulado e a tecnologia – que se articulam objetivamente para viabilizar a obtenção do produto dentro das indicações do mercado. Mas o sistema, intencionalmente, privilegia as inovações tecnológicas em detrimento das demais. Neste ponto é interessante tomar a citação de Jorge Cammarano que diz:

Neste sentido, dos três elementos das forças produtivas – a força humana, o saber acumulado e a tecnologia – o último predomina, exercendo a sua influência sobre os outros. Como a tecnologia é considerada neutra e servidora de todos os homens, não se reflete mais sobre os seus fins, ela se torna o próprio fim. Desta maneira, contudo, por não se refletir sobre os fins aos quais a tecnologia se volta, ela é defendida por todos, o que auxilia as reproduções sociais. (Cammarano, 2003, p 39.)

Dos aspectos analisados, que reforçam as práticas da reprodução social pela escola, alguns são decorrentes da própria instituição escolar, está nos seus valores, os outros são oriundos do oportunismo do capital que, astuciosamente, utiliza as brechas deixadas no sistema escolar e as transforma em vantagens próprias, através de uma maquiagem adequada da linguagem utilizada, convencendo, sem muita agressão, a opinião pública em favor da aceitação hegemônica do capital.

Por outro lado é possível entender porque a educação recai exatamente sobre as instituições escolares. O custo da formação escolar destes sujeitos é delegado às instituições escolares, pois há uma aposta, muito significativa, que a melhor forma na sociedade contemporânea, para preparar este trabalhador, para estas funções, faz se através da escolarização regular, por que tem toda uma

tradição, toda uma origem, todo um processo desenvolvido ao longo do tempo para este atendimento específico.

Sobre as justificativas para melhorar a escolaridade do trabalhador, há algo muito sutil, uma certa ideologia que é sustentada por um discurso de que se pode reduzir o conflito de classes através da melhoria de todos. E que esta melhoria passa necessariamente pela escolarização. Daí vem o discurso de que se precisa melhorar a vida de todos, porque todos precisam ficar bons, mas que para isto todos tem que ter a escolaridade adequada. Na verdade isto é falso. Porque este discurso não é o discurso do bonzinho. É o discurso da lógica do sistema com uma perversidade embutida, que aumenta a competitividade entre os próprios trabalhadores.

O que resulta deste processo?

Para o lado da empresa maior eficiência, maior produtividade, maior lucratividade. E para o lado social, para aqueles que estão inseridos, maior produtividade, maior ajustamento, maior consumo. E isto, do ponto de vista dos indivíduos, significa estar no mato sem cachorro, ou faz ou dança. O trabalhador, individualmente, não tem nenhuma opção de não fazer isto, porque esta é a condição fundamental para estar no processo de inclusão. Então ele se vê obrigado a jogar este jogo.

Com os trabalhadores, enquanto classe, há possibilidades de se tratar esta questão de forma diferenciada, porque o espaço dentro da classe permite construir modelos de educação que contribui para a melhoria da qualidade de vida geral dos trabalhadores em um processo de organização numa outra lógica ideológica, que não é a da empresa, ainda que de qualquer maneira corresponda também às necessidades da empresa. De qualquer maneira, pode-se dizer que será uma escola de mobilização, de organização, de conscientização como, por exemplo, as escolas que foram organizadas pelos sindicatos da região do ABC. Mas estas escolas, normalmente, não são usadas pelas empresas, porque tendo ela uma lógica ideológica diferente ela pode criar conflitos com a ideologia da empresa em questão.

Esta disputa remete a discussão da questão do poder, quem determina a educação e a quem ela serve? Basicamente este texto responde em muitos momentos esta questão que está ligada com a fé de quem patrocina.

Seria razoável perguntar, o que há de mais perverso neste discurso?

O discurso de que aquele que estuda mais, melhor se insere no mercado de trabalho e desenvolve melhores condições esconde, propositadamente, aspectos extremamente significativos. Porque com isto se transfere para o trabalhador a responsabilidade sobre a sua formação e esconde que o aumento desta escolaridade não é uma forma de melhorar a vida dele, mas é uma forma de aumentar a lucratividade e a disputa pelo mercado entre as empresas. E mais que isto, ao ampliar, significativamente, a mão de obra disponível com estas características, evidentemente, as empresas não precisarão aumentar os salários, já que haverá um grande contingente de trabalhadores com estas condições. Então o aumento da população escolarizada não significa, necessariamente, o que se afirma num discurso genérico de aumento de salário, ou melhoria nas condições de vida destes trabalhadores. Uma coisa é certa, aqueles que não conquistam o grau de ensino exigido pelo sistema saem do mercado, aqueles que conquistam permanecem onde estão. Então ter uma maior escolaridade não significa um avançar na vida para quem se escolariza, o que pode ser considerado perverso.

Na verdade, tem um outro ponto que se caracteriza como o mais importante deste processo, pois a tradição que identifica cidadania com o exercício de um trabalho e, portanto, o emprego como um direito do cidadão se perde, pois as empresas e o próprio Estado passa a se eximir dos encargos com o emprego e fazem do desemprego uma responsabilidade individual do próprio desempregado (Matoso, ano).

Daí surge o conceito de que a “empregabilidade” é de inteira responsabilidade do indivíduo por seu emprego e desemprego. Trata-se de uma clara tentativa de transferir riscos e responsabilidades aos mais fracos, fazendo o trabalhador assumir sua empregabilidade, por meio de formação profissional requalificação, etc. Não que as empresas e o Estado não destine alguns recursos para os cursos de formação profissional, mas são, absolutamente, incapazes de gerar mais postos de trabalho. Esta iniciativa é bastante coerente com a situação descrita. Neste caso a contribuição mencionada entra para acirrar os ânimos e “salve-se quem puder”. Numa brincadeira tragicômica Jorge Matoso descreveu esta situação da seguinte forma.

A ação de empresas e governo tem destruído o mercado de trabalho e mais parece o jogo da “dança das cadeiras”. A cada parada da música somem cadeiras do jogo. Aqueles que podem melhor disputar sua cadeira assim o

fazem, enquanto os outros, cada vez em maior número ficam assistindo em pé. (Matoso, 1996, p 20).

Com isto, acirra-se cada vez mais a disputa pelo emprego. É uma das ferramentas, muito bem vista, pelo mercado é o aumento da escolaridade. O trabalhador que tem condições de buscar esta condição o faz as suas expensas, assumindo inteiramente o ônus desta preparação escolar e profissional os demais, que não têm recursos, são condenados à exclusão. E, com isto, fecha se o círculo vicioso de que o mais preparado entra no mercado de trabalho e o sem preparo cai na exclusão.

Enquanto isso empresas e governo optam por não enfrentar o problema do emprego via crescimento econômico e aumento da demanda de mão de obra e querem resolvê-lo por meio da redução do custo da mão de obra. O que contribui, ainda mais, com a degradação da qualidade do emprego, pois a qualidade dos poucos empregos criados torna-se inferior à dos eliminados.

Neste ponto, é muito importante utilizar o conceito de fabulação de Milton Santos (2002), onde ele afirma que algumas fábulas e mitos são fundamentais para o desenvolvimento deste período histórico que afeta e altera, de forma generalizada, todos os valores que compõe a atual estrutura do sistema tais como: Aldeia Global, Espaço e Tempo Contraídos, Humanidade Desterritorializada, Cidadania Universal, Politização das Estatísticas, Morte do Estado.

Estas fábulas e mitos atuando, simultaneamente, desenvolvem o contexto atual de uma globalização perversa, onde os trabalhadores entram também como vítima deste sistema. Como foi mencionada no tópico referente “a globalização dos mercados e da economia” a mudança da ética em função de um novo “ethos”, a velocidade das comunicações, a natureza destas comunicações que atende a objetos específicos, o interesse do capital sempre centrado na mais valia, a alteração de todo um contexto de forma muito violenta deixa os trabalhadores órfãos de suas referências convencionais e passam a se comportar de acordo com o modelo de mundo apregoado pelo espaço midiático. .

A Globalização dos Mercados e da Economia

Quando se pensa, isoladamente, nos trabalhadores de uma empresa que cumprem fielmente as suas rotinas de trabalho e obedecem, respeitosamente, os parâmetros de produção com base nos conceitos das formas de produção daquele

momento pode-se indagar o que tem o processo de globalização a ver com cada um deles? Por que este processo mexeu tanto com os trabalhadores e com a sua formação profissional e sua escolaridade?

Na realidade o processo de globalização não mexe somente com os trabalhadores ele exerce forte influência na sociedade de forma generalizada. O direcionamento da pergunta específico aos trabalhadores é para manutenção do foco que interessa ao processo de análise em questão.

Formular respostas completas a estas questões demanda um conhecimento profundo do atual sistema de forças dentro do mercado mundial de produção e consumo, políticas governamentais, políticas educacionais, políticas econômicas regionais e globais, em resumo, conhecer como está estruturado todo este sistema. O objetivo aqui é simplesmente o de dar algumas correlações entre causa e efeito, a fim de permitir discutir, oportunamente, com mais embasamento científico, ao processo de escolarização, que se dá a partir de 1998, numa empresa que teve parte de seu contingente operacional (85%) dado como, teoricamente, inadequado, do ponto de vista escolaridade, quando numa decisão política instituiu, a partir daquele momento, o ensino médio como sendo a escolaridade mínima para contratação de novos funcionários. E para aqueles que já eram funcionários da empresa e se encontravam em desalinho com esta medida foi dado um tempo de oito anos para fazer a adequação.

O processo da globalização é um aprimoramento do comércio como organizador da atividade econômica no mundo (Milton Santos). Ela é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. E como tal tem muita capacidade de regulamentação, em todos os espaços geográficos, através do seu poder de influenciar decisões pela pressão econômica e pela ideologia de dominação sempre presente nas suas estratégias de atuação.

Segundo Milton Santos (2004), para entender a globalização é preciso considerar dois elementos que são tidos como fundamentais: o estado das técnicas e o estado da política. E que os dois valores em convivência simultânea são os responsáveis pela criação e o desenvolvimento da história.

As técnicas são apresentadas como um sistema que combinadas entre si na realização de um trabalho, num determinado espaço temporal e geográfico, definido constitui o que se chama de história. O aprimoramento das técnicas é um processo extremamente dinâmico, uma vez que, ele também é impulsionado pela própria

pressão do mercado que fomenta as ciências a desenvolver novas ferramentas com vistas a criar novos modos de produção e redução do seu custo. O desenvolvimento dos sistemas de informação é uma consequência deste dinamismo, que passaram a exercer um papel de elo entre as demais, unindo-as e assegurando ao novo sistema técnico uma presença planetária.

Porém, ao lado do estado das técnicas está o estado da política que, de forma eficaz, assegura a emergência de um estado dito global que é o resultado decorrente das ações políticas implementadas para desenvolver um ambiente profícuo ao clima global.

O aparecimento desta condição é assim explicado por Milton Santos:

Os fatores que contribuem para explicar a arquitetura da globalização atual são: a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representado pela mais valia globalizada. (Santos 2002, p 24).

Alguns conceitos de Milton Santos sobre este assunto podem ajudar a mostrar a influência da chamada globalização na rotina dos trabalhadores.

Considerando, em primeiro lugar, a emergência de uma dupla tirania, a do dinheiro e a da informação, imediatamente relacionadas. Ambas, juntas, fornecem as bases do sistema ideológico que legitima as ações mais características da época e, ao mesmo tempo, buscam conformar segundo um novo "ethos" as relações sociais e interpessoais, influenciando o caráter das pessoas. A competitividade, sugerida pela produção e pelo consumo, é a fonte de novos totalitarismos, mais facilmente aceitos graças à confusão dos espíritos que se instala. Tem as mesmas origens a produção, na base mesma da vida social, de uma violência estrutural, facilmente visível na forma de agir dos estados, das empresas e dos indivíduos. A perversidade sistêmica é um dos seus corolários.

Dentro deste quadro, as pessoas sentem-se desamparadas, o que também constitui uma incitação a que adotem, em seus comportamentos ordinários, práticas que alguns decênios atrás eram moralmente condenadas. (Santos 2002, p 37).

A emergência do dinheiro e a força da informação se apresentam como o motor da vida econômica e social. Mas as fábulas e os mitos são instrumentos imprescindíveis para a configuração deste modelo de globalização. É legítimo indagar como estas fábulas e mitos se relacionam?

Na verdade, todos estes valores estão a serviço do dinheiro que, conforme já foi dito, é o patrocinador e fomentador de todas estas criações que, estrategicamente, são desenvolvidas e organizadas para viabilizar a manutenção, ou

até mesmo o aprimoramento, do sistema para garantia da obtenção da “mais valia” para o capital.

Posto isto, a informação toma, para si, a responsabilidade de fazer a veiculação do que interessa ao sistema. Prevalece-se do fato de que a comunicação se tornou possível à escala do planeta, permitindo saber instantaneamente o que se passa em qualquer lugar, dando a idéia de que não há mais barreiras para as notícias. Barreiras do tempo, das distâncias, do idioma, da cultura, etc. Mas quando esta comunicação se dá, na verdade, ela vem impregnada de objetos. A informação sobre o que acontece não vem da interação entre as pessoas, mas do que é veiculada pela mídia, uma interpretação interessada, senão interesseira, dos fatos.

Um outro mito imprescindível na construção deste sistema é o do espaço e do tempo contraídos, pois em função deste se constrói o mito da aldeia global. A noção de espaço e tempo contraídos é decorrente dos prodígios da velocidade. Mas, apesar de ser inquestionável o fato de ser muito veloz o processo de comunicação, também não se pode negar que a referida velocidade está ao alcance de um número reduzido de pessoas. E isto faz com que as distâncias tenham significados e efeitos completamente diferentes para as diferentes pessoas. Não é o fato de se ter o mesmo relógio que se pode garantir a mesma economia de tempo.

A idéia de globalização pressupõe o sonho de um mundo só. Os conceitos de aldeia global e espaço-tempo contraído viabilizariam a realização deste sonho de um mundo só, uma vez que pelas mãos do mercado global todos os valores componentes deste sistema tais como: coisas, dinheiro, hábitos, gostos, relações se difundem com muita facilidade nos continentes, passando por cima das raças, línguas, religiões, costumes como se o tecido social particular construído por séculos a fio, por um povo em um determinado país, não tivesse nenhuma importância para aquela sociedade em particular.

A Influência da Globalização no Brasil e nas Políticas do Governo

Alguns aspectos determinantes da globalização com implicações nas políticas econômicas adotadas, para as empresas brasileiras, que produziram mudanças significativas no sistema de gestão dos seus processos de forma geral com vistas à competitividade.

As empresas brasileiras, de forma geral, diante da abertura da nossa economia ao mercado internacional, verificada com maior intensidade nos anos 90,

buscam novas formas para se manterem competitivas. Novas formas de gestão e organização do trabalho, aumento da produtividade e da qualidade dos produtos, redução de custo e conquista de novos mercados passam a ser preocupações, repetidamente, enfatizadas pelos capitalistas que, a partir desta data, lançaram uma grande ofensiva política objetivando mudanças na estrutura da economia brasileira, que se materializaram nas propostas de privatização de setores de infra-estrutura comandados pelo Estado, em mudanças na legislação trabalhista e da previdência social, na reforma administrativa e tributária, etc.

Quando se olha para a história do Brasil, principalmente no final da década de 80 e início da década de 90, observa-se que prevaleciam duas condições legais e fundamentais que facilitavam a competitividade das empresas sem maiores preocupações com a produtividade e a qualidade dos seus produtos (Falconi, 1998, p 126).

a) Era proibido importar produtos ou serviços com “similar nacional” (ainda que estes fossem de má qualidade e tivessem preços proibitivos).

b) Os preços praticados pelas empresas eram “negociados” com o CIP (Conselho Interministerial de Preços) a partir de uma equação perversa.

$$\text{CUSTO} + \text{LUCRO} = \text{PREÇO}.$$

O mecanismo legal, da proibição das importações para aqueles produtos e serviços que tinham similares nacionais, associado à precisão da equação acima permitia às empresas negociarem o lucro desejado, com base em custo de produção o mais elevado possível que muitas vezes nem eram justificado por planilhas de custos específicas. E quando era muitas vezes não retratava a realidade da empresa. O lucro de uma empresa era praticamente negociado em Brasília no CIP (Conselho Interministerial de Preços).

A partir de 1992 esta prática foi eliminada e os preços passaram a ser, apenas, “controlados” em alguns setores de produção e serviços e a importação foi liberada, ainda que com alíquotas elevadas (com um programa quinquenal de decréscimo). A equação passou a ser a seguinte:

$$\text{PREÇO} - \text{CUSTOS} = \text{LUCRO}.$$

O estágio definido por esta equação identifica uma situação de crise, embora temporária. Os preços reais caíram pelo início da entrada de produtos estrangeiros e também por algum tipo de controle imposto por políticas de controle de preços por órgãos governamentais. Neste período o custo de produção das empresas era

elevado e um programa de redução de custo efetivo é de médio e longo prazo com isto o lucro de muitas empresas desabou. Esta situação desfavorável de redução ou cessação do lucro, ameaçando o objetivo primordial das empresas, pressiona ainda mais a redução do efetivo de trabalho como forma de atenuar os efeitos da referida situação. O corte dos gastos com pessoal é uma forma muito rápida de reduzir custos de produção, porém as conseqüências para a sociedade são danosas.

A partir daí o mercado passa a estabelecer a sua lógica e cobra da sociedade e dos sistemas de gestão da política econômica do governo o avanço no processo de liberação da economia onde não só o preço, mas também o lucro será estabelecido por ele (Mercado). Na linguagem capitalista o preço como remuneração justa do valor agregado e o lucro como remuneração justa pelo capital empregado. Desta forma a equação passará inevitavelmente a ser:

PREÇO – LUCRO = CUSTOS: Onde o Preço e o Lucro são estabelecidos pelo mercado.

Esta equação traduz fielmente a conceituação de mercado livre que está embutido nos conceitos de globalização da economia mundial. Ela pode ter um significado cruel para muitas empresas e até mesmo países.

Por que esta condição pode ser considerada cruel?

Porque o preço praticado é definido pelo mercado globalizado que não leva em consideração as dificuldades ou facilidades e as particularidades que cada empresa ou país têm para produzir. Considera somente a ideologia capitalista e induz aos interessados que a ferramenta indispensável, para a solução do impasse, é a competitividade. Com isto a lista de produtos que estão dentro do conceito considerados como *commodity* aumentou e apresenta tendência constante de crescer ainda mais. Uma forma eficiente que o mercado utiliza para definir preço sem se preocupar com as variáveis envolvidas no processo produtivo, com as condições sociais dos países, com os recursos naturais, com a situação geográfica, ou seja, não se preocupa com as condições estruturais que estão presentes em cada contexto.

Para ilustrar o exposto, imagine que uma empresa decida fabricar um produto já existente no mercado: um televisor, por exemplo. O preço está estabelecido pelo mercado e a empresa precisa ter um lucro, no mínimo, compatível com as taxas de retorno dos juros do sistema financeiro, normalmente, internacional. Portanto, o custo máximo que o produto poderá ter está definido. Em resumo a empresa precisa

de uma equipe que seja capaz de captar fielmente as necessidades de seus futuros clientes, especificar o produto, projetá-lo, projetar o processo, projetar a logística de suprimentos e escoamento, vendas e assistência técnica dentro deste custo ou, fatalmente, a empresa estará fora do mercado.

Do ponto de vista comercial estar dentro do mercado é o dado mais importante para uma empresa. Mas o fato da empresa estar hoje dentro do mercado não significa garantia de sua sobrevivência. Para sobreviver ela precisa ser competitiva. E o que é ser competitivo dentro do conceito atual?

A competição não é praticada hoje somente dentro das empresas com os conceitos tradicionais de aumento da produtividade. Entendendo também como produtividade a taxa de valor agregado ao produto. Mas a competitividade atual das empresas extrapola os seus muros de proteção física e invade o cotidiano das pessoas e se apresenta como a melhor solução para cada uma das necessidades do consumidor, que está encantado com as maravilhas do chamado mundo moderno, estrategicamente, vendido pelo discurso globalizado.

Como isto se apresenta ao consumidor?

De forma extremamente sedutora. “Garantia da Qualidade”. O consumidor adquire um produto de alto valor agregado que combina com o seu sonho de consumo, que normalmente é sugerido pelo próprio sistema, e ainda por cima recebe a garantia de qualidade do produto consumido ou a ser consumido. Normalmente esta garantia de qualidade se amarra a uma série de requisitos que embute novas aquisições por parte do consumidor. Mas o consumidor não repara que o produto já vem com a sua obsolescência programada o que, de certa forma, dispensaria a garantia da qualidade.

Segundo Falconi – um dos ícones do controle de qualidade no Brasil –, a garantia da qualidade é vendida da seguinte forma.

Garantir a qualidade é garantir a satisfação do cliente por um longo tempo a um preço que este possa comprar (o que significa custo baixo) e de forma melhor que os concorrentes. Satisfazer os clientes é atender a maior parte possível de suas necessidades (que mudam constantemente), no prazo certo, no local certo, na quantidade certa e de forma segura para o cliente (Falconi 1998, p 128).

Quando este conceito extrapola os domínios físicos da empresa ele, sutilmente, se infiltra na suposta individualidade do consumidor e atende a um desejo que poderia ser subjetivo, se não fosse pela influência que a publicidade

comercial exerce sobre o cotidiano, que desta forma, perde a subjetividade e passa a assumir uma nova dimensão que contempla as intenções repassadas pela publicidade que como se sabe, quer nos levar a consumir a qualquer preço. Uma publicidade deliberada e maciçamente, produzida para não nos dar tempo para qualquer tipo de reflexão, impedindo o livre pensar. Plagiando Ferreira Gullar, Folha de S. Paulo, 13/03/05 quando ele faz referência ao inconsciente coletivo da sociedade que a permite comportar-se ao sabor dos interesses de quem patrocina.

E, como o silêncio induz a pensar, tendo a concluir que essa barulheira deliberada é para fugir à reflexão. Trata-se de uma sociedade que prefere se atordoar a se conhecer. (Gullar, 2005, pE 10)

Outra sutileza embutida no conceito de garantia da qualidade apresentado por Falconi é quando faz a viagem de volta aos domínios físicos da empresa. O sistema de garantia da qualidade ao tomar os interesses corporativos os distribui individualmente com uma forte conotação emocional, buscando fazer crer que o laço entre o cliente final não se faz via empresa, mas na realidade se faz com cada trabalhador em particular. Uma espécie de propaganda comercial feita de fora para dentro da empresa, usando o poder econômico do mercado para o desenvolvimento de uma ideologia de trabalho compatível com o atual conceito de competitividade fundamental para a sobrevivência das empresas. Um discurso centrado numa política de recursos humanos que remete a administração a buscar apoio nas emoções dos trabalhadores, propondo uma visão de futuro compartilhado por todos. Estamos todos no mesmo barco e temos que sobreviver.

Portanto, dentro deste conceito, a qualidade só pode ser garantida se todas as pessoas da empresa praticarem o “controle da qualidade” de forma voluntária e motivada, buscando sempre garantir a satisfação do seu cliente mais próximo de forma melhor que seu equivalente nas empresas concorrentes. A “garantia da qualidade” , como aqui colocada, deve ter como objetivo a sobrevivência da empresa na guerra comercial e não apenas satisfazer a algumas exigências de normas nacionais ou internacionais (Falconi, 1998, p 128).

Esta estratégia de convencimento utiliza, de forma brilhante, os recursos da informação, disponíveis no momento, e aproveita da confusão formada diante do aprimoramento das técnicas que deveriam permitir a ampliação do conhecimento do planeta, dos objetos que o formam, das sociedades que o habitam e dos homens em sua realidade íntima. Mas como este conhecimento só é veiculado depois de

Capítulo II – O Telecurso 2000

Um Breve Histórico.

O TC 2000 é uma parceria entre o sistema FIESP e a Fundação Roberto Marinho criada em dezembro de 1993. O início efetivo dos trabalhos se deu em janeiro de 1994. Um projeto de grande envergadura voltado basicamente para o mundo do trabalho exigia uma gestão própria e bem estruturada. Para isto foram criados um Comitê Diretor composto por um representante de cada instituição e também um Conselho Editorial, formado por quatro representantes e um técnico indicado de comum acordo pelas duas instituições participantes, com a função específica de assessorar o Comitê Diretor.

Os fundamentos básicos deste projeto elaborados pelo Comitê Diretor foram desdobrados em outros documentos com um melhor detalhamento de seus conteúdos, visando facilitar a sua operacionalização. Os quatro documentos gerados permitem uma visão mais clara do projeto para o leitor. São eles:

- ♦ Fundamentos e Diretrizes;
- ♦ Sistema de Utilização;
- ♦ Capacitação de Recursos Humanos;
- ♦ Manual do Orientador de Aprendizagem.

O documento “Fundamentos e Diretrizes” considerado como o referencial básico para estabelecer as linhas gerais do TC 2000 foi desenvolvido por uma consultoria especial e nele se encontram os fundamentos, a estrutura, o sistema de funcionamento e a avaliação e certificação do TC 2000.

Uma informação interessante dentro do processo de desenvolvimento do TC 2000 e que, de certa forma, ajuda a desenvolver um entendimento melhor por parte dos leitores, são as razões elencadas pela Fundação Roberto Marinho e o sistema FIESP para criação da parceria entre elas e que são apresentadas da seguinte forma:

Ao viabilizar a realização do projeto “Telecurso 2000 de educação para o trabalho” a Federação das Indústrias de São Paulo – FIESP –, o Serviço Social da Indústria – SESI – SP, o Serviço Nacional de Aprendizagem – SENAI – SP e a Fundação Roberto Marinho – FRM – assumem inquestionável posição de liderança no esforço pela construção do país no próximo milênio, participando ativamente das ofertas educacionais e sociais que se fazem ao homem brasileiro, para proporcionar-lhe desenvolvimento técnico e humano. Por isso, conscientes de sua necessária responsabilidade social, estão propiciando a milhares de cidadãos o exercício do direito à

educação, profissionalização e ascensão socioeconômica. Estão também trazendo benefícios para a melhoria da produtividade e qualidade do trabalho nas empresas e indústrias – redução dos acidentes de trabalho, além da possibilidade de acesso ao mercado de trabalho, e ou progresso profissional a amplas camadas da população. (FIESP/FRM, Apud Carvalho 1998 pag. 6).

A implementação deste projeto teve custo financeiro significativo, dado à necessidade da criação de toda a infra-estrutura para viabilização do seu funcionamento. Segundo informações colhidas na tese de mestrado de (Carvalho 1998) este custo foi acima de US\$ 43,000,000.00 que foram financiados pela Fundação Roberto Marinho 61 % e pela FIESP 39 %. O custo para financiamento do projeto juntamente com a argumentação para criação da parceria entre FIESP/FRM permite identificar a influência que o capital exerce nesta modalidade de educação. Quando se analisa a expressão ***“assumem inquestionável posição de liderança na construção do país no próximo milênio”*** que foi usada na justificativa para criação da parceria. Percebe-se aí a intenção clara, das instituições em questão, não só assumir o controle do projeto, mas interferir de forma ostensiva nos rumos da educação no país, haja vista que se trata de um projeto educacional. Toda justificativa usada para criação da parceria é permeada por críticas ao sistema de educação convencional e, ao mesmo tempo em que, faz alusões claras das expectativas que as instituições têm com relação às necessidades de transformações anunciadas pelo capital com relação à performance do homem brasileiro.

Portanto a posição do capital é clara. Ele trabalhou para estabelecer os referenciais básicos para orientar o desenvolvimento do “TC 2000”. As evidências ficam por conta da argumentação usada para aumento da produtividade, o que implica na maior competitividade das empresas para assegurar a sua sobrevivência, e na disposição de financiar o empreendimento, algo muito relevante dentro das empresas, pois se trata de liberação de dinheiro, mesmo porque as somas envolvidas nos valores de financiamentos foram altas e tiveram os seus respaldos no meio capitalista o que caracteriza o interesse do capital nesta modalidade de ensino.

As atribuições relacionadas com a estruturação final do projeto foram divididas entre as instituições participantes de acordo com a influência e a função específica de cada uma, como segue: O gerenciamento do projeto, a sua divulgação, a participação no Comitê Diretor com a responsabilidade pela qualidade

do produto final dos materiais produzidos (pedagógicos e publicitários) ficou a cargo da Fundação Roberto Marinho. O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI/SP) participou do Comitê Diretor com atenção especial aos conteúdos pedagógicos do telecurso de habilitação profissional. Ao Serviço Social da Indústria (SESI/SP) coube a participação no Comitê Diretor centrado uma especial atenção aos conteúdos pedagógicos do Telecurso do ensino fundamental e sua orientação geral. Os programas de TV, com quinze minutos de duração cada um, foram criados e produzidos pela empresa TVN – Produtora de vídeos educacionais e de treinamento – e a produção gráfica dos livros foi desenvolvida pela empresa Consultor de Comunicação Página Viva e editados pela Editora Globo.

O que é o Telecurso 2000 e quais são os Fundamentos Básicos para o seu Desenvolvimento.

O TC 2000 é uma proposta de ensino que compreende o ensino fundamental da 3ª à 8ª séries, as três séries do ensino médio e também contempla o ensino profissionalizante voltado para área de mecânica.

Muitas instituições brasileiras com alta credibilidade junto à sociedade trabalham com o TC 2000, tais como: FIESP, CIESP, SESI, SENAI, IRS e Fundação Roberto Marinho.

Para efeito de conceituação do telecurso tomou-se uma definição da Fundação Roberto Marinho que diz:

O Telecurso 2000 é uma proposta de educação à distância para dar atendimento, prioritariamente, a jovens e adultos que desejam fazer o curso ou complementar a sua escolaridade, seja ela no ensino fundamental ou ensino médio, bem como adquirir competências básicas para o exercício de uma profissão. (Telecurso 2000, 2º Grau, Fundação Roberto Marinho, pág 04).

Percebe-se claramente que a definição acima não atende a abrangência deste modelo de educação. Porque esta proposta de educação mexe com toda a estrutura da educação convencional e não só com a questão presencial ou a idade dos alunos. Mas com o seu conteúdo, com a sua didática, com o sistema de avaliação, o tempo do curso, etc. Para auxiliar na conceituação do que vem a ser Telecurso, mesmo assim de forma ainda precária, tomou-se uma outra definição dada pelo SESI/SP.

Proposta pedagógica que incide sobre os conteúdos do ensino fundamental e Ensino Médio e do profissionalizante – modalidade mecânica – a ser desenvolvida através da Tecnologia Educacional de ensino a distância incluindo: a) Aprendizagem individual (solitária – quando o sujeito aprende sozinho, por esforço próprio): e/ou b) Aprendizado em grupo (grupál – quando algumas pessoas se organizam em determinados espaços, tendo orientações de um instrutor). Nesta proposta, além da parte de ensino – aprendizagem dos conhecimentos básicos, busca se expor o aprendiz a situações de vida que lhe permitam construir, solidificar atitudes de cidadania indispensável ao desenvolvimento individual e da sociedade. (Telecurso 2000, Proposta Pedagógica – Idéias Básicas, pág 03).

A Fundação Roberto Marinho salienta ainda outros aspectos que parecem ser relevantes para a proposta desta modalidade de educação, quando afirma que se constitui numa ótima possibilidade de reciclagem para os professores e num reforço à aprendizagem dos participantes de modo geral, dentro da perspectiva de um processo permanente de educação, fortalecendo o conceito de educação continuada.

Mas além das definições fornecidas pelos referenciais didáticos específicos um olhar mais crítico sobre a realidade do TC 2000 permite descobrir aspectos dentro deste sistema de educação que pode ajudar a formação de um conceito mais claro a seu respeito, ou seja:

É uma modalidade de educação com didática e conteúdos programáticos diferentes daqueles da educação escolar convencional, pois ele trabalha com situações reais completamente distintas daquelas que norteiam os sistemas convencionais de educação escolar. Uma das características principais contempladas neste tipo de educação é que ele busca criar outros paradigmas educacionais com vistas a facilitar ainda mais o acesso a educação direcionada a fatia da população de jovens e adultos focado numa faixa etária dos 14 anos em diante numa menção muito forte a população evadida das escolas. Mas teoricamente é aberto a todos os interessados.

Quais são estes paradigmas?

A questão presencial, a redução do tempo do curso, a didática de ensino, a forma de avaliação do aluno, o próprio conteúdo programático (currículo), a questão da idade do aluno, a comprovação do conhecimento prévio por um sistema seqüencial de avaliação formalizado, os horários são flexíveis, avaliação para certificação, a polivalência, etc.

Diante do exposto surgem questões que são de natureza básica e precisam ser, oportunamente, aqui discutidas: a) Quais são as idéias básicas que sustentam a proposta pedagógica do TC 2000? b) Que implicações, que prejuízos podem ser creditados à educação convencional decorrentes desta nova modalidade de ensino com esta nova estrutura de funcionamento? Esta questão será respondida no Tópico “Algumas Críticas ao Modelo de Educação do TC 2000”.

Parece oportuno discutir neste instante a questão das idéias básicas de sustentação da proposta pedagógica desta modalidade de escola e de onde ela vem. Uma vez que esta conceituação abrirá espaço para novos questionamentos que serão fundamentais para um melhor entendimento da questão.

Instituições conhecidas tais como SESI – Serviço Social da Indústria, DEB – Divisão de Educação Básica, GEJA – Gerencia de Educação de Jovens e Adultos – num trabalho conjunto levantaram as idéias básicas para sustentação da proposta pedagógica. Mais adiante serão discutidos quais os fundamentos que foram tomados para dar suporte à referida proposta, ao mesmo tempo em que será analisado o contexto responsável para fornecer subsídios adequados à criação das idéias na visão de seus criadores.

As idéias básicas são:

- a) No final da década de noventa havia cerca de 35.000 milhões de brasileiros, jovens ou adultos, analfabetos ou evadidos dos sistemas regulares de ensino, por razões as mais variadas, e aí se incluindo a necessidade de entrar no mercado de trabalho para garantir sua sobrevivência.
- b) Dificuldade da escola pública em assegurar a permanência dos alunos nas escolas com conteúdos programáticos defasados, mal explorados, sem relação com a vida de sua clientela, escassez de professores, etc.
- c) A importância de um país como Brasil, com uma área territorial enorme e muita diversidade cultural, possuir um meio de comunicação (TV) que congrega toda a sua população.
- d) Necessidade do país possuir alternativas educacionais variadas que possam atender à população evadida das escolas.
- e) Experiência bem sucedida do Telecurso antigo, evidenciando que a aprendizagem dos conteúdos básicos da escola de Ensino Fundamental e Ensino Médio pode ser feito através de uma metodologia aberta.

Para definir e dar sustentabilidade ao Telecurso 2000 os seus idealizadores se apoiaram em quatro pontos tomados como primários: **Educação para o trabalho, ensino contextualizado, aprendizagem para habilidades básicas e construção para a cidadania** e que são os fundamentos que permeiam todas as disciplinas do TC 2000.

Educação para o Trabalho. Procuraram ajustar a sua aplicação, particularmente, aos jovens e adultos que, por razões as mais variadas, se inseriram no mercado (formal ou informal) de trabalho. Para atender estes dois segmentos sociais, busca-se promover uma educação básica que possibilite a melhoria das condições individuais de vida e trabalho e, conseqüentemente, da produção nacional.

Entre os aspectos listados para justificar esta argumentação está a estrita relação entre educar para o trabalho e a vida social do trabalhador, com a produtividade nas diferentes áreas da economia, além de outros como: Melhorar a qualidade da produção, evitar o desperdício, diminuir as alarmantes taxas de acidentes de trabalho e melhorar a qualidade de vida do trabalhador, na medida em que lhe permite assumir posturas mais críticas, em relação as seguintes dimensões: direitos e deveres do trabalhador e do empregador; integração trabalho lazer, trabalho saúde, trabalho aperfeiçoamento contínuo. Aspectos que são de certa forma observados no comportamento dos trabalhadores que estão bem inseridos nos seus respectivos contextos de trabalho, principalmente aqueles trabalhadores que têm vínculo empregatício com empresas, cuja infra-estrutura econômica, de RH, de processo produtivo, tecnológico, etc, estão ao nível do chamado primeiro mundo. E o argumento básico neste caso é:

Num mundo em que a competência dos indivíduos é evidenciada, avaliada através de seu desempenho do seu trabalho e em que a natureza do seu trabalho vem se tornando cada vez mais conceitual e abstrata, fica evidente que não existem mais barreiras entre educação e treinamento. (Telecurso 2000, Proposta Pedagógica – Idéias Básicas, pág 04, FIESP/FRM).

Assim sendo trabalhar passou a ser visto como sinônimo deste aprender decorrente das necessidades da produção.

Ensino em Contexto. Para isto olha-se o homem trabalhador sem escolaridade, dentro do seu contexto de trabalho, e observa o seu desenvolvimento dentro da dinâmica desenvolvida pelas empresas, principalmente, nas melhorias de

sua performance decorrente dos processos de treinamento para a função e dos processos da qualidade implementados pelas empresas para controle dos processos e produtos em atendimento ao mercado que tem regras sistêmicas de produção e consumo, como um aprender contínuo que se confunde com educação, eliminando as barreiras entre educação e treinamento, através da mudança dos conceitos dos dois valores em questão.

Estabelecendo em função desta observação uma inversão da ordem natural na relação escola e trabalho, onde em primeira mão busca-se a educação escolar para uma formação geral do homem e, somente, após esta formação busca se o trabalho com sua respectiva formação profissional. Para justificar este viés, os autores da proposta pedagógica do Telecurso 2000, argumentam com base no chamado “Ensino em Contexto” em que países onde a força de trabalho é educada e treinada de modo muito heterogêneo têm verificado que o local de trabalho surge como o espaço mais adequado à aprendizagem, pelo fato de viabilizar a convergência das diferenças e aptidões individuais e o treinamento prático de habilidades. Considerando que é no local de trabalho que se pode conjugar a oportunidade única de aprendizagem e transferência do que foi aprendido na relação teoria e prática.

Um outro ponto que surge como fonte inspiradora para esta “nova dimensão de ensino” , como é chamada pelos propositores do Telecurso 2000, vem, particularmente, das grandes empresas americanas e das forças armadas. Segundo estes propositores estas instituições descobriram a importância de usar situações práticas de trabalho como foco do aprendizado tais como: utilizar manuais de operação como cartilhas para alfabetização e pós-alfabetização, sob a alegação de que ao aprender o específico, criam-se pré-condições para dominar o aprendizado geral e, conseqüentemente, ler qualquer coisa. Uma inversão completa dos conceitos de uma educação mais crítica para a formação geral do homem.

Consideram como ponto de partida para o desenvolvimento de competências e habilidades indispensáveis à vida na sociedade pós-capitalista uma integração mais próxima entre o aprender e o fazer, acreditando que o fazer possa influenciar e induzir o homem ao aprendizado da leitura.

Habilidades Básicas. Usam ainda como justificativas do Telecurso 2000 o argumento de que é uma alternativa para uma nova modalidade de educação escolar, sob a alegação de que foi discutido, analisado, criticado com base na contextualização atual das necessidades da sociedade industrial e preparado, a

partir daí, para conferir ao seu aluno o desenvolvimento de aspectos comportamentais e valores hoje imprescindíveis ao trabalhador pós-capitalista, sem desprezar as habilidades básicas de ler, escrever, contar, resolver problemas simples de aritmética e geometria. Com relação aos aspectos comportamentais e valores considerados importantes para implantação do projeto são citados: a) competências cognitivas que se traduzem por: habilidade para aprender, para pensar criativamente, para tomar decisão e resolver problemas. b) qualidades pessoais que se projetam para: responsabilidade individual, auto-regulação, sociabilidade e integridade de caráter, auto-estima positiva. A expectativa com relação a incorporação destes valores é que o trabalhador se torne mais racional no uso dos recursos dinheiro, tempo, materiais; melhore os processos de comunicação e a sua relação com a tecnologia.

Neste ponto, é importante inserir no corpo do trabalho um argumento muito genérico usado pelos autores a respeito da sociedade pós-industrial, mas que entra como forma de justificar a utilidade e a eficácia do TC 2000. O termo genérico foi usado em referência à forma como o argumento foi lançado sem muita preocupação com a possibilidade de sua sustentação e muito menos com a sua defesa.

Na chamada “Sociedade Pós-industrial”, marcada pelo avanço científico e tecnológico, por amplos mercados, pela integração de regiões e países, pela mobilidade dos sujeitos, torna-se indispensável que o operário acrescente às habilidades básicas outras como: a) capacidade de organizar o pensamento e de resolver problemas numéricos; b) capacidade de ler e interpretar (decodificar com precisão o lido); c) entendimento de uma língua estrangeira para poder ler manuais; d) domínio de conhecimentos de economia e de técnicas de controle de qualidade para produzir mais e melhor, sem desperdício; e) capacidade de dialogar para aprender com o outro. (SESI, DEB, GEJA pág 4).

Não é uma crítica quanto a ser verdadeiro ou não o conteúdo da citação. Mas que relação real se pode estabelecer entre o contexto que ela apresenta e a capacidade que o projeto tem de transformar os seus alunos nos operários que o contexto descreve? Pode muito bem ser uma tendência das empresas a requisitar nos seus trabalhadores estas atribuições, mas daí a utilizar esta característica de mercado para simplesmente chamar uma modalidade de educação de eficiente, por esta simples razão, há uma diferença muito grande.

Construção para a Cidadania. E como último argumento de justificação para implantação do TC 2000 surge a cidadania como forma de completar o valor

educação para o trabalho. Com as grandes transformações ocorridas nas sociedades contemporâneas e, principalmente, no mundo das empresas tais como: a) avanço científico e tecnológico; b) pressões populares por força da democratização das instituições sociais; c) expansão dos meios de comunicação; d) informatização e automação; e) urbanização crescente; f) novas formas de relação entre as ciências, a tecnologia e a cultura vêm determinando que trabalhadores de todas as categorias e níveis hierárquicos adquiram o domínio de novos conhecimentos e cada vez mais amplo. É preciso desenvolver mecanismos de requalificação, pois os paradigmas têm vida muito curta, em função da velocidade das mudanças, e assim sendo uma nova cultura está se impondo sempre. Para lidar com esta característica atual, é preciso que trabalhadores, dirigentes e empregadores disponham de uma sólida base de conhecimento, aliada à capacidade de atuar, realizar, concretizar.

Para o TC 2000, as seguintes atitudes de cidadania devem ser exploradas para auxiliar no exercício das funções citadas. a) Valorização da escola, da criança, da família, do bem público, da honestidade, da pontualidade, do hábito de ler, de escrever; b) respeito ao idoso, às religiões, ao próximo, aos espaços públicos, às diferenças individuais, a horários, a direitos (e não a privilégios) ao patrimônio histórico e o respeito mútuo entre seres humanos; c) combate ao desperdício (de energia, dinheiro, alimentos, recursos), à fome, à violência, às desigualdades sociais (sexo, raças, classes, idades); d) compromisso com a educação (educação básica, educação com saúde, educação ambiental), com direitos e deveres, do cidadão, do trabalhador; e) cultivo das raízes culturais, dos processos democráticos de autodeterminação política e cultural e de organização comunitária.

Com os quatro fundamentos explicitados o TC 2000 considera que a garantia da unidade pedagógica do currículo esteja assegurada.

Estrutura do TC 2000.

O TC 2000 é uma proposta de educação à distância para dar atendimento, prioritariamente, a jovens e adultos que desejam fazer o curso ou complementar sua escolaridade até o nível do ensino médio.

O acordo inicialmente firmado entre a Fundação Roberto Marinho e o Sistema FIESP em 1993 permitiu a implantação do projeto e a partir daí teve crescimento considerável. Atualmente, conta com uma soma significativa de instituições de todos

os portes e áreas, incluindo-se, centenas de escolas públicas espalhadas pelo Brasil, além é claro, das instituições que participaram da sua criação e aplicação.

A seguir um quadro resumo da carga horária por segmento e por modalidade de aula.

CARGA HORÁRIA DO TC 2000

Segmento	Nº de Programas	C. Horária TV/VT	C. Horária Ind/Grupo	C. Horária Total
1º Grau	360	90	630	720
2º Grau	420	105	735	940
Curso Prof.	360	90	630	720
Total	1140	285	1995	2280

Fonte FIESP/FRM, 1994.

Recursos De Aprendizagem.

O TC 2000 combina o uso de programas de TV (Teleaulas) com materiais impressos próprios, referentes a cada disciplina.

A duração de cada aula na TV é de 15 minutos e corresponde a uma lição do livro. A expectativa com relação a esta aula na TV é que estimule o aluno a utilizar o material impresso, que são os livros textos do curso. Consideram importante o uso de dicionário para retirar dúvidas e leitura de jornais, revistas, livros e genericamente outras leituras.

Pode ser considerado também como recursos de aprendizagem o próprio orientador e o manual do orientador que é o seu livro chave.

Orientador de Aprendizagem.

Ele é considerado chave para o projeto, ou seja, a figura mais importante do teleposto. Cabe a ele dar todas as orientações para que os alunos possam aprender “tudo” que o telecurso oferece. Quanto aos aspectos relacionados com a pedagogia, é ele quem sistematiza e coordena as atividades das telessalas. Por isso, o sucesso de qualquer telessala depende da sua presença, dedicação, habilidades no preparo de estratégias pedagógicas e no gerenciamento da rotina. É a ele que os alunos devem recorrer quando tiverem dúvidas sobre a aula na TV, textos e atividades do material impresso, métodos de estudo – individual ou em grupo, etc.

Como Participar.

O TC 2000 é aberto a todos os interessados, e o participante pode escolher entre três alternativas diferentes aquela que mais se encaixa dentro das suas necessidades e possibilidades.

Alternativa 1: Recepção Organizada. O participante faz a sua inscrição e freqüenta uma telessala instalada numa instituição privada ou pública. Neste caso, os alunos se reúnem com a presença do orientador de aprendizagem e realizam atividades individuais ou em grupo.

Alternativa 2: Recepção Controlada. O participante assiste as teleaulas sozinho em pequenos grupos em qualquer lugar onde houver um aparelho de TV disponível: em casa, na casa de um amigo, no sindicato, na igreja, no clube, no trabalho sem necessitar da presença do orientador de aprendizagem durante a veiculação dos programas. Neste caso, o participante faz sua inscrição num centro controlador e freqüenta o curso pelo menos uma vez por semana ocasião em que recebe orientação específica sobre as suas dúvidas.

Alternativa 3: Recepção Livre ou Isolada. O participante assiste as Teleaulas em qualquer lugar, sem nenhuma orientação anterior ou posterior e, portanto sem freqüentar a telessala ou o centro controlador. Esta modalidade é destinada para aqueles participantes que tenham total impossibilidade de freqüentar uma telessala ou centro controlador.

Como Obter Certificado de Conclusão.

O participante pode prestar os exames supletivos oficiais oferecidos pela Secretaria de Educação de cada Estado. Para isto o participante precisa seguir os seguintes passos:

- ♦ Informar-se sobre datas de inscrição, local e documentos necessários.
- ♦ Inscrever-se.
- ♦ Prestar os exames das matérias que desejar, não precisa aguardar a conclusão de todo o telecurso.
- ♦ Pedir, no local em que realizou as provas, o atestado da matéria em que foi aprovado. Quem é aprovado numa determinada matéria não precisa mais prestar exames dessa disciplina.
- ♦ Solicitar à Secretaria de Educação o certificado de conclusão, quando tiver sido aprovado em todas as matérias do TC 2000.

Algumas Críticas ao Modelo de Educação do TC 2000.

Quando se falou nas idéias básicas para desenvolver o TC 2000 e na criação de um novo paradigma para esta modalidade de educação surgiu logo a questão. Que implicações, que prejuízos podem ser creditados à educação convencional decorrentes desta nova modalidade de ensino com esta nova estrutura de funcionamento?

Claro que com a alteração de muitos parâmetros da educação convencional, para chegar numa estrutura educacional compatível com as necessidades que o TC 2000 se propunha a atender, perderam-se valores fundamentais importantes que poderia ajudar a fazer uma melhor educação geral. A proposta neste momento é falar um pouco destes prejuízos e, ao mesmo tempo, fazer uma crítica às falhas educacionais que o projeto TC 2000 comete quando apresenta a sua proposta de uma nova modalidade de ensino, tendo como contexto praticamente as mesmas condições que servem de sustentação para a educação convencional. Esta análise foi feita por Carvalho na sua tese de mestrado de 1998, sobre o TC 2000, e é muito significativa para se perceber algo que pode ser tomado como uma contradição sutil na proposta do projeto.

a) Quando os idealizadores do TC 2000 tomaram uma série de idéias básicas para estabelecer uma proposta pedagógica adequada ao projeto usaram como argumento de convencimento de que ele se destinava a atender aos jovens e adultos analfabetos ou evadidos das escolas e fazer uma educação de qualidade que fosse capaz de atender as novas necessidades decorrentes das transformações no mundo do trabalho ligadas à tecnologia, a informação, sistematização, a velocidade de mudança dos processos, etc. Uma escola que permitisse ao trabalhador o desenvolvimento de habilidades cognitivas que lhe permitisse interpretar e desenvolver conhecimento e capacidade de trabalhar com responsabilidade, integrado e conhecendo todas as etapas do processo. Isto para aqueles que já se encontravam no mercado de trabalho e para os que estavam fora deste mercado o argumento de uma nova educação era para inseri-los.

Porém, a base desta nova educação não corrige as condições que determinaram, na educação convencional, a geração daqueles que são considerados pelo projeto do TC 2000 os desajustados. Porque o conhecimento a que ele se refere e que se propõe a disponibilizar aos trabalhadores está cada vez mais associada à capacidade de reprodução e acumulação do capital, tornando se refém das grandes

empresas capitalistas, pois tornou se capital. Desta forma, o conhecimento não é, necessariamente, uma mercadoria neutra numa sociedade capitalista.

Um outro ponto importante a ser considerado é que prevalecem as condições que determinaram a divisão do trabalho, uma vez que os capitalistas mostram desinteressados em organizar o Telecurso em sua totalidade, com 360 aulas. Alegam que parte dos conhecimentos ali contidos não faz parte das suas necessidades imediatas. A partir deste ponto o SENAI tem procurado desenvolver o Telecurso profissionalizante em módulos específicos, buscando compatibilizar os seus conteúdos com as necessidades de cada empresa (Carvalho, 1998).

Com relação ao sistema educacional, ele contribui para a produção e reprodução sociocultural, através da naturalização do sucesso de uns e do fracasso de outros, fazendo a separação entre os capazes e os menos capazes. Porque o conhecimento entra na escola já de forma hierarquizada e seletiva. Acontece que o aprendizado do saber escolar se faz num contexto social completamente diferente. O espaço escolar é apresentado como um lugar onde as oportunidades são iguais para todos. O aprendizado na escola pode ser considerado natural quando se respeita o contexto social de cada aprendiz, mas quando se utiliza uma linguagem e um código que, possivelmente, alguns não conseguem decifrar não há condições de aprendizado adequado para aqueles que não dominam estes valores. E é neste contexto que a apropriação do saber, de um processo hierarquizado e seletivo, é apresentado socialmente como um processo natural e não como produto de relação de forças. Logo o fracasso escolar dos trabalhadores é genericamente apresentado como fracasso individual, sem olhar as causas. E assim o sistema educacional perpetua e contribui para legitimação das diferenças socioculturais.

Os resultados desta escola permitem classificar os seus alunos em dois níveis. Os que são vistos como possíveis contribuidores para a produção do conhecimento e os desajustados. Os primeiros são contratados exatamente para isto, contribuidores para a produção do conhecimento. Estes elementos desempenham um papel ideológico muito importante ao assumir funções em todas as etapas do processo produtivo, ajudando a legitimar a subordinação do trabalhador ao capital. Enquanto que aqueles que foram considerados desajustados são distribuídos através da divisão do trabalho, por vários níveis, com normas e valores diferentes.

Na verdade a acumulação e o controle do conhecimento técnico é o produto direto da divisão do trabalho. O sistema educacional acaba legitimando esta divisão, dando

a ela um caráter natural porque aceita esta situação, possivelmente pela sua complexidade, pelo poder do capital que é o principal beneficiado desta condição.

Com relação a tudo isto é muito interessante a crítica abaixo que fala das artimanhas dissimuladoras da proposta do TC 2000 que propõe corrigir as falhas educacionais com o foco real na preservação das vantagens do capital e para o lado do trabalhador somente um discurso para sua valorização.

Os desajustados que o TC 2000 pretende escolarizar e qualificar são os mesmos que foram vítimas da cultura, dos valores, da linguagem burguesa e da divisão social do trabalho no capitalismo. Como pretende dar a estes condições para uma cidadania participativa? Mediante uma proposta educacional que no plano cultural propõe a valorização do trabalho e a valorização do indivíduo atomizado, deslocado da luta de classes que ocorre no capitalismo. Portanto, a partir de elementos que estão diretamente relacionados com as mesmas condições que os tornou desajustados.

O raciocínio apresentado acima mostra como a proposta do TC 2000, embora seja apresentada a partir de um discurso que valoriza o trabalhador, encontra seu limite na organização capitalista da produção e nas dificuldades que este enfrenta no momento, impostas pela estratégia de recomposição orgânica do capital e das taxas de lucro. No plano sociocultural, ideológico e político reafirma a neutralização dos processos sociais. No plano pedagógico, reitera a necessidade de uma educação profissional atrelada aos desígnios do capital. No tocante à qualificação profissional, não rompe com a divisão do trabalho e não supera a condição de mercadoria que esta assume – matéria prima essencial para a garantia de taxas de mais-valia relativa ao capital (CARVALHO, 1998, pág 113)

É interessante observar que a proposta do TC 2000 que visa a reconstrução do projeto de escola e de sociedade se caracteriza pela centralidade no poder econômico, enquanto que a posição defendida por Kuenzer 2002 é permeada pela participação de professores e dirigentes das escolas médias na construção de um novo projeto político-pedagógico em que se pese os limites institucionais, as especificidades das comunidades, as diferenças regionais e a vinculação à concepção de homem e de sociedade que unificam os que vivem do trabalho, seus intelectuais e suas organizações.

Um outro grande problema é imaginar que o modelo de educação escolar se aplica sempre independentemente da pessoa que esteja em processo de educação. O que deve ser considerado é que não sendo o adulto uma criança (Britto 2003) não se pode pensar a sua educação baseada naquela educação que ele deveria ter recebido quando era criança. Os processos de aprendizagem, desenvolvimento

intelectual, social, cognitivo e emotivo da criança são diferente do adulto. As necessidades objetivas, que é o aprender, da criança são as mesmas do adulto, mas os modos de pensar são diferentes. Então uma escola para adulto que faz uma mera reprodução dos conteúdos escolares das escolas específica para crianças é burocrática. Por esta razão o projeto do TC 2000 não está qualificado para fazer a educação tardia. Todo o projeto de educação de adultos que se pauta na reprodução do mundo de educação para criança já tem um erro na sua origem. Um projeto que se prende fundamentalmente a base informativa e crê que o que falta ao adulto é a informação daquele conteúdo é um projeto fora de propósito.

b) Algumas considerações a respeito das mudanças nos principais parâmetros da educação convencional.

A Questão da Presença e a Redução do Tempo do Curso:

Todos os parâmetros alterados foram basicamente para atender as novas condições a que o projeto TC 2000 devia adequar para se compatibilizar com as necessidades do público alvo. Mas os que mais foram afetados, com certeza, foram a presença do aluno em sala de aula e o tempo de curso, pois grande parcela do público alvo era de trabalhadores que já têm grande parte do seu tempo comprometido formalmente com o trabalho, além dos compromissos informais com a família, com o lazer, com a comunidade, com a saúde, etc. E com certeza o corte imposto aos parâmetros da educação convencional teve como referencial fundamental a disponibilidade dos trabalhadores.

Estes dois parâmetros têm efeitos muito semelhantes, pois ambos estão relacionados diretamente com a vivência dos alunos na escola, ou seja, a experiência do aluno no contexto social escolar. Com a redução deste tempo, que na maioria das vezes não é nem possível de ser dimensionado, há o comprometimento do aprendizado dentro do conceito de educação escolar tradicional que é voltado para uma formação geral do homem, onde pressupõe aprendizado das disciplinas curriculares numa quantidade adequada e referendada por um sistema de avaliação que mede o aprendizado, mínimo aceitável, do aluno para facilitar a sua adaptação ao meio em que vive e, ao mesmo tempo em que, realimenta a escola para manutenção do padrão ou fomenta a sua alteração em função dos resultados indesejados alcançados.

A educação escolar também possibilita ao aluno a complementação do aprendizado das regras sociais, da vida em sociedade, na comunidade, na família, no conceito de moral coletiva, na ética, etc, capacitando o aluno a se tornar um homem mais crítico, com visão mais aberta com relação aos processos gerais da vida coletiva(Vieira, 1994), inclusive para o trabalho nas empresas. Com certeza a redução do tempo da escola e a questão da presença ou semipresença reduz a possibilidade deste contacto e do seu aprendizado.

Didática de Ensino:

O manual do orientador é um recurso didático que o TC 2000 utiliza para buscar uma padronização do ensino, pois não existe estrutura administrativa nas unidades de reprodução das aulas com acompanhamento e avaliação local. Logo, o manual do orientador, que também é muito comum no treinamento para formação de mão de obra dentro das empresas, constitui-se num referencial orientativo para assegurar a fidelidade aos princípios didáticos e pedagógicos do TC 2000, uma vez que no próprio manual são traçadas as estratégias pedagógicas e o procedimento didático a ser seguido. Neste caso, parece inconsistente a argumentação do TC 2000 que afirma que o sucesso de uma telessala depende da habilidade do orientador no preparo das estratégias pedagógicas de cada aula em particular, uma vez que há um padrão predeterminado como guia de comportamento para a sua atuação.

Avaliação do Aluno:

Muito embora o TC 2000 faz alguma menção na avaliação do aluno, ela é muito superficial. O aluno que entra para o TC 2000 aparentemente não tem histórico escolar para efeitos de ingresso no programa, porque nada se pede para sua inscrição ao programa. E não constrói um registro histórico dentro do TC 2000, pois os controles são superficiais e não servem de referência para o sistema de certificação que não leva em conta a performance do aluno durante a fase de seu preparo.

Algum tipo de avaliação ocorre quando o aluno se dedica a resolver as questões que são propostas em cada unidade como forma de averiguar a compreensão do assunto exposto, discutido. O que é importante salientar é que esta modalidade de escola não prevê nenhuma possibilidade de correção de falhas através de um sistema de avaliação. Os recursos didáticos disponibilizado e os recursos

pedagógicos aplicados teriam que dar conta sozinho desta tarefa, pois um sistema de avaliação, que pode não ser ideal, mas permite algum tipo de rastreamento e possibilita a identificação de falhas para as devidas correções, parece não ser compatível com a estrutura do programa.

Conteúdo Programático:

Em termos de conteúdo, o maior prejuízo não fica por conta da redução do programa, porque qualquer que seja o conteúdo, o aluno abandona a disciplina quando nela é aprovado. Olhando pelo lado da redução do tempo do curso e da questão presencial, onde o aluno não tem controle de presença e frequência mínima exigida, a sua vivência escolar se reduz muito comprometendo o acompanhamento do programa que já era considerado mínimo. Assim sendo, o maior prejuízo fica em torno da vivência escolar e da experiência do aluno que ficam reduzidas em função das características que foram levantadas e que são uma particularidade do TC 2000.

Idade do Aluno.

Este é um parâmetro que a priori não se altera muito quando submetido a qualquer um dos dois sistemas de educação – sistema de educação convencional ou TC 2000 – pois a percepção dele vai ser sempre função da sua vivência, da sua experiência de vida em qualquer que seja o modelo de educação em vigor. Naturalmente que o seu desempenho está intimamente ligado com a sua experiência de vida, do seu contexto social, da sua objetividade com relação aos processos na sua rotina de vida, etc. Porém estas características estarão com ele em qualquer lugar onde estiver.

Avaliação para Certificação.

A forma que as avaliações são conduzidas não revela preocupação com o aprendizado, pois os participantes podem prestar os exames supletivos oficiais oferecidos pelas Secretarias de Educação de cada Estado sem a necessidade de concluir, basta fazer a inscrição para os exames do TC 2000. E, uma vez aprovado numa determinada disciplina, não existe mais a obrigação de seu estudo, mesmo que o aluno não a tenha concluído, e em algumas vezes nem foi iniciada, porque lhe é facultado o direito de se submeter à prova sem seu estudo prévio. A sistemática assim descrita mostra que a preocupação maior está centrada na certificação do aluno e não na melhoria do seu conhecimento.

Polivalência dos orientadores de Aprendizagem.

O professor polivalente é aquele que agrega várias funções, ou seja, tem de desempenhar múltiplas funções e ensinar todas as disciplinas para uma mesma classe. Diferente de um professor especialista em que cada um ensina uma única disciplina.

Na educação convencional a polivalência é comum até a quarta série, a partir deste nível o ensino é todo acompanhado por professores especialistas, diferente do TC 2000 que utiliza um orientador de aprendizagem para fazer o acompanhamento de todas as aulas que normalmente comportam sete disciplinas diferentes.

Apesar de não ser uma prática nova, a polivalência ainda causa muita polêmica. Muitas especialistas e estudiosos das questões educacionais chamam a atenção sobre as dificuldades que os professores especialista têm com relação à polivalência. Muitas escolas diante deste problema desenvolvem uma preparação prévia para que o professor seja preparado para se tornar polivalente, principalmente escolas da rede particular. Sobre este tema é muito interessante e oportuno acompanhar uma análise desenvolvida pela Folha de São Paulo onde ela diz:

Mestre em educação pela USP (Universidade de São Paulo), Cecília Yoshida Freire estudou as dificuldades que os professores multidisciplinares de 1ª a 4ª séries têm para ensinar ciências. "Concluiu que até mesmo os polivalentes do ensino primário não tinham segurança para abordar esta disciplina. Muitos não se sentiam confortáveis para desenvolver conteúdos de ciências. Eles sabiam que não tinham um olhar crítico sobre o tema, por isto acabavam reféns do livro didático". Se o professor de 1ª a 4ª séries acha penoso apresentar ciências às crianças, o que dizer de um professor de geografia que dá aulas de matemática para uma 6ª série, onde o conteúdo e a complexidade são ainda maiores. (Cassiano, 2005).

A análise feita em cima da alteração dos parâmetros do TC 2000 com relação à educação convencional mostra alguns prejuízos aos estudantes desta modalidade de ensino, quando relacionada com a educação convencional. O que não é coerente com o discurso usado para justificar a implantação do TC 2000 de que se buscava uma educação de qualidade. Qualidade para quem? Na verdade todos os cortes, todas as adaptações foram feitas para atender uma particularidade que este tipo de educação se propunha a atender numa determinada população sem certificação e tempo, ou sem recursos financeiros. O que se tem é que os idealizadores do TC 2000 no afã de estabelecer uma justificativa que agradasse, ou atendesse, particularmente, ao mercado tenham pinçado exatamente aquelas características

que o mercado dava como importantes, necessárias ao perfil dos trabalhadores chamados modernos para compor o projeto, até porque a concepção deste modelo de escola pode ser atribuído ao capital.

Há outras conveniências que orientam a decisão deste processo e que são pressionados pelo poder capitalista no atendimento de seus interesses à revelia do interesse social, dando margem ao uso do velho jargão “o fim justifica os meios”.

Capítulo III – Características da Empresa e as Transformações nos Critérios de Contratação

Explicitação da origem dos dados

Os dados utilizados no trabalho resultam da experiência do pesquisador na empresa em análise. O pesquisador é funcionário da empresa e atua na área de produção, sendo o responsável pela produção de um dos vários departamentos que compõe a estrutura produtiva da referida empresa.

Parte das informações é decorrente da própria experiência do pesquisador na sua vivência com o processo produtivo, com a administração dos recursos disponíveis para viabilização da produção, com os setores do departamento de pessoal e recursos humanos e com toda a estrutura de sustentação e apoio da empresa. Por esta razão, esta parte do trabalho, tem um caráter quase que de depoimento, porém sempre se buscou manter a preocupação e o cuidado para fugir das impressões subjetivas e não comprometer muito a realidade das informações transmitidas.

O restante das informações, referente à empresa, foi coletado junto ao departamento de pessoal e departamento de recursos humanos, através de documentos e informações prestadas diretamente por funcionários destes departamentos, principalmente as informações referentes ao telecurso, desde sua estruturação até o momento em que o aluno consegue a sua aprovação definitiva e obtém o seu certificado. Uma outra fonte de informação foram os relatórios de dados relativos ao controle de produção mensal e anual onde se tem o histórico da produção da empresa. E, por último, os dados relativos ao aprendizado dos alunos, que se submeteram à escolarização pelo telecurso, foram coletados através de pesquisa junto a estes sujeitos, por entrevistas individuais e gravadas, onde o entrevistado respondia a uma série de perguntas orientadas com o objetivo de averiguar algum tipo de aprendizado ou não que pudesse ser associado à escolarização acima referida. O entrevistador foi o próprio pesquisador que, de novo, além de ser funcionário da empresa era também o coordenador do trabalho. Estas entrevistas foram realizadas sempre no local escolhido pelo entrevistado e respeitavam sempre um roteiro de perguntas preestabelecido de acordo com os critérios do projeto de pesquisa. Os entrevistados eram orientados de acordo com os objetivos e natureza do trabalho em si e buscava sempre se estabelecer uma

relação de independência do entrevistador com os entrevistados, haja vista que havia uma relação hierárquica envolvida na situação.

Caracterização da empresa

O objetivo deste descritivo é permitir um mínimo de informação a respeito da natureza da empresa, do seu processo produtivo, da sua tecnologia, do seu nível de automação, do seu grau de interferência com o mercado globalizado, do índice de escolaridade dos seus funcionários. De posse destas informações, poderemos avaliar o estudo de caso e entender melhor suas interfaces com o processo e buscar sua coerência.

A empresa em questão está situada no interior do Estado de São Paulo e seu ramo de atividade é a metalurgia. Trata-se de uma empresa de grande porte, com um contingente de pessoal operacional, de manutenção e administrativo acima de 4.700 funcionários vinculados diretamente a sua folha de pagamento e mais de 2000 trabalhadores prestando serviço de forma terceirizada.

Sua visão de negócio é centrada, principalmente, no crescimento sustentado da sua produção e sintonia fina com o mercado consumidor, o que vem lhe garantindo crescimento anual de 10 a 11%. Tal política de administração permite projetar condições favoráveis para manter esta performance até o ano de 2010. Neste momento, já se trabalha seu crescimento com a mesma expectativa para os anos após 2010.

As Variações dos Níveis de Escolaridade, ao Longo do Tempo: suas Influências nos Critérios de Contratação da Empresa e as suas Razões.

A empresa foi fundada em 1955. Naturalmente, os modos de produção daquela época era completamente diferentes dos atuais. As unidades de produção eram pequenas e a maior parte do trabalho executado manualmente. A presença do trabalhador como ferramenta operacional para execução do trabalho era indispensável, pois os processos produtivos não tinham muita mecanização. Claro que havia equipamentos no processo e máquinas operatrizes, que auxiliavam na realização de tarefas da operação, mas com movimentos simples, com princípios de funcionamento na maioria eletromecânico ou hidráulico (os chamados sistemas analógicos). Com os comandos de operação e sistema de manutenção mecânica e elétrica muito simples e de fácil aprendizagem e memorização, pois não tinham combinações simultâneas, também de fácil execução, seguramente os referidos

comandos eram acionados localmente com visão imediata da relação entre causa e efeito, sem demandar conhecimentos maiores, tanto para a operação quanto para a manutenção. Com relação à manutenção, as interfaces entre os mecanismos e o homem da manutenção eram simples e diretas. Usava-se um ou mais princípios para obter um resultado, mas as combinações de princípios e de resultados transformando em rede de informações, muito comuns atualmente, onde as múltiplas possibilidades combinadas são capazes de atender as mais sofisticadas expectativas no mundo das invenções e da criação humana.

Até meados da década de 80, a mão de obra qualificada, com formação escolar até o ensino fundamental completo e com residência na cidade, para a área industrial, era escassa. Por esta razão, era comum a indústria contratar pessoas de diferentes origens e graus de instrução, provenientes da zona rural, para laborar no seu quadro de profissionais.

A expansão industrial associada a outras condicionantes obrigava as empresas a fazerem adaptação da mão de obra do campo para a área industrial, produzindo um choque cultural inevitável. Claro que não havia a sofisticação do sistema produtivo da área industrial, quando comparado com os padrões atuais. Mesmo assim, para a cultura dos camponeses, estas diferenças eram muito fortes, pois sua forma de labor era puramente artesanal, com grande dificuldade com a disciplina, uma vez que os padrões de procedimentos industriais não faziam parte da sua rotina.

Diante das dificuldades de encontrar mão de obra com cultura adequada aos processos industriais, a empresa se via obrigada a fazer as adaptações dentro de seus sistemas, através de treinamentos operacionais internos, pois a ausência absoluta do homem causava mais danos ao processo produtivo do que sua presença, mesmo quando se encontrava inadequado ao sistema, seja do ponto de vista comportamental ou do ponto de vista do conhecimento. A definição do critério de escolaridade mínima para contratação, em parte, era definida pelas características do perfil que o cargo requeria, mas, uma outra parte, era consequência da oferta de mão de obra do mercado.

A situação de déficit de mão de obra para a área industrial perdurou por muito tempo, porque a característica de país agrícola era muito forte e gerava grande parte da mão de obra para a lavoura, além do fato de que, neste período, o país estava

em franca expansão industrial, gerando uma demanda superior à capacidade de crescimento da oferta de mão de obra.

A referida expansão industrial que, nas décadas de sessenta, setenta e início da década de oitenta foi muito intensa, gerando sempre pressão na demanda de mão de obra para a indústria, tornou atrativa a opção para os camponeses de se tornarem profissionais da área industrial, produzindo um êxodo da população do campo para a cidade.

Até meados da década de 1980, as dificuldades de encontrar mão de obra, de qualquer natureza, para laborar nos quadros da empresa era tão grande que foi desenvolvido um movimento junto aos funcionários, com o objetivo de viabilizar a contratação de pessoal mínima necessária para manter os níveis de produção. Consistia numa promoção interna que garantia bonificação a qualquer funcionário que indicasse um parente, amigo ou pessoa de sua confiança para trabalhar no quadro da empresa. Uma vez consolidado legalmente o processo de contratação e vencido o período experimental de três meses do novo contratado, o funcionário que o indicara recebia a referida bonificação, normalmente de um salário mínimo. Este instrumento informal de recrutamento de pessoal funcionou durante o período de muita escassez de mão de obra e teve boa adesão dos funcionários, que acabavam, em função disto, engordando seus vencimentos. Ainda hoje, tem na empresa funcionários remanescentes deste processo, o que mostra, de certa forma, sua importância.

A associação destes fatos fez com que a empresa contratasse muitos funcionários com nível de escolaridade baixíssimo, alguns até mesmo analfabetos. Muitos deles ainda estão em atividade atualmente.

Quando se observam as mudanças no interior do modo de produção capitalista, percebe-se que estes são extremamente velozes. E que é uma característica mundial. A razão básica para isto está na lógica da acumulação do capital, que impõe a necessidade crescente de otimizar o lucro para re-investimento na produção para novos lucros. Um círculo vicioso.

A capacidade de mudança dos modos de produção, ou seja, a velocidade com que se altera o sistema produtivo é muito superior ao que a sociedade tem para se ajustar a um novo conjunto de regras, de conhecimento, de comportamento humano. Desta forma, cria-se um vazio constante entre as demandas de um e a capacidade de atendimento do outro.

Esta condição criou uma situação muito especial. Por um lado, por contingências de uma situação particular, escassez de mão de obra somada a baixa escolaridade, contrataram-se muitos funcionários cuja escolaridade inferior aos novos critérios de escolaridade mínima a que a empresa se viu obrigada a cumprir para atender aos requisitos do chamado mercado globalizado.

Decorrentes dos modos de produção, tecnologia, exigências de mercado, indisponibilidade de mão de obra com maior escolaridade, escassez de mão de obra para a indústria, a empresa teve períodos distintos de exigência de escolaridade para contratação de novos funcionários para seu quadro.

Nas décadas de 60, 70 e início da década de 80, muitos dos funcionários da empresa eram analfabetos, inicialmente mais de 30%. Atualmente é zero. Este índice teve evolução decrescente constante, ao longo do tempo, até zerar completamente no início do século atual.

Naquele período, as exigências de contratação obedeciam a um perfil genérico, que quase nunca fazia menção à escolaridade do contratado e atendia as necessidades como um todo. Era desejável que soubesse ler e escrever, mas este não era um critério que eliminava definitivamente o candidato.

As exceções ficavam por conta das contratações que visavam atender ao preenchimento de vagas de cargos com perfil profissional muito particularizado. São os casos específicos dos secretários de departamentos, supervisores de produção, administradores de pessoal e de produção, e cargos de natureza técnica relacionados com a supervisão do processo produtivo ou com a manutenção elétrica, mecânica, hidráulica ou pneumática.

A adaptação para os vários níveis de exigência, de dificuldade, de complexidade, do saber da vivência pessoal, de percepção pessoal das particularidades dos postos de trabalho era feita independentemente da escolaridade, à medida que o novo funcionário tivesse oportunidade de mostrar potencial de trabalho, capacidade de aprendizado, disciplina, segurança, facilidade com a leitura, escrita e cálculo. Desta forma, o novo funcionário era avaliado internamente e fazia-se a readaptação das suas atividades naturalmente, com sua concordância. Seu treinamento para a nova função era feito, normalmente, pelo SENAI, que mantinha dentro da fábrica um posto de unidade móvel aparelhado para cada necessidade identificada no processo. Desta forma, atendia-se a alta demanda

de formação de profissionais específicos para o desempenho das atividades cujo perfil de trabalho o setor de recrutamento não conseguia encontrar no mercado.

Após o procedimento acima descrito, o funcionário recebia uma promoção que o conduzia a um posto de trabalho com uma qualificação já realizada. Tudo isto era realizado internamente, no departamento para o qual o funcionário fora contratado, sem nenhuma relação direta com critérios de contratação definidos pelo departamento de recursos humanos. Em algumas ocasiões, quando a empresa tinha necessidade de um perfil muito particular, buscava-se em outros departamentos, e a recíproca também era verdadeira, isto é, quando um profissional apresentava perfil muito particularizado era indicado para postos de trabalho com exigências maiores em qualquer parte da empresa.

Por ocasião de aquisição de equipamentos com nova tecnologia, estava embutido no projeto de compra um pacote de treinamentos que garantia a formação e capacitação de um ou mais instrutor e dos primeiros profissionais para operar e dar manutenção no equipamento. Para facilitar a formação de futuros profissionais, o projeto vinha com informações e know how próprio, o que permitia adaptação lingüística (tecnologia importada) sem perda das características das informações tecnológicas.

Em alguns casos, quando a formação profissional tinha caráter muito particular, recorria-se ao mecanismo de contratação de empresas especializadas naquela atividade e efetuava-se o treinamento internamente na empresa.

Outro mecanismo de formação de mão de obra especial usado pela empresa, desde sua fundação, foram os treinamentos internos, divididos em duas modalidades:

a) Treinamento corporativo – que cuida da preparação prévia do funcionário com relação às informações mais gerais, divulgação da cultura da empresa, normas disciplinares, normas de segurança e riscos à integridade física e à saúde dos funcionários e riscos em potenciais que são próprios da empresa.

b) Treinamento setorizado – que cuida da formação da mão de obra específica de cada setor. Este treinamento se fundamentava principalmente na experiência prática dos operadores mais antigos e era o chamado treinamento de encosto. O novato encostava-se ao operador antigo e o observava durante a realização da tarefa. Caso ocorresse dúvida, durante o

processo de observação, o operador experiente fazia a explicação de acordo com seu entendimento do processo. Os operadores treinadores eram escolhidos de acordo com seu conhecimento do processo, sua capacidade de dialogar, capacidade de liderar e segurança no trabalho, recebendo formação teórica prévia para se tornarem instrutores. Na maioria das vezes, o treinamento era informal.

Atualmente, estes treinamentos, corporativos e setorializados, são totalmente formalizados, tendo infra-estrutura de atendimento completamente modificada, com o intuito de elaborar o treinamento com didática adequada, procedimentos operacionais sistematicamente descritos, bom suporte teórico dos conceitos de processo, número de aulas teóricas e práticas compatíveis com as necessidades de cada módulo, instrutores com preparação técnica e didática para um bom desempenho em salas de aula e em número satisfatório para atender integralmente todas as necessidades do setor e, acima de tudo, dedicação exclusiva ao treinamento.

Além de fazer os treinamentos, estes instrutores têm o compromisso de fazer a revisão do material didático e desenvolver treinamentos complementares, ou desenvolver novos treinamentos quando for necessário.

Nos meados da década de 80, o critério de contratação passou a sofrer alterações, para atender particularidades dos vários postos de trabalho, incorporando ao cargo características de comportamento, escolaridade, biotipo, de forma a compor o perfil desejado. Neste período, a escolaridade mínima exigida era o primário. Conforme já foi dito no início deste capítulo, neste período, não tinha mão de obra disponível no mercado local com escolaridade acima da quarta série primária.

No final da década de oitenta e início da de 90, o Ensino Fundamental completo foi incorporado aos critérios de contratação como escolaridade mínima exigida, assim como também foi aprimorado o descritivo dos postos de trabalho, permitindo a definição de um perfil de contratação mais preciso e que atendesse as necessidades dos modos de produção, fazendo distinção entre as particularidades de cada departamento, bem como melhor adaptação do perfil do contratante com as habilidades requeridas de cada posto de trabalho daquele momento.

Neste momento, a oferta de mão de obra, com escolaridade de nível Fundamental, revela-se suficiente para atender as demandas de contratação. Logo a

empresa aproveita-se desta característica e engloba aos seus critérios de contratação o ensino fundamental e com isto se posiciona coerentemente com a linguagem do mercado que prega a elevação da escolaridade dos trabalhadores, como forma de ganhos na competitividade das empresas. Claro que mudanças tecnológicas significativas estavam ocorrendo neste período e que uma escolaridade maior ajudaria, mas o enfoque fundamental era as possibilidades de ganho na produtividade com um sujeito mais inserido, mais flexível, mais adaptado.

Em 1998, por ocasião do processo de certificação do primeiro departamento pela ISO 9000, a empresa, para atender aos critérios dos órgãos de certificação, alterou o nível de escolaridade de novas contratações para Ensino Médio completo, mesmo que o novo funcionário fosse laborar em área não certificada. Desta forma, a empresa compatibilizaria, definitivamente, o nível de escolaridade para seus novos contratados com a imposição mercadológica, do chamado sistema de mercado globalizado, cujos requisitos relativos ao grau de escolaridade são rígidos e têm como referência mínima o Ensino Médio.

É importante observar que no início da década de noventa a empresa fez uma definição de escolaridade mínima para contratação, ensino fundamental. Passados oito anos, aproximadamente, ela faz outra definição de uma nova escolaridade mínima, desta vez, ensino médio, para contratação de mão de obra para seus quadros. Uma velocidade espantosa. Própria do mercado nos seus novos modos de produção, que atropela e desnorteia a classe trabalhadora.

A empresa se viu diante de um paradoxo. Necessidade formal de uma mão de obra cuja escolaridade mínima era o Ensino Médio e uma realidade completamente adversa, pois 85% do seu contingente operacional não tinham concluído o referido grau de escolaridade.

O aspecto mais relevante era que a incompatibilidade com o aspecto formal não inviabilizava o processo produtivo, pois, do ponto de vista de conhecimento técnico específico dos processos, os trabalhadores demonstravam condições objetivas de desempenhar eficientemente suas funções. E a empresa não podia se dar ao luxo de, repentinamente, dispensar este contingente somente para atender critérios normativos de uma instituição, fria e calculista, que não levava em conta os aspectos morais, éticos, técnicos da questão. A empresa tinha plena convicção que os seus funcionários detinham o conhecimento prático do processo, o que permitiria o andamento normal da produção: além disso, ameaça desequilibrar o processo

produtivo, a dispensa, do ponto de vista financeiro, acarretaria prejuízo, um desequilíbrio contábil que não fora previsto no seu orçamento. Outro dado relevante era a questão moral e ética da dispensa sumária de um contingente desta plenitude. Como ceder, incondicionalmente, às exigências de mercado, prejudicando os interesses dos envolvidos, empresa e colaboradores e, ao mesmo tempo, não ferir sua moral e sua ética?

Estes fatos foram extremamente relevantes para administrar as futuras decisões da empresa na busca de solução do problema. Os impedimentos técnico, financeiro, moral e ético fizeram com que a empresa buscasse negociar com os órgãos certificadores saídas para o que se afigurava como impasse.

Diante das novas necessidades do mercado, que exigem comportamento padrão escrito para o atendimento de todos os clientes da empresa, e do tempo de adaptação que a empresa dispunha para o atendimento dos novos requisitos, (oito anos) negociou-se com as instituições certificadoras um programa de certificação do processo produtivo que atendesse às dificuldades mencionadas e, ao mesmo tempo, garantisse uma estratégia de mercado que não prejudicasse o negócio.

Desta forma, foi desenvolvido um programa dentro da empresa que contemplava uma série de medidas, a saber:

- ♦ cronograma de certificação para atender unidades de produção que prioritariamente precisavam de certificação dos seus produtos
- ♦ Incorporação, em 1998, aos critérios de seleção, de escolaridade mínima de Ensino Médio para todos os novos contratados.
- ♦ Criação de um programa de incentivo de retorno à educação regular a todos os que não tivessem concluído o Ensino Médio, juntamente com a informação de que, a partir daquele momento, esta era a escolaridade mínima a ser exigida de todos os funcionários.
- ♦ Estipulação do ano de 2006 como data limite para a empresa se compatibilizar com as exigências do sistema de certificação, aplicadas indistintamente para todos os funcionários.

Espera-se que a meta definida seja atingida, pois o número de funcionários que conclui anualmente o Ensino Médio está coerente com o programado. Faltando 11 % dos trabalhadores para concluir quando o número inicial era de 85 %.

O pequeno relato histórico das variações dos níveis de escolaridade, ao longo do tempo, e as suas influências nos critérios de contratação da empresa e as suas

razões mostra uma situação particular de um fenômeno que é genérico no mundo das empresas, principalmente daquelas que trabalham com tecnologia de ponta. Aumento do uso e aprimoramento da tecnologia nos processos e serviços nas empresas, aumento da produtividade, aumento da escolaridade dos trabalhadores, tendo como base o critério técnico da educação formal e redução drástica do nível de emprego.

Cabe aqui fazer um paralelo entre o início da década de oitenta e o momento atual da empresa e do mercado de trabalho como um todo, a fim de ilustrar, com exemplos reais, a situação descrita e observar que, num espaço de tempo muito curto (aproximadamente vinte anos), a situação da mão de obra escolarizada (ensino médio) caminhou de um extremo a outro, passando da situação de escassez para uma situação de excedente no mercado de trabalho.

No início da referida década, a empresa usava o expediente de estimular seus funcionários a trazer pessoas de sua confiança para ali trabalhar, pagando por este expediente um valor significativo, como se ele fora um serviço normal no seu processo. Atualmente, os níveis de contratação da empresa, em situação normal, estão em 30 a 40 novos funcionários por mês. Hoje a empresa trabalha com um excedente de currículo nos seus arquivos da ordem de quinze mil com renovação semestral, sem fazer nenhuma divulgação das suas necessidades em qualquer tipo de imprensa. E todos atendem do ponto de vista escolaridade aos critérios estipulados como necessário. Aliás, a grande maioria não só atende como supera a escolaridade exigida, já se têm casos em que o candidato apresenta curso superior completo, sendo que muitos dos candidatos estão em processo de escolarização na faculdade. A expectativa declarada no momento da entrevista, independente da escolaridade, é a mesma para todos: buscar conquistar uma vaga de trabalho na operação ou manutenção, cuja exigência de escolaridade é Ensino Médio. Outro dado interessante é a maioria dos entrevistados mais jovens, entre 18 e 30 anos, afirma que, uma vez ingressada no mercado de trabalho, tem o firme propósito de fazer uma faculdade, sob a alegação de que quem quer subir na vida precisa ter maior escolaridade.

O quadro a seguir ilustra as significativas alterações ocorridas num período relativamente curto (dezesseis anos), tomando o ano de 1988 como referência numa base de cálculo 100 e as alterações em 2004, variando para mais ou para menos, conforme o caso, em termos percentuais. A razão básica para a escolha do período

é que foi a partir deste momento que começou a ocorrer maior redução do nível de empregos e dos acidentes de trabalho na empresa, enquanto os demais parâmetros analisados apresentaram relação praticamente constante desde sua fundação. Com relação à escolha dos parâmetros analisados, foi com base na importância que cada um tem para auxiliar na ilustração das mudanças de escolaridade dos trabalhadores, dos avanços tecnológicos dentro das empresas, na redução da mão de obra e, conseqüentemente, do nível de emprego e que sejam capazes de mostrar, de forma geral, alterações significativas no resultado da empresa.

QUADRO RESUMO DE DUAS SITUAÇÕES TEMPORAIS DISTINTAS DENTRO DA EMPRESA

parâmetros acompanhados	ano	
	1988	2004
aumento da produção.	100	158
aumento da produtividade.	100	107,5
redução do nº de funcionários.	100	61
redução dos acidentes do trabalho.	100	25
custo da mão de obra no produto	100	74

Aumento da produção. Faz parte do planejamento estratégico da empresa para garantia de competitividade e sobrevivência dentro do mercado e atendendo aos princípios fundamentais do capitalismo.

Aumento da produtividade. Busca constante da redução do custo de produção através da melhoria da eficiência do processo produtivo, melhor aproveitamento da capacidade instalada, investimento em tecnologia de ponta, redução da mão de obra própria seja por via tecnológica seja por terceirização de serviços auxiliares, etc.

Redução do número de funcionários. Redução do custo de produção. A parcela da mão de obra direta no custo de produção é relativamente alta. Atualmente, 7 % do custo total. Sendo que o valor histórico era superior a isto, referencia 1988, que era em torno de 11 %. Nos investimentos, se calcula o custo benefício do projeto em estudo e, quando o benefício é maior que o custo do investimento, faz se a opção pela redução da mão de obra. Nestes casos, a

racionalidade do capital faz opção sempre pela capitalização através do aumento do lucro em detrimento do social.

Redução dos acidentes do trabalho. É uma necessidade de qualquer empresa reduzir os acidentes do trabalho. As razões básicas são: desgaste da imagem da empresa, custo do acidente é alto tanto para empresa quanto para o Estado, sofrimento das pessoas, provoca perdas de produção e transtorno na operação.

Muitas causas podem estar associadas à referida redução. Entre elas, o aumento do nível de escolaridade, que, com certeza, contribuiu para a redução, porém quantificar sua participação é difícil, pois neste período a empresa, paralelamente, ao aumento do nível de escolaridade, tomou providências administrativas fundamentais exclusivamente com este objetivo. As próprias medidas administrativas tomadas, para terem eficiência, dependiam de melhoria da educação.

Porque a Empresa Adotou a Escolaridade Mínima de Ensino Médio nos seus Critérios de Contratação

A elevação do nível mínimo de escolaridade dentro da empresa passou, naturalmente, pela necessidade do conhecimento, haja vista que se trata de uma empresa de alta tecnologia o que demanda das pessoas envolvidas capacidade de entendimento dos diversos processos ali presentes. Mas o ponto crucial da mudança foi a questão da imposição mercadológica para atendimento dos requisitos padrões nos processos de certificação.

Quando se analisa a transformação ao longo de um período tão grande – data da fundação da empresa 1955 ao início de 2005 –, é natural que se observem mudanças drásticas nos modos de produção. Uma fábrica montada em 1955, com os recursos tecnológicos disponíveis naquele momento, com certeza é completamente diferente da fábrica atualmente existente. Possivelmente, a única coisa que é a mesma é a posição geográfica. Mesmo assim tem que se fazer uma ressalva, pois a dimensão física atual da empresa produziu alterações consideráveis na topografia local e no seu layout, de tal sorte que seu ponto central está completamente alterado daquele que foi quando do início operacional.

As transformações nos modos de produção são fundamentais para que a empresa se mantenha competitiva, compatibilize as características dos seus produtos com as necessidades do consumidor. Para isto, é preciso fazer

investimentos pesados em tecnologia como forma de garantir este diferencial. Foi exatamente o que ocorreu. Para ilustrar esta situação, é interessante tomar referências produtivas em temporalidades diferentes e analisar as interfaces entre o homem o processo e a máquina, entre as máquinas entre si e entre a máquina e o processo produtivo como um todo.

O aumento na escala de produção, em 59 anos, foi extraordinário, com crescimento real anual da empresa tendo oscilado entre 10 e 11 %. Estes números demonstram o quanto a expansão na produção mudou no período considerado e dá uma idéia de como foi necessário fazer transformações no layout da empresa, mudanças das máquinas e equipamentos, nas rotinas de trabalho, mudanças tecnológicas, nos conceitos de produção, desenvolvendo uma cultura completamente diferente daquela dos primórdios da empresa. As características do produto acabado são completamente diferentes entre si, seja do ponto de vista analítico, aparente ou de adequação ao uso.

Neste período, início da década de oitenta, a produção era feita com uma alta participação de mão de obra artesanal – a mecanização no processo produtivo era baixa – com um contingente humano muito alto e com um nível de supervisão muito intenso o que era uma característica das formas de produção daquele momento. Neste período, pelo menos nesta empresa, teve início o processo de substituição do trabalhador qualificado pelo operador especializado, onde o fluxo das matérias primas, os produtos, os subprodutos, etc, passaram a ser realizados por máquina. E a realização das operações do processo foram mecanizadas.

Existia a participação da máquina na operação, mas em nível muito inferior aos dias de hoje e com baixa versatilidade. Os modos de operação eram simples e de fácil assimilação por parte de quem operava, pois os comandos eram diretos e imediatos, sem necessidade de programação prévia para acionamento.

O aprimoramento tecnológico alterou muito esta relação, reduzindo drasticamente a mão de obra operacional e praticamente eliminando os trabalhos manuais. A preocupação básica do operador é acompanhar a performance da máquina através dos seus parâmetros de controle. As rotinas de operação, antes comuns nos processos operacionais, passaram a fazer parte dos softwares das máquinas e equipamentos. A presença constante do operador na área produtiva não se faz mais necessário. Muitas vezes, o comando operacional é feito à distância, por um painel de controle em salas climatizadas. Um simulador retrata, através de

fluxograma, toda a unidade de produção que está sob a sua responsabilidade. Neste caso, é fundamental que o operador tenha perfeito domínio da simbologia utilizada e conheça o efeito produzido para cada comando acionado.

O supervisionamento e emissão de relatórios relativos aos processos produtivo, antes feito pela supervisão de profissionais técnicos treinados exclusivamente para isto, passaram a ser feito, na grande maioria, pelo computador, reduzindo de forma significativa o contingente da referida supervisão. Com isto, a interpretação e análise dos parâmetros de processos e os relatórios emitidos pelo computador passaram a ser atribuição do pessoal da operação que decide o que fazer nos casos mais simples, recorrendo a orientação técnica mais elaborada nos casos mais complexos.

Estas mudanças tornaram-se viáveis, primeiro graças ao avanço tecnológico, mas fundamentalmente porque se permitiu melhor comunicação entre os funcionários da empresa, com disponibilização de terminais de computadores nas áreas produtivas, ramais de telefones, alarmes sonoros e visuais de irregularidades ou emergências relativas ao controle de produção, rádios de comunicação com sistemas de transmissão e recepção de mensagens faladas numa freqüência de comunicação própria.

Esta forma de interface do homem com o processo, naturalmente, facilitou o relacionamento e maior entendimento, por parte do operador, das necessidades do processo produtivo para obter ganhos de produtividade cada vez mais significativo para a empresa e, simultaneamente, passou a requerer do profissional remanescente uma nova dimensão nas formas de perceber o trabalho, pois mudou o sistema de codificação e decodificação das informações, mudou o grau de responsabilidade do pessoal da operação que passou a conhecer, não só o “que fazer” ou “quando fazer”, “onde fazer” e “quem vai fazer”, mas também o “por que fazer” e o “como fazer”. Mas a maioria absoluta destas informações são fornecidas por sistemas de supervisórios elétricos, painéis de comandos dos equipamentos, sistemas de automação computadorizados, etc para aquele que é o operador especializado.

Entender o “porquê” e o “como fazer” é algo que demanda maior conhecimento prévio daquele que busca este entendimento. Demanda um saber mais crítico, mais analítico diferente daquele que se faz simplesmente para memorizar e fazer quaisquer atividades repetitivas, mecânicas. Isto não quer dizer,

de maneira alguma, que no processo produtivo da empresa as atividades operacionais não sejam padronizadas, muito pelo contrário. Mas o fato interessante é que sendo o trabalhador mais dinâmico, mais analítico, ele pode tornar-se intérprete do processo produtivo e com isto atuar de forma preventiva, evitando distúrbios operacionais futuros. Para isto, o operador precisa saber das influências que seu trabalho, do momento, pode acarretar na eficiência do processo dali para frente.

O controle exato do processo requer precisão absoluta dos seus parâmetros, e isto é praticamente impossível, uma vez que os referidos parâmetros presentes no processo são influenciados por variantes diversas, tais como qualidade da matéria prima, precisão das adições de matéria prima, calibragem de instrumentos de controle. Logo, o trabalhador precisa aprender a correlacionar os parâmetros da operação entre si, de tal sorte que, uma vez conhecido os que são sistematicamente analisados, possa prever, com relativa precisão, os demais e suas influências. Deve conhecer mecanismo de extrapolação de dados, gráficos de tendências com base no CEP (Controle Estatístico de Processo). Estes aspectos associados com o conhecimento prático do processo num mecanismo de auto-avaliação constante desenvolvem um compromisso pessoal que o conduz a um comportamento coerente com as necessidades de processo, não só para atender o procedimento padrão de operação, mas também por encontrar, pessoalmente, razões óbvias fundamentadas no conhecimento científico que o conduza com segurança para assim proceder.

Essas mudanças, sem dúvida nenhuma, afetaram os modos de operação do processo produtivo, mas alteraram principalmente o perfil do pessoal de manutenção mecânica, elétrica e eletromecânica. Os princípios de acionamento das máquinas e equipamentos eram todos de origem pneumática ou eletromecânica. Hoje, associados a eles, têm-se os sistemas eletrônicos que demandam forma de manutenção distinta, cujos princípios de funcionamento são diferentes. Até o sistema numérico foi alterado do sistema decimal para um sistema chamado binário. Com advento da eletrônica, incorporaram-se aos processos e sistemas, além de novos princípios e conceitos, uma nova linguagem, cujo domínio passa necessariamente por formação específica, que permita a seu usuário familiarização prévia com este contexto, aculturação diferenciada, que não era comum nos meios da educação tradicional.

A partir daí, desenvolveu-se uma nova atividade na área de manutenção – a manutenção eletrônica –, mudando completamente a concepção metodológica de manutenção, que passou da forma corretiva de solução de problemas para a forma preventiva e, atualmente, para a chamada forma preditiva, na qual o momento adequado para a intervenção numa máquina ou equipamento para efetuar uma manutenção é determinado por cartas de controle para cada item da máquina ou equipamento e tem como suporte metodológico o CEP (Controle Estatístico de Processo).

Outro ponto muito importante a considerar é que todo o sistema de informação da empresa está em rede, sendo a unidade de processamento um computador central, que lê, interpreta e disponibiliza dados para facilitar o gerenciamento do negócio. Todo este aparato foi desenvolvido para atender estratégias administrativas para um sistema de gestão integrado que tem como base o software SAP R/3, o qual permite a integração de todas as Unidades de Negócio. Isto, com certeza, à medida que acontece, altera o processo cultural, implicando novas necessidades de conhecimento para o conjunto dos funcionários, pois não se pode pensar a empresa separando seu ambiente cultural dos seus colaboradores.

Em 1996, a empresa iniciou o sistema de certificação dos seus processos e produtos pela ISO 9000. Uma das condições preestabelecida pelo órgão certificador para a obtenção do certificado era a de que o nível de escolaridade dos funcionários fosse, no mínimo, o de Ensino Médio concluído. Claro que esta exigência não era momentânea, mas precisava ser administrada dentro de um tempo adequado, tanto para a certificadora quanto para a empresa.

Diante desta condição, a empresa se viu obrigada a rever os critérios de sua política de contratação, que previa como escolaridade mínima o Ensino Fundamental completo. É interessante lembrar que houve um tempo, não muito distante, que não se fazia nenhuma exigência com relação ao nível de escolaridade dos novos contratados, razão pela qual, o universo dos funcionários da empresa apresentava grande variedade de escolaridade distinta. A decisão de alterar o nível de escolaridade dos novos contratados, de acordo com as novas necessidades elencadas pela alta administração, ocorreu em abril de 1998.

A empresa é caracterizada por um grande número de processos de produção especialmente para atender ao grande número de produtos acabados, o que implica uma planta de produção mais complexa, haja vista que seus produtos têm

características especiais com estreita afinidade com o mercado consumidor, que estabelece como critério de confiança, o atendimento integral das especificações garantidas nos certificados de controle de cada item informado, conforme padrão adotado pelas Normas de Certificação da ISO 9000.

O controle de qualidade tem que ser exercido no processo produtivo através da sofisticação dos equipamentos e máquinas que permitam produção em série e em conformidade com o sistema de certificação da ISO 9000 para atendimento das demandas de mercado, tanto pela qualidade quanto pela quantidade. Não havia outro caminho a seguir.

As novas relações de mercado, o chamado “mercado globalizado”, impunha à empresa a necessidade de certificação dos seus produtos para aceitação no mercado interno e principalmente no mercado externo. Esta imposição exercida sobre a empresa de forma absoluta fez com que se inserisse completamente no chamado mercado globalizado, com certificação da ISO 9001: 2000 – Sistema de Gestão da Qualidade – Requisitos e ISO TS 16949 – Requisitos Automotivos (Versão 2002) e na ISO 14000, Gestão de Meio Ambiente, com algumas de suas áreas já certificadas. (Conjunta de normas e regras que definem e regulamentam as características de processos e produtos organizadas para servir como padrão internacional).

Dada a alta dinâmica dos critérios de certificação, torna-se necessária a atualização constante dos procedimentos internos da empresa e, ao mesmo tempo, repassá-las aos seus usuários que são os trabalhadores com o propósito único e exclusivo para atender as exigências do mercado.

Porque a Empresa Decidiu Fazer Internamente a Eescolarização.

É comum dentro das empresas o controle sobre tudo aquilo que é considerado importante para o sucesso dos seus negócios. Uma característica marcante do sistema capitalista é priorizar as necessidades que vão fazer a diferença no negócio para garantir a realização do lucro planejado.

Neste caso específico, tratava-se de uma imposição mercadológica com poder de definição muito forte e capaz de alterar, significativamente, a relação da empresa com sua possibilidade de ganhar dinheiro, uma vez que a aceitação dos seus produtos no mercado consumidor, a partir daquele momento, estava vinculada

a uma nova forma de medir a qualidade dos seus produtos, a chamada certificação pela ISO 9000.

A grande verdade é que ela jamais abriria mão de controlar este processo de poder avaliar a evolução da situação e implementar as devidas correções nos desvios, caso fosse necessário, e atuar de forma convincente para garantir que o desfecho da situação seria exatamente aquele que fora planejado. A empresa percebeu a situação como sendo um problema corporativo e, como instituição, tratou de dar solução também corporativa. Com isto, poderia controlar um pouco a dispersão dos interessados em voltar à escola em muitas instituições diferentes, ao mesmo tempo em que desenvolveria referências próprias para servir de padrão de comparação para aqueles que fizessem a opção para estudar em outra instituição e saber a hora certa de cobrar a conclusão.

Para mostrar a urgência do projeto, tratou de explicitar a meta a ser cumprida até 2006, ou seja, toda a população da empresa indistintamente da função teria que ter o certificado de escolaridade de Ensino Médio, exigência da certificação, até esta data e não deixando margens a nenhum tipo de dúvida.

Cobrar, simplesmente, a conclusão da escolaridade de Ensino Médio, daquela parcela da população de funcionários que estava em débito com este quesito e aguardar o resultado desta cobrança poderia acarretar dois problemas principais:

a) Sem estrutura definida e específica e um programa claro e objetivo de realizações em um tempo determinado, para permitir acompanhamento dinâmico da situação, ficaria difícil detectar os desvios relativos à meta e, conseqüentemente, comprometer o prazo de conclusão do acordo, acertado na meta, feito entre a instituição certificadora e a empresa.

b) O processo de escolarização feito de maneira aleatória serviria simplesmente para um fim: obtenção do nível de escolaridade recomendado, sem garantia de que a filosofia de trabalho da empresa fosse objeto de preocupação. Em contrapartida se este processo fosse feito dentro da empresa poderia funcionar com as duas possibilidades, fazer a escolarização dos seus funcionários e ao mesmo tempo usar a estrutura montada com a sua cara para fazer o convencimento de que sua filosofia, seus métodos de produção, sua forma de gerir os negócios era bom para a empresa e tudo a que a ela se relacionasse.

No processo de definição de como se fazer a escolarização, outros dados tiveram peso significativo e que entraram como elementos de fortalecimento e justificativa da decisão tomada. Durante o período de discussão do novo momento da empresa foi feito um levantamento para conhecer o perfil escolar do universo dos seus profissionais, visando conhecer, através da estatística, o nível de escolaridade de cada trabalhador.

Constatou-se que havia um número muito alto de profissionais que não tinham o Ensino Médio, cerca de 85 % e, dentre estes, muitos que não tinham concluído o ensino fundamental. Os valores encontrados eram completamente incompatíveis com os pré-requisitos da Norma ISO 9000.

De um lado, a empresa, com a necessidade de fazer a melhoria do nível de escolarização dos funcionários, que não tinham concluído o Ensino Médio, era algo inadiável para os seus propósitos de negócios, administrativos e mesmo de processo, portanto precisava de uma ação forte que permitisse eliminar as incompatibilidades em que se encontrava a população mencionada. Por outro lado, fazer uma imposição repentina, mudando as regras do jogo, atingindo àqueles que se encontravam em desalinho com a necessidade mencionada poderia tornar-se extremamente constrangedor aos que se encontravam nesta situação, degenerando em receio de demissão em massa para aqueles que não conseguissem compatibilizar-se à necessidade.

Além destes aspectos, assumir quaisquer atitudes que não apresentasse coerência com a política de RH desenhada para atender, principalmente, o respeito ao trabalhador era demonstração clara de uma demagogia sem limites. Mesmo porque, do ponto de vista prático, demitir os funcionários, cuja escolaridade não estivesse compatível com a nova referência, mas que detinham o conhecimento dos processos específicos e a cultura da empresa não era uma boa política, pois o aprendizado de anos de trabalho e treinamentos teóricos e práticos na função seria desprezado com uma simples demissão.

Diante desta situação, a empresa resolveu mostrar, como forma de sensibilização e convencimento ao universo que lhe interessava, que estava disposta a entrar neste jogo e facilitar, no entender dela, a solução para o problema. Para isto, buscou conhecer de perto as razões mais fortes que contribuíam para caracterizar o estado de aparente inércia dos profissionais que não se prontificaram

a compatibilizaram se, de imediato, com a medida adotada. Dentre as causas tidas como básicas, estavam:

- o fator econômico;
- falta de instituição de ensino supletivo compatível com as suas necessidades específicas próximas às suas respectivas residências;
- tempo disponível dos interessados, muito curto.

A partir desta problematização, a empresa buscou equacionar as dificuldades percebidas através de ações concretas e de iniciativa própria, que não dependiam diretamente da estrutura escolar convencional e que facilitasse aos interessados uma percepção favorável a uma possível compatibilização da condição escolar pessoal com os objetivos de escolaridade mínima definidos pela empresa.

Desenvolveria dentro das suas dependências uma escola “Telecurso”, de Ensino Fundamental e Médio, com infra-estrutura adequada ao aprendizado, em parceria com instituição confiável e legalizada, oferecido em horários compatíveis com todos os interessados, sem ônus para o trabalhador. Daí surgiu o “Projeto Volta à Escola”, patrocinada pela empresa numa parceria com o Sesi (Serviço Social da Indústria), para orientação pedagógica e os recursos didáticos do “Telecurso 2000”. Mas ela sempre deixava claro que a escolha da instituição onde fazer o curso era livre e de responsabilidade do interessado.

Ao mesmo tempo não deixava espaço ao trabalhador, cuja escolaridade fosse inferior ao Ensino Médio, de não voltar a estudar, pois todas as condições foram dadas e que, a partir daquele momento, era uma questão pessoal voltar à escola ou não, pois a orientação era clara.

a) Todos precisam concluir o Ensino Médio.

b) Havia um dispositivo interno legal sobre escolaridade mínima o Ensino Médio.

c) Havia disponibilizado uma escola interna à empresa nos moldes adequados para atender as necessidades de escolarização dos trabalhadores.

d) Do ponto de vista financeiro, todas as despesas referentes ao processo de escolarização seriam arcadas pela empresa, isentando o funcionário de quaisquer custos operacionais durante a realização do mesmo.

Com a garantia de que, a partir daquele momento, as novas contratações seria o Ensino Médio concluído, assegurava-se que o número de funcionários cuja

escolaridade fosse inferior ao referido não tinha chances de aumentar e que, a partir daí, a solução apresentada seria definitiva.

Outro ponto importante na definição de fazer internamente a escolarização era deixar desenhada uma demonstração clara de que a empresa se preocupa com a situação de seus funcionários. Do ponto de vista do marketing, esta definição foi estratégica, pois teve aceitação praticamente absoluta. Todos enxergaram a medida como desinteressada e generosa e extremamente oportuna, pois facilitava a situação daqueles que precisavam daquele serviço.

Porque a Empresa Escolheu o TELECURSO 2000 e a Administração do SESI para Conquistar a Escolaridade Requerida

Na verdade, a empresa poderia usar outras alternativas para fazer o processo de escolarização. Aliás, alternativas mais econômicas e completamente estruturadas não faltavam, como é o caso do processo de escolarização montado pelo Sindicato dos Trabalhadores e que já tinha experiência comprovada com êxito nesta área naquela época.

A preocupação da empresa não se limitava exclusivamente à adequação da escolaridade dos seus funcionários. Isto era fundamental, mas era preciso garantir a preservação da sua ideologia de trabalho. Delegar a tarefa de escolarização ao sindicato poderia, sem dúvida, facilitar, operacionalmente para ela, o atendimento específico desta necessidade, mas poderia, ao mesmo tempo, abrir um espaço de oportunidade ímpar ao sindicato para fazer a disseminação de uma abordagem trabalhista inconveniente aos interesses corporativos da empresa. Por esta razão, ela optou por uma forma mais trabalhosa: fazer o processo de escolarização, administrando-o e custeando-o. Em compensação, ao mesmo tempo em que via garantida a satisfação de sua necessidade básica, conquista da escolaridade, encontrava a possibilidade de reforçar seus valores ideológicos do trabalho junto a um grande número de funcionários, internalizando neles razões relevantes do ponto de vista do capital que justificam essa forma de gerir o negócio. Por outro lado, atendia a imperiosa necessidade que a empresa tinha de se fazer a escolarização com a rapidez que o mercado exigia e de uma forma eficiente. Estrategicamente, a empresa lança mão de um modelo de ensino que está disseminado na sociedade, que tem legitimidade, aparece na televisão e está ligado a uma instância, como o SENAI, que tem vínculo direto com as empresas. Então, o TELECURSO apareceu

como uma saída muito boa e que é coerente, coerente com a lógica ideológica da empresa.

Mesmo que a administração não tenha pensado nisto, objetivamente é isto que acontece. Porque ela não estava pensando numa educação crítica, mas sim numa educação técnica. Acreditava que a educação é estritamente técnica e que por si só já é uma garantia de sucesso e transformação. E não percebia nenhum inconveniente, nenhum problema neste modelo de educação.

Do ponto de vista gerencial, trata-se de um sistema barato, porque a infraestrutura para atendimento das necessidades e o bom funcionamento da escola já fazem parte dos seus ativos imobilizados, bem como os demais recursos indispensáveis. Não que o custo seja zero, mas fica embutido no custo operacional e, por isto, não demanda verba específica para implantar e colocar a escola em funcionamento.

Outro fator interessante, do ponto de vista administrativo, é que este modelo de escola não compromete a empresa, porque ela não tem responsabilidade sobre o sucesso ou o fracasso dos professores, que são contratados pela empresa, mas sob orientação e supervisão do SESI.

Enfim, há aí uma lógica no sentido de atender o critério técnico da educação e de legitimar o processo de escolarização e lhe dar credibilidade, num atendimento dinâmico compatível com as imposições de mercado e garantia do controle ideológico da cultura do capital. Some-se a tudo isto baixo custo operacional que é marca registrada dos sistemas capitalistas.

Para a escolha da coordenação do projeto "Volta a Escola", a empresa precisava de uma instituição que conferisse credibilidade ao processo. A relação histórica do SESI junto à comunidade industrial gerou bons resultados para ambos os lados. Em função disto, a comunidade industrial desenvolveu alto conceito desta instituição, conceito, aliás, que é partilhado pela sociedade civil e pelo MEC. Esta estreita ligação entre a indústria e o SESI no desenvolvimento de projetos educacionais conjunto foram fundamentais para a definição da escolha da Instituição SESI como coordenadora do projeto "Volta a Escola".

O material didático escolhido foi o "TELECURSO 2000". Por se tratar de material específico dentro das necessidades reinantes na empresa, disponível com facilidade no mercado, reconhecido e aprovado, de boa qualidade e didática particularmente facilitadora, no entender do SESI, pois traz, além dos livros textos,

parte conceitual, aulas expositivas práticas ilustrativas em vídeo cassete para acompanhamento pelo aluno módulo a módulo.

Outro dado interessante, na escolha do TELECURSO 2000, é que este processo de escolarização é extremamente dinâmico, dependendo das condições o trabalhador conquista o certificado de conclusão do Ensino Médio em tempo recorde, em até um terço do tempo de uma escola convencional. O tempo reduzido para a conclusão do curso e sua certificação fica por conta das mudanças de alguns parâmetros realizados nesta modalidade de educação conforme mostra no capítulo sobre o TC 2000. Este dado era muito interessante, pois a empresa tinha urgência em concluir este processo para se compatibilizar com a exigência da certificadora.

Um ponto desfavorável era que para se viabilizar o TELECURSO dentro das dependências da empresa, se requeria a montagem de uma estrutura de atendimento relativamente complexa, pois precisava oferecer acomodações adequadas e compatíveis a um bom aprendizado. Porém, como se tratava de patrocínio da empresa, isto não constituiu em óbice para inviabilizá-lo, haja vista que a administração havia assumido de antemão que os principais obstáculos seriam removidos a fim de facilitar a todos o “retorno a escola”. Neste caso, o custo do material didático, para cada funcionário retornar à escola, ficaria a cargo da empresa como forma de incentivar aquelas pessoas a romperem alguns dos paradigmas que possivelmente os obstruíam de voltar às aulas, após muitos anos afastados dos bancos escolares.

Como Foi Estruturada a Escola e a sua Administração

Na verdade, um dos grandes valores a nortear a estrutura da escola foi a credibilidade que se desejava conquistar para o projeto. Para isto, buscou-se a parceria com o SESI para coordenação do projeto pedagógico e material didático de uma instituição conhecida e alta credibilidade, na sociedade brasileira, como a Fundação Roberto Marinho. Os recursos de outra natureza, tais como montagem de salas de aula conforme a filosofia da empresa e recomendações do SESI era relativamente simples, pois se tratava basicamente de um problema de custo. E do ponto de vista financeiro, a ordem é que não houvesse empecilhos, dada à importância do projeto para os propósitos da empresa.

Para criação da infra-estrutura da escola foi estimada uma demanda aproximada de 160 alunos por ano, o que permitia fazer projeções de um tempo

máximo e mínimo de atendimento de toda a população compatível com as necessidades da empresa. Para isto, foram preparadas duas salas de aula padrão, com localização estratégica dentro das dependências da empresa, com as seguintes características: salas climatizadas, cadeiras individuais estofadas, retro-projetor, quadro negro, vídeo cassete, televisão e demais recursos didáticos necessários ao desenvolvimento do aprendizado.

Foram contratados dois “facilitadores”, pela empresa, com experiência em TELECURSO e com formação superior em ciências exatas (matemática), de tal sorte que quaisquer atividades desenvolvidas dentro do ambiente escolar, orientar, analisar exercícios, trocar idéias, fornecer leituras suplementares, e avaliar o desempenho do aluno, bem como na eliminação de dúvidas referentes ao processo de aprendizado em questão, tivessem a assessoria pedagógica necessária, disponível e imediata.

A questão disciplinar dentro do ambiente de sala de aulas é de co-responsabilidade da empresa e dos facilitadores contratados, especificamente, para acompanhar o desempenho dos alunos conduzi-los e orientá-los dentro das diretrizes previamente acertadas entre as duas instituições.

CAPÍTULO IV – TRAJETÓRIAS DE ESTUDO DE SETE OPERÁRIOS

Crítérios para Seleção dos Entrevistados

A primeira medida tomada para estabelecer os critérios foi obter, formalmente, a autorização da alta administração da empresa para fazer um trabalho de pesquisa que envolvesse dados referentes ao seu processo produtivo, alguns critérios de administração, ao mesmo tempo em que envolvia seus profissionais e o próprio sistema de escola que ora ela administrava em conjunto com o SESI no interior de suas dependências.

A escolha para centrar a pesquisa no telecurso de ensino médio não teve razão determinante. Primeiro porque a pesquisa poderia ter sido feita no ensino fundamental, uma vez que a referida empresa desenvolveu o telecurso nos dois níveis – fundamental e ensino médio – simultaneamente. Segundo porque o que se pretendia medir – os efeitos desta escola nos trabalhadores – poderia tanto ser em um como no outro módulo do telecurso.

O mais relevante, para que a escolha recaísse no ensino médio, foi a tentativa de estabelecer uma certa coerência do trabalho de pesquisa com o critério de contratação da empresa, que passou a exigir o referido grau de escolaridade mínima, para contratação de novos funcionários, a partir de maio de 1998. Outro ponto favorável a esta escolha foi o fato de que, no momento da pesquisa, o universo dos trabalhadores no ensino médio era maior do que no ensino fundamental. Isto facilitava encontrar um maior número de trabalhadores que estaria em condições de atender aos critérios estabelecidos para participar da pesquisa.

O universo de pesquisa trabalhado foi o dos alunos do ensino médio do telecurso interno à empresa e o critério para definição da amostra selecionada foi:

Universo de ganhos: Sete trabalhadores (o projeto inicial previa de sete a dez, porém só foi possível selecionar sete dentro do critério estabelecido); idade dos trabalhadores: maior que 25 anos; ter vínculo empregatício formal; ser iniciantes ao ensino médio e ter mais de três anos sem nenhum contato oficial com qualquer tipo de escolarização formal; a participação de qualquer elemento no processo de entrevistas devia ser voluntária.

De posse dos critérios de seleção e a autorização formalizada pela empresa, o trabalho foi levado ao conhecimento dos trabalhadores que se encaixavam no perfil descrito. A primeira abordagem foi coletiva, dentro da sala de aula. Foi esclarecida junto aos possíveis integrantes do projeto a condição acima descrita.

Enfatizado que havia autorização da empresa, que a participação seria individual e espontânea e que se tratava de um trabalho científico sem nenhum comprometimento junto à empresa e que a única relação comum era o fato de que o pesquisador também era funcionário da empresa referida. Isto era um fato, mas que não ia além disto. E o que realmente importava era conseguir a reprodução fiel, de cada um dos participantes do projeto, na descrição dos tipos de benefícios que esta escola estava lhe produzindo.

Foi esclarecido que a participação deveria ser individual. E que era restrito a uma ou duas entrevistas, se fosse o caso, e que o local, o dia, a hora da entrevista era de inteira liberdade de escolha do entrevistado, desde que fosse realizada no período adequado para o desenvolvimento do projeto e que não fosse realizada dentro das dependências da empresa. As entrevistas poderiam ser agendadas com uma certa antecedência, de tal sorte que ficasse o mais confortável possível para cada um dos participantes e que ele se sentisse à vontade com disponibilidade para falar. E o conteúdo das entrevistas se limitava às informações relativas à escola, ao contexto social seu e da sua família, um pouco de história de vida, etc, mas nada que se relacionasse ao trabalho. Neste ponto, deu-se ênfase ao fato de que na entrevista estavam envolvidas duas pessoas da empresa: o entrevistador que tem uma preocupação não como colega de trabalho, mas como pesquisador e desenvolvendo um trabalho de pesquisa para uma finalidade extrafábrica que não tem nada a ver com o trabalho na empresa e nem com a empresa. Pode até, remotamente, melhorar algo na empresa, mas jamais te prejudicar.

As entrevistas seriam baseadas num roteiro de perguntas pré-selecionadas, mas constituindo um instrumento flexível, de modo que outras perguntas pudessem ser acrescentadas para melhor esclarecer situações que pudessem oferecer dúvidas.

Nesta primeira abordagem, foram quatro os voluntários para o projeto. Os outros três solicitaram esclarecimentos individuais. A abordagem individual seguiu o mesmo padrão da abordagem coletiva. As diferenças ficaram por conta do olho no olho, da proximidade dos interlocutores e da própria atenção de quem fala que não se divide com outros elementos. Com as abordagens individuais fechou-se o grupo de trabalho com sete elementos.

Apresentação das Entrevistas e suas Análises

As entrevistas foram realizadas em ambiente muito tranquilo e sem receio. Os entrevistados aparentavam segurança diante das indagações feitas e respondiam de forma, aparentemente, espontânea e tinham naturalidade para perguntar caso alguma dúvida ocorresse. Muito embora, o roteiro para todas as entrevistas (Anexo1) fosse o mesmo o andamento do contexto discutido sempre variava um pouco, pois os valores de cada entrevistado estão banhados na sua cultura própria em função de idades diferentes, etnias diferentes, religiões diferentes, profissionais da metalurgia, mas com atividades diferentes, etc.

É importante ressaltar que essas entrevistas, sendo conduzidas pelo próprio pesquisador, que tem uma relação muito próxima com a empresa e com os trabalhadores, podem estar impregnadas dos sentimentos de quem as conduziu e ter influenciado até os próprios trabalhadores nas suas respostas. Um tipo de interferência que corre o risco de acontecer é que a verificação do aprendizado pode ser percebida, pelos entrevistados, como avaliação do telecurso, ou avaliação dos próprios entrevistados, haja vista que o pesquisador tem um grau de influência administrativa na empresa, de certa forma, relevante.

Entrevistas com os Sujeitos da Pesquisa – Referencial Metodológico

Busca apanhar, junto aos alunos do telecurso, informações que ajudaram na definição ou definiram ações pessoais com relação às suas respectivas volta à escola e que com certeza serão úteis ao trabalho de pesquisa, no sentido de responder ou auxiliar a formulação de soluções, cientificamente, corretas e viáveis as perguntas que no trabalho foram formuladas.

O trabalho de pesquisa foi realizado pelo próprio pesquisador. Algumas considerações básicas foram observadas para conduzir as entrevistas. Apresentar e manter isenção com relação ao sistema administrativo da empresa, ser um bom ouvinte, ser educado e conhecer técnicas de pesquisa, bem como estar bem informado do assunto em pauta.

Considerações Preliminares

A experiência estudada neste caso – um processo de escolarização pelo telecurso – é uma experiência em educação, não resta dúvida. Mas o que interessa conhecer é o quanto os sujeitos que se submeteram a esta escola tiveram de

benefícios concretos. Como já foi dito, no capítulo III, esta escola foi desenvolvida para propiciar auxílio a um processo de certificação escolar do ensino médio para um grupo de trabalhadores que, após a certificação dos produtos da empresa pela ISO 9000, tornaram-se inadequados do ponto de vista nível de escolaridade. Enquanto a empresa passou a exigir ensino médio, pelo acerto com a certificadora, cerca de oitenta e cinco por cento dos trabalhadores não tinham este nível de certificação.

De qualquer maneira a pergunta fundamental que se deve fazer, neste momento, não está associada ao problema acima exposto porque o que se quer saber é: Este modelo de formação educacional contribui em que medida para o desenvolvimento profissional, cognitivo, e social do trabalhador que assiste a estes cursos e se submete a este tipo de educação?

Para responder esta questão foi desenvolvida uma entrevista com estes sujeitos. Ou seja, com o grupo de sete trabalhadores que estavam se submetendo ao telecurso mencionado e que se prontificaram naturalmente a participar da pesquisa referida. A entrevista foi pensada com uma estrutura simples, porém fiel a alguns parâmetros, de tal sorte que todos os entrevistados tivessem liberdade de elaborar as suas respostas de forma livre e pessoal, mas o eixo orientativo era comum para todos.

As entrevistas foram feitas individualmente e eram gravadas com a permissão do entrevistado, perfazendo um total de quatorze horas de gravação e normalmente realizadas em ambiente familiar. Elas sempre foram cercadas de alguns cuidados especiais, tais como, esclarecer aos entrevistados que aquele evento era, absolutamente, independente da empresa e que o trabalho de pesquisa não tinha nada a ver com qualquer processo de avaliação das pessoas. E que, portanto, não se tratava de saber se a escola era boa ou não, e muito menos avaliar o aluno. O objetivo era simples e claro o trabalhador que assiste a este curso e se submete a este tipo de educação tem algum tipo de aprendizado? Qual?

Os questionamentos a cada entrevistado normalmente desencadeavam uma série de argumentos pessoais que às vezes faziam parte do contexto e às vezes não. Quando faziam parte do contexto, no entender do entrevistador, e que pareciam reveladores de informações interessantes, eram explorados dentro da entrevista, buscando enriquecer o processo de levantamento de dados para permitir reunir o maior número de evidências que pudessem auxiliar a comprovação de indícios de

algum tipo de aprendizado e que pudessem ser caracterizados como decorrentes do processo de escolarização ora em análise.

Muito embora a entrevista fosse conduzida sempre com o mesmo eixo de orientação as formas de abordagem nas respostas individuais apresentavam particularidades, quando comparadas entre si. Isto, de certa forma, poderia ter dificultado a interpretação dos resultados e fazer as conclusões, mas é preciso ter sempre em mente que o aprendizado é individual e heterogêneo, mesmo quando o cenário escolar seja, aparentemente, o mesmo. Com base nesta informação foi possível encontrar uma forma de administrar estas particularidades.

Por ocasião da definição do grupo de estudantes que fariam parte da pesquisa, atendendo em primeira mão aos critérios pré-estabelecidos como fundamentais, anteriormente, a maioria se mostrou reticente, um pouco insegura. Já no processo de entrevista propriamente dito o comportamento foi totalmente inverso. Era possível observar nas expressões de seus rostos uma certa alegria que é muito comum nos rostos dos adolescentes, dos jovens adultos diante da aventura do aprendizado, da descoberta, da capacidade de aprimorar talentos que a escola normalmente propicia aos seus alunos.

O desejo de mostrar aprendizado era muito intenso em alguns casos que muitos chegavam a demonstrar certa sofreguidão ao descrever as respectivas situações com o objetivo de mostrar que a escola havia produzido neles o seu efeito.

Certamente, é muito difícil elencar todos os benefícios desta experiência, por várias razões:

Primeiro. As entrevistas podem pecar pelo roteiro, pelo conteúdo, pela forma que foram conduzidas, pela inexperiência do pesquisador, e assim por diante.

Segundo. Fazer a leitura das entrevistas não significa, necessariamente, ler exatamente o que foi dito. Esta leitura pode vir impregnada pela subjetividade do seu leitor, assim como vir comprometida por falha na percepção de quem lê, ou por deficiência da análise e espírito crítico.

Terceiro. Na verificação do aprendizado poderiam ter sido usados outras ferramentas de pesquisa, tais como: teste de conhecimento escrito no início e final do curso. Mas dada a forma de conduzir o curso, os alunos trabalhadores estão sempre em diferentes estágios o que dificultava testes coletivos. E os testes individualizados demandariam um tempo muito grande de pesquisa que seria ditado pelo início e final do curso de cada um.

Diante da pergunta objetiva – este modelo de formação educacional contribui em que medida para o desenvolvimento profissional, cognitivo e social do trabalhador que assiste a estes cursos e se submete a este tipo de educação? – tornou-se mais fácil encontrar evidências de alguma mudança, mesmo que sutil. Uma coisa é certa. Houve ganhos!

E grande parte dos ganhos parece estar na forma que estes sujeitos desenvolveram de se perceberem depois de serem submetidos a este processo de escolarização. Isto é muito claro nos seus discursos desenvolvidos nas suas respectivas entrevistas.

Análise das Entrevistas.

Pela análise das entrevistas numa leitura individual dos posicionamentos de cada um percebe-se que são marcadas pelas características pessoais e pelos próprios contextos de vida. Naturalmente que cada um tem uma história e uma forma própria de elaborar os questionamentos recebidos de terceiros, de trabalhar as suas necessidades, um nível próprio de compreensão dos problemas vivenciados, uma aceitação particular das imposições dos sistemas, uma predisposição uma vontade diferente para cada indivíduo, etc. Mas não obstante a tudo isto a leitura das entrevistas apresentam uma série de elementos comuns, mesmo porque as condições estabelecidas, para a volta à escola, foram colocadas de forma coletiva pela empresa. E o projeto volta à escola atingiu também coletivamente àqueles que não tinham o ensino médio. Isto de certa forma os remeteu também coletivamente a um problema comum. Logo estes sujeitos tinham objetivamente muita coisa em comum: a mesma empresa, necessidade da mesma escolarização, evadidos das escolas quando crianças, trabalhadores adultos de um processo metalúrgico, fazem parte de uma equipe de trabalhadores que precisam incorporar um discurso de mudanças imposto pelo mercado de trabalho, sentem-se desafiados ou ameaçados pela necessidade de maior escolarização, alunos do mesmo TC 2000, etc.

É interessante esclarecer a metodologia usada para esta análise. Levantou-se primeiramente os aspectos das entrevistas que eram mais ou menos comuns em todos os entrevistados e transformou estes dados levantados num tópico específico de análise coletiva. Num outro momento foi tomado e analisado o depoimento de

dois sujeitos para buscar apanhar aspectos individualizados desta experiência escolar, olhando mais de perto para os detalhes de suas falas. O objetivo é mostrar aspectos mais recônditos dos seus posicionamentos tais como: conflitos pessoais ou com a empresa, aspirações e desejos pendentes ou frustrados, potencial intelectual e letramento, expectativas pessoais e familiares, etc.

As questões objetivas que foram apresentadas e muitas outras que aqui não foram citadas desenvolvem nestes sujeitos reações que podem ser subjetivas, mas algumas que podem ser observadas coletivamente. E neste momento interessa fazer uma abordagem naquelas que são percebidas de forma coletiva. Quando se analisa os seus respectivos depoimentos pode se enxergar a presença de valores comuns na maioria deles, que podem até ser descritos de forma diferente, mas estão centrados numa preocupação única que é o objeto, ou causas de suas reações.

Para esta situação particular o mais relevante deles parece ser a questão da certificação escolar, pois aparece de forma recorrente em seus discursos. A sua abordagem é feita usando, naturalmente, as próprias estruturas, de acordo com as suas experiências de vida, as suas leituras de mundo e ambiente em que vivem, mas usam com muita frequência o discurso, insistentemente, repetido pela mídia, pelo mercado de que é preciso estudar, pois aquele que não estuda não consegue emprego e, além disso, aqueles que estão empregados correm o risco de perder o emprego, caso não consiga atender, no tempo certo, a certificação exigida. Neste caso específico ensino médio.

Esta situação de inconformidade escolar, com relação às exigências do sistema em que vivem, influencia a avaliação particular de cada um e os coloca inadequados nas suas próprias concepções qualitativas, pois a referência escolar de homem trabalhador, de acordo com o novo modelo incorporado, é o que o sistema lhes impõe. Esta constatação parece mexer com a auto-estima deles, deixando-os inseguros e devedores de um tributo que é de difícil administração, uma vez que, não conseguem estabelecer objetivamente uma relação imediata do seu benefício com suas vidas prática, ou com os seus respectivos cotidianos.

Mas isto não muda a natureza, a obrigatoriedade da certificação escolar, porque não se trata de uma medida pautada pela objetividade destes sujeitos, mas sim para atender, objetivamente, uma necessidade que a empresa coloca como importante,

dentro do seu processo administrativo, em conformidade com os processos de certificação que ela teve que seguir por orientação do mercado.

Considerando a falta de relação direta da escolarização como beneficiária de suas vidas e a necessidade de escolarização por parte do sistema produtivo onde atuam, o que vai pesar mesmo nas suas consciências é a cobrança de suas certificações, não que a outra consideração não os incomode, incomoda, mas sendo ela pessoal passa a ser aceita como deficiência própria e passa para um nível de avaliação racional. A aceitação racional da deficiência aliada à cobrança de certificação imposta pela empresa reforça e legitima a dívida. O que os coloca numa situação muito especial de verdadeiros devedores. Desenvolve a partir daí um certo receio, um certo medo, um desconforto que vai mexer nas suas respectivas auto-estimas.

Por outro lado o discurso único de que quem quer subir na vida precisa estudar também os influenciam, construindo vagarosamente em suas cabeças, como modelo de homem certo aquele que é mais escolarizado.

Impulsionados por estes estímulos eles voltam a escola, sentem as sensações da mesma, recebem informações, etc. A partir deste momento sentem-se não só resgatando os seus reais débitos, mas também desenvolvendo uma atividade estudantil muito bem vista pela sociedade e que embute no seu desempenho o conceito de crescimento.

Esta combinação de situações, fatos e conceitos reforçam a sensação de crescimento pessoal, além de significar o resgate de uma dívida pendente.

O crescimento leva as pessoas a se sentirem melhores. Quanto mais ela cresce melhor se sente, porque crescer resulta da conscientização cada vez melhor do mundo interior. É o sentimento que indica se a vida vai bem ou não. Encontrar a chave para o bem estar é encontrar o caminho para aliviar o receio, o medo, o desconforto.

À medida que sentem avançando no curso eles se percebem mais livres, mais integrados dentro de um esquema que oferece, como propósito final, a possibilidade de resgatar lhes uma pendência incomoda, ao mesmo tempo, em que se sentem maiores do que os seus próprios problemas. Esta sensação é percebida como uma nova condição em suas vidas. Para estar maior do que algo que sempre os superou é preciso que tenha havido crescimento pessoal. Com isto o medo recua ou diminui, e a confiança em si restabelece e desenvolve e, conseqüentemente, há uma projeção dupla: Melhoria do mundo externo porque estão resgatando um débito

aparente com a empresa de ter e ser certificado no ensino médio e melhoria do mundo interno por conta da satisfação própria de se parecerem mais com aquilo que consideram como modelo ideal de desempenho para si.

Mas é muito interessante, neste momento, reaver e analisar as razões que os levaram a abandonar a escola na infância e depois voltar a escola em outros momentos, e a partir daí entender melhor esta situação. Claro que nas suas justificativas individuais aparecem razões diversas e não se pode dizer que não sejam verdadeiras. Mas um dado muito interessante, nesta situação, é que a exigência social suficiente de escolaridade parece pautar e definir o momento em que o aluno da década de oitenta deveria interromper os estudos. E este momento era a quarta série do ensino fundamental. É mais ou menos na década de oitenta que os entrevistados abandonam a escola e exatamente por volta da quarta série. Neste período fazer o ensino médio era uma coisa fora da expectativa do trabalhador, além de ser pouco ofertado pelos cursos, eles se davam por satisfeitos e interrompiam o processo escolar, pois as exigências objetivas de escolaridade para o trabalhador era aquela.

A exigência de escolaridade do ensino fundamental se dá no final da década de oitenta e início da década de noventa, assim como a exigência do ensino médio ocorre no final da década de noventa. Se observar o percurso escolar destes sujeitos percebe-se que há uma coincidência de suas respectivas escolarizações com estas datas. Isto é muito interessante porque mostra que o grau de escolaridade decorre do grau da demanda social por escolaridade. Logo a escolaridade que ele vai é aquela que a sociedade exige. A sociedade através dos seus mecanismos discursivos, mecanismos seletivos e do mercado de trabalho. Muitos dos funcionários da empresa se comportaram assim. Entra com o fundamental incompleto, há uma demanda pelo fundamental completo ele se compatibiliza através dos recursos do supletivo do ensino fundamental completo, logo em seguida há a demanda pelo ensino médio e ele a atende pelo TC 2000. O desafio em estudar tem a ver com a demanda e não com o desejo tão espontâneo como os depoimentos indicam. Agora é evidente que querer estudar eles querem, mas tem as condições complicadoras para cada situação em particular. E este estudar está muito diretamente ligado com a possibilidade de retorno real que poderá advir deste empreendimento. Neste caso o posicionamento de cada um com relação a uma possibilidade de uma nova escola, um curso técnico, ou uma

faculdade, passa de novo pelas disposições sociais objetivas, e neste caso também financeiras, em função do tipo de investimento que ele está fazendo. Assim como o filho do trabalhador "A" interrompe a faculdade porque o investimento financeiro não anuncia retorno e nem benefício imediato, a ponto do carro ser um bem mais necessário do que a faculdade, provavelmente a partir do momento em que estes trabalhadores concluírem o ensino médio e ficarem em dia com o nível de escolaridade demandado também interromperão seus estudos. Logo a busca por escolaridade formal resulta do reconhecimento social da escolaridade necessária com o lugar onde a pessoa está. O universo de expectativa futura é muito limitado. Há uma consciência do que sou e o que posso ser. Uma consciência objetiva até que não dita. Isto quer dizer o seguinte se a empresa tivesse oferecido este curso a dez anos atrás, e este curso não tivesse caracterizado como uma necessidade da empresa e dos trabalhadores talvez a adesão fosse muito menor. Não se pode afirmar isto categoricamente, mas pode ser postulado.

O que se percebe é que o percurso escolar deles está diretamente ligado às demandas que vão se colocando objetivamente para estas pessoas a cada lugar. E que o grau de expectativa futura de investimento também tem a ver com isto, e além do mais, apesar de haver uma demanda grande por ensino médio agora foi preciso que a empresa tomasse a iniciativa de fazer uma cobrança ostensiva, obrigatória para que eles viessem a fazer. Caso contrário muitos deles possivelmente não o fariam.

Um outro ponto muito interessante nos seus depoimentos é que a preocupação em conquistar uma escolaridade maior parece não estar centrada somente na necessidade de certificação que era uma imposição da empresa. Mas esta escolaridade aparece como reforço moral para cobrar dos filhos um compromisso maior com a formação escolar. Apontam esta experiência escolar como um legítimo argumento no convencimento de seus filhos da necessidade de uma escolarização adequada. E que a partir do momento em que aceitaram o desafio de voltar a estudar sentem-se com muito mais autoridade para discutir esta questão. O sacrifício para compatibilizar tempo, energia para assistir aulas depois de uma jornada de trabalho, abrir mão do descanso e do lazer, o esforço mental para entender e fixar conceitos, etc desenvolve nestes sujeitos um certo grau de autonomia e autoridade que os colocam moralmente aptos para exercer com maestria a função de auditor familiar nas questões escolares. Isto para aqueles que

têm filhos em idade escolar e freqüentando escola, mas não é muito diferente para aqueles cujos filhos são pequenos, pois o argumento neste caso é de que o melhor exemplo de convencimento são as ações práticas da vida e que no momento certo das cobranças as condições já estarão dadas.

Há um benefício inequívoco nas suas vidas pessoais. Melhora a auto-estima e a relação com a família. Os benefícios desta escola se tornam mais visíveis em função da conformação destes sujeitos. Seguros, formados, estabelecidos, organizados. É possível que a escola tenha mobilizado saberes que eles já tinham e estavam desorganizados, portanto mais do que aprender em função da situação que estão passando estão organizando idéias que eles já tinham. E para aqueles que têm filhos em idade escolar o fato de aumentar o diálogo, indagações sobre questões escolares pode se pressupor que houve aprendizado nesta relação. Como não se tem neste caso elemento de comparação do tipo: se fosse outra escola seria melhor, ou se fosse outro modelo de ensino seria melhor? O que se tem é o ganho descrito e é um ganho dentro da lógica do sistema. É o ganho dentro da ideologia de que educação faz bem.

Agora estão enquadrando para viver bem dentro da empresa na lógica do trabalho. Não há nenhuma contestação, ao contrário, há quase uma gratidão para com a empresa em função dela ter lhes proporcionado isto. Há um aumento do passivo pessoal para com a empresa.

É preciso considerar que estes depoimentos são muito específicos. Pessoas de uma certa idade, a maioria próxima dos quarenta anos ou acima disto, são bem sucedidos profissionalmente e, que, portanto se organizaram na vida para o sucesso profissional. Fazem parte da elite operária, tanto que têm situação econômica bastante estável. Com exceção do mais jovem, que tem vinte e nove anos, todos têm casa própria e carro. As demais conquistas são comuns para todos: Vida familiar organizada, fins de semana ou folgas do trabalho em casa com churrasquinhos, família estudando organizadamente, etc, mostrando que há uma organização de suas vidas independente da escola e incorporaram estes valores que são valores típicos da pequena burguesia como bens importantes para as suas respectivas satisfações e se enquadram na lógica de alta escolaridade. Então buscar escolaridade, mas é quase uma coisa natural para a vida em que hoje estão constituídos. É como fator de legitimação do próprio sucesso que eles já tiveram. São trabalhadores bem sucedidos, e muito bem sucedidos!

O que pode ser constatado ao se analisar as suas respectivas trajetórias de vidas dentro da empresa e constatar que são remanescentes dentro de um processo de redução drástica no quadro de funcionários, passando por sucessivas peneiras de redução do quadro de pessoal de quase oito mil funcionários para algo em torno de cinco mil. Considerando que destes cinco mil, parte é renovável, eles fazem parte de um quadro muito especial dentro da empresa e que são aquelas pessoas que valem a pena investir, porque são bem ajustados ao modelo em andamento na empresa. E isto não é nem mérito e nem demérito é simplesmente a realidade do momento.

Encontram-se numa situação que é completamente diferente, por exemplo, de quem tem a família desestruturada, ou que esteja desempregado, ou que tivesse já buscado a educação não como o caso deles, mas alguém que por um diletantismo tivesse ido à escola. Porque percebe-se que no caso deles há a obrigatoriedade de ir à escola. Mas de qualquer maneira uma obrigatoriedade que pode-se dizer agradável em função da situação em que estão conformados. Numa condição plenamente possível sem que tenham que fazer um esforço redobrado: não têm investimento financeiro, não têm deslocamento muito grande, perdem algumas horas a mais do dia. E a contrapartida sendo pequena o esforço pessoal vai valorizar ainda mais o que estão fazendo.

Estas considerações dentro do contexto das análises coletivas das entrevistas mostram aspectos comuns e ao mesmo tempo relevantes para entender um pouco melhor este processo de escolarização e responder sobre sua validade e os seus ganhos para os trabalhadores. Para complementar estas informações serão mostradas a seguir as análises individuais de duas destas entrevistas, explorando aspectos mais subjetivos.

Análise da Entrevista do sr Almir.

A entrevista mostra uma trajetória de vida comum ao perfil de muitos brasileiros. De família pobre e muito carente que por necessidade de sobrevivência foi incorporado ao trabalho numa idade precoce, comprometendo escola e possivelmente saúde.

Mostra muita firmeza de caráter quando descreve as suas experiências vividas durante sua infância e adolescência marcadas, constantemente, pela figura do trabalho. As dificuldades de se acertar num posto de trabalho que atendesse

principalmente as questões relacionadas com a segurança e com a prática moral nas relações de trabalho.

Abandona por várias vezes a escola por motivos vários tais como: incompatibilidade com professores, pelas constantes mudanças da família em busca de novas oportunidades geradas principalmente por seu pai que não tinha morada fixa. Faz a descrição de um ir e vir para escola sempre permeada de conflitos que vai transformando sua relação com a escola numa relação insegura, minando a sua vontade de freqüentar a escola até a sua completa desistência do propósito de estudar enquanto criança. Abandona definitivamente a escola sem conseguir o certificado do curso primário.

Mostra uma determinada fixação por conta do comportamento do pai que não tinha emprego fixo e que marcou profundamente o seu processo de escolha a partir daquele momento. Ou seja, desde vinte e cinco anos atrás já achava que tinha que estudar melhor e mais. Isto talvez só tenha vindo a repercutir à medida que as necessidades de escolaridade do sistema onde estava inserido se impunha cobrando uma nova escolaridade que ele não tinha. Foi assim quando entrou na empresa com a certificação do primário em 1979, com o supletivo em 1984 quando lhe cobraram o fundamental para compatibilizar-se com os critérios de promoção e agora com o ensino médio.

A experiência vivida com o pai desenvolveu uma concepção de necessidade dinâmica de ajuste com o sistema, uma vez que não queria repetir para si a vida do pai e nem queria para seus filhos a vida de filho que tivera. Esta certeza foi o suficiente para fazer a escolha de ter emprego fixo, mas não foi determinante para antecipar o seu processo de escolarização antes que o sistema lhe cobrasse. Ele mostra que está pronto para atender uma nova exigência de mercado com relação a escolaridade, mas não a precede. Com o seu comportamento ele mostra que a escolaridade que ele busca é aquela que a sociedade exige e, com isto, estabelece um paradoxo com o próprio discurso de que a volta a escola tinha a ver com um desejo espontâneo pessoal. Logo conquistar uma melhor escolaridade formal é resultante da identificação social da escolaridade necessária e compatível com o lugar em que se vive e com as prováveis possibilidades de vantagens objetivas postas. Pelo menos é o que ele mostra. Mas é claro que é preciso respeitar a sua cultura e todas as dificuldades que enfrentou e enfrenta no seu processo de vida e de escolarização.

O seu processo de escolarização é muito influenciado pela empresa, tanto é que cita a figura de um antigo diretor que incentivava o estudo para seus trabalhadores, mas ao mesmo tempo, para exercer um certo controle sobre o aproveitamento escolar destes trabalhadores, os demitia quando reprovados ou abandonasse a escola. A empresa de um lado tende a estimular os seus trabalhadores a estudar de outro lado ele tem uma política interna contrária a ela mesma. Segundo o seu depoimento na entrevista esta situação ambígua o levou a não estudar por medo de perder o emprego, caso caísse naquela condição considerada pela empresa como fracasso escolar. E em outros momentos distintos ele volta a estudar para garantir promoção no trabalho ou até para se condicionar numa escolaridade que é exigência legal e mínima admitida, neste caso faz para preservar o emprego.

É muito interessante o depoimento do sr Almir. Ele joga o tempo todo com os dois valores: vontade de estudar e as condições adversas que enfrenta na empresa, onde em alguns momentos transfere para a empresa a responsabilidade de sua não escolarização mais precoce, mas ao mesmo tempo deixa claro que só volta a escola quando uma situação objetiva determinada pela empresa se impõe e que possa surgir a partir dela prováveis perdas para si nas suas relações de interesses com o trabalho. Mostra que aprendeu a conviver com o sistema e tem muita habilidade para lidar com as questões objetivas. Quando se trata da administração dos seus conflitos pessoais e da preservação da sua auto-estima ele atribui para a empresa a responsabilidade da sua inércia escolar, mas quando se trata de uma exigência objetiva ele vence todas as dificuldades presentes e por si só define o momento e a forma que quer retornar a escola. Demonstra uma versatilidade intensa diante das demandas pragmáticas da vida com uma capacidade de ajustamento aos processos presentes no contexto vivenciado, adequado para si e para o sistema de forma geral. Tem um posicionamento firme próprio de uma personalidade equilibrada, uma pessoa educada, receptiva, determinada, aparentemente uma pessoa sólida, de família constituída que tem decisões próprias e com muita coerência com o seu jeito de pensar. Estas características foram evidenciadas logo no dia da entrevista.

A entrevista estava marcada para as 14:00 h e por dificuldades com o trajeto cheguei com dez minutos de atraso. Ele estava na porta da casa com a esposa à minha espera. Conduziu-me de forma muito cordial e natural para a sala de visitas da sua casa que estava muito bem arrumada, valorizando não só a minha presença, mas principalmente o homem trabalhador e a instituição família. Uma demonstração

completa do homem articulado e consciente do papel que precisa representar diante das contingências que a vida no seu contexto social sempre impõe. Tratou do evento como se fosse um acontecimento extremamente importante e não perdendo a oportunidade de si usufruir dele levou-o para fora de sua casa esclarecendo aos vizinhos as razões daquele fato. Numa demonstração clara de que o curso TC 2000 tem objetivos básicos: A certificação obrigatória do ensino médio e a função periférica que o curso pode ter na vida dele. Por que se afirma isto? Porque ele está constituído, tem a mente montada, tem a família montada, tem as opiniões constituídas. Claro que pode aprender algumas coisas pragmáticas no curso: um pouco de matemática, um pouco de português quase sempre informações irrelevantes para a sua vida real. Mas o curso não vai mudar em absoluto o seu modo de ser e nem vai potencializar o que tem de bom, porque este curso não capacita ninguém para liderança. Não cria condições propícias para uma pessoa exercer a liderança, mantém a lógica que ele tem de vida e só com este curso ele não vai se socializar mais, não vai melhorar as suas habilidades em matemática, ou em português, mesmo porque não precisa, porque não encontra de forma objetiva uma associação do que aprende nesta escola com a vida pragmática que leva no seu trabalho.

Ele recebe informações do meio em que vive e demonstra ser influenciado por elas, mas tem capacidade de discernimento próprio quando afirma que ao analisar o perfil dos novos contratados da empresa e compará-los com o seu próprio perfil percebe que eles são completamente diferentes de si. Eles chegam à empresa com ensino médio concluído, são estudantes de línguas (espanhol e inglês) têm curso de informática, etc. E atribui ao fenômeno da globalização o desenvolvimento destas características. Mas neste mesmo ponto da entrevista ele dispara um comentário muito interessante referente a estas qualificações escolares dos novos contratados, dizendo: ***“E eu comecei a observar que a valorização exigia estudo e ao mesmo tempo que exigia eles não estavam sendo valorizados”***. Este comentário remete ao raciocínio para a caixa de ressonância usada pelas empresas com relação à escolarização de que a educação teria a oferecer não apenas quanto ao desenvolvimento econômico-social, como também em termos de solução dos problemas individuais do emprego. Esta supervalorização da escola associada à questão da empregabilidade aumentou, significativamente, a oferta de mão de obra com maior escolaridade e, diante desta maior oferta, as empresas aproveitaram o

ensejo e afunilaram os critérios de contratação para uma maior exigência escolar, porém as suas necessidades internas de conhecimentos para os seus postos de trabalho parecem que não se alteraram tanto, isto significa que estes conhecimentos não são usados, donde não são valorizados como foi apontado na observação do sr Almir. Interessante como ele mostra a lógica perversa do sistema ainda que não consiga traduzir isto numa linguagem que revele uma consciência mais objetiva, mas mostra que tem entendimento perfeito desta lógica que tem percepção só não consegue juntar as peças.

Ele enfatiza que sente mais facilidade agora com relação a escola do que quando era criança. Isto se configura muito interessante porque reconhece que a escola de hoje é mais fácil do que escola de sua infância. Mas na verdade esta facilidade não decorre da maior ou menor facilidade da escola em si, mas sim da sua própria capacidade de se organizar e do seu conhecimento de vida acumulado nas suas experiências no trabalho, na família, na igreja, com os amigos, etc. A vivência escolar deste momento simplesmente enseja o seu aparecimento, dando a sensação de que hoje é muito mais fácil do que quando era criança. No seu depoimento mostra que tem uma vivência muito rica e que teve oportunidades distintas de um aprendizado variado e com um relacionamento interpessoal, até por questão de necessidades, multifacetadas. Segundo Ana Galvão (2003) outras instâncias trabalham ao lado da escola na elaboração desta formação social (o trabalho, o sindicato, o partido, a igreja, a biblioteca do bairro, a associação, o clube, etc) que também contribuem para o desenvolvimento de um letramento maior do que aquele que seria compatível com a sua escolaridade, principalmente quando o sujeito exerce uma certa liderança na comunidade no trabalho, etc. A consequência desta forma de vida foi um aprendizado prático que lhe rendeu um elevado grau de letramento social.

Quando faz a sua avaliação de escrita e leitura há a incorporação de uma lógica repressora e punitiva para ele mesmo. Percebe-se que ele fala muito bem com uma ótima fluência, mas o que considera importante é que erra em português. Considera escrever bem ter uma boa caligrafia e ortografia correta. São duas coisas completamente insignificantes, segundo Britto, para avaliação de escrita de uma pessoa, mesmo porque as escritas cada vez mais são feitas em computador. Afirma que não sabe escrever, mas quando coloca o problema o faz com muito simplicidade e objetividade de forma clara.

Na sua avaliação ele não é parâmetro para todos. Ele dividiu os trabalhadores em dois grandes blocos: o bloco dos curiosos, dos interessados, dos dispostos e o bloco dos desinteressados. O sucesso dele vem em grande parte da disponibilidade pessoal objetiva prévia de pertencer ao bloco dos interessados que aprende sempre. Aprende computador na produção, tem sempre um desafio, quer sempre aprender mais, acha pouco o que sabe, mas isto vem de uma disposição dele que independia do curso. É muito mais ele oferecendo para o curso esta posição do que o curso lhe oferece uma condição nova. O curso é um lugar onde se vai buscar informação, mas ele está pronto. Um homem aos quarenta e quatro anos está pronto, não vai mudar facilmente.

No seu depoimento manifesta o desejo de fazer faculdade, mostrando que há um interesse em atender desafios culturais e intelectuais gerais coisas relacionadas com um sonho acalentado por muito tempo uma espécie de recuperação da identidade perdida quando menciona o curso de Veterinária ou Agronomia, de certa forma buscando retomar as próprias origens. Mas gosta do emprego dele, é metalúrgico, especializado, está no auge da carreira, numa empresa de ponta, numa situação razoavelmente estável, mas tem como desejo íntimo trabalhar no campo, resgatar a infância e recuperar aquela origem que é, ao mesmo tempo, origem que é numa certa lógica perversa que havia lhe impingido esta baixa escolaridade. Mas vê na educação um valor muito grande e acredita que escola é um bem em si. Isto não quer dizer que não perceba a pressão da empresa para a sua certificação no ensino médio. Ele não toma isto negativamente porque mostra ter um vínculo afetivo com a empresa muito forte e tem uma confiança muito grande na empresa e se sente parte da família. Além do mais há a recuperação da auto-estima com o retorno à escola isto em qualquer curso que faça. Em havendo uma predisposição, uma disciplina, uma organização e uma aceitação do jogo a tendência é, no mínimo, encontrar uma grande realização porque tem agora um determinado grau de educação e novos desafios que podem fazer, incluindo entre eles a faculdade, que não é nenhum absurdo. Dado que as condições que estão postas aí, como cursos disponíveis e relativamente baratos, lhe permita realizar o desejo até para realizar a sua satisfação pessoal.

Aqui neste ponto mostra uma sensibilidade muito aguda na questão da administração com um apontamento muito sutil, assemelhando quase que a uma queixa, quase que um balizamento para o entrevistador que ele sabe se tratar de

uma liderança na empresa. Ele percebe que o investimento da empresa em pessoal está limitado àquilo que é de interesse dela. O que é que ele quis dizer ao afirmar que a universidade é cara e a empresa não investe no crescimento das pessoas. Que ele gostaria de fazer faculdade e gostaria que a empresa pagasse esta faculdade. Mas sabe que a empresa não vai pagar esta faculdade e tem consciência plena disto. Mas não põe a culpa na empresa e não vê isto como estratégia da política de administração da empresa, mas como uma coisa compartimentada em alguns departamentos que agem de acordo só com os interesses da empresa e desconsidera os interesses do trabalhador. A empresa é boa o problema é com os departamentos que não vêem o que os seus trabalhadores precisam. Isto é a consciência do possível. Do possível nos dois sentidos: no sentido da vida que ele tem e no sentido do conflito que ele quer ter. Ou seja não se permite entrar em conflito psicológico, não real com aquele lugar que serve de identidade para as suas referências. Se admitir que a empresa é sacana estará destruindo o seu local de trabalho e o próprio orgulho do trabalho, uma vez que sente orgulho de ser operário, porque se orgulha de estar na condição do trabalhador que ele representa.

Na entrevista o sr Almir deixa evidenciado que há a exigência de escolaridade de nível médio explicitado pela empresa de acordo com a sua leitura da situação. O RH e a política oficial da empresa podem até estar usando da máxima sinceridade, mas de fato dada as condições discutidas e objetivas que a empresa aborda é a lei e não uma sugestão. Todo mundo que está dentro da empresa tem consciência disto.

Análise da Entrevista do sr Benedito,

A interrupção dos estudos ainda na fase de adolescente – doze anos – é motivada por problemas de ordem emocional, morte da mãe. Com isto perde se a estrutura da família. O pai passa a embriagar se com freqüência e as coisas saem do ritmo normal, tendo como consequência a sua saída da escola e ele passa a trabalhar na lavoura para atender necessidades financeiras, ao mesmo tempo em que se envolve com as drogas. Estes acontecimentos, de certa forma especiais, foram definitivos para interrupção dos estudos enquanto adolescente e com certeza contribuíram para a sua condição de baixa escolaridade como adulto.

A questão do envolvimento com drogas hoje é um problema superado e ele reputa como fator de contribuição para esta superação a própria empresa.

Com relação a voltar a estudar ele atribui esta realização à empresa, uma vez que esta oportunidade já havia surgido antes, mas que não sentiu vontade o bastante para fazê-lo, e que só agora sentiu motivação suficiente para vencer as dificuldades relacionadas com a volta a escola. Agradece a iniciativa da empresa de lhe cobrar maior escolaridade e onde ele enxergou uma oportunidade objetiva de elevar seu nível de escolaridade.

Já a avaliação que ele tem de estudar é bastante genérica, de senso comum, de que escola é bom e aprender faz bem. Enxerga escola como algo que lhe permite ver mais, abrir horizontes, crescer na vida, ampliar conhecimentos, para abrir a cabeça, que é uma visão bastante genérica identificadora do senso comum de ver a escola como um bem, do conhecimento como um bem. Não é errado pensar assim. O que se quer dizer é que esta visão não permite perceber criticamente a escola e como é que se dão os movimentos escolares e como é que se dá o processo da escola e o por que de se estudar.

Ele enfatiza que “hoje o mundo está avançado”. Isto é a reprodução de um discurso que ele escuta todo o dia, na empresa, na imprensa, na mídia, dos colegas, podendo ser caracterizado como voz hegemônica do senso comum. A idéia de que é preciso estudar porque o mundo é avançado, porque a tecnologia exige mais conhecimento e assim por diante e que este conhecimento está dado na escola. A idéia de subir na vida através da competição, assim como a possibilidade de se conseguir emprego está amarrada a maior escolaridade. Portanto a vontade de estudar para aprender antes referida não é uma coisa abstrata, genérica, vaga. Esta vontade tem uma razão pragmática. O entrevistado está falando do nível pragmático e com uma conotação muito especial de pragmatismo porque o fato de estar estudando não é porque ele quer aprender, ainda que ele não tenha dito isto, mas que é preciso estudar porque senão não terá emprego. É uma exigência que impõe esta necessidade. Não quer dizer que ao fazer esta escola não tenha outros ganhos, mas quando a necessidade de estudar não era colocada como uma condição indispensável, uma exigência da empresa não pintava a vontade real de voltar a escola.

Deixa claro que a sua volta à escola é motivada por necessidades impostas pelo mundo do trabalho, mas ao mesmo tempo não consegue identificar dentro do seu ambiente de trabalho, na sua função nada muito relevante que pudesse explicar ou justificar a necessidade da elevação de sua escolaridade. Assim sendo justifica esta

necessidade de maior escolarização da maneira mais singular possível, usando o próprio argumento do mercado globalizado de que aquele que não estudar não encontrará trabalho.

Logo a vontade de estudar decorre fundamentalmente de um tipo de pressão interna que ele sofre e que tem a ver com a possibilidade de ele ter emprego, ou de assegurar, de certo modo, uma garantia de emprego, mesmo que ela seja aparente. Acredita que o que as empresas pedem aos seus funcionários no trabalho, ou na hora da contratação para o trabalho é mais do que aquilo que ele possa oferecer e por esta razão querendo se compatibilizar com esta necessidade ele volta à escola para atendê-la. É bastante claro nas suas posições com relação a uma maior escolaridade. Ele se mostra categórico e sempre antenado com o mercado de trabalho e com o seu grau de exigência com relação ao nível de escolaridade que deve ser no mínimo o ensino médio para assegurar alguma esperança de se manter empregado e ao mesmo tempo empregável dentro do mercado de trabalho atual. O que mostra que ele está escutando estes discursos que estão no ar a respeito da empregabilidade do trabalhador estar vinculada a uma escolaridade maior.

Como o trabalho nas empresas não oferece garantias de emprego estável para ninguém a maior escolaridade entra como uma espécie de salvo conduto para que ele possa pleitear um trabalho em outra empresa caso venha a ficar desempregado. O fato de usar a instabilidade no emprego como fonte de motivação aos estudos não tem nada a ver com a sua relação atual com a empresa, pois no seu depoimento ele mostra várias vezes que tem uma relação muito salutar no trabalho e que tem uma admiração muito forte pela sua empresa atual.

Mas ele demonstra também um desejo contido de subir na vida e acredita que isto possa ser viabilizado via maior escolaridade. E argumenta que somente com o ensino médio isto não é possível, e que por esta razão já está pensando em dar continuidade aos estudos. E alega que quando terminar o ensino médio pretende fazer, quem sabe, um curso profissionalizante. Um curso de eletrotécnica, ou eletromecânica, mostrando que sua perspectiva está na experiência já vivida. Não deixa muito claro que tem intenção de fazer um curso superior, talvez até porque não tenha conseguido auto-estima suficiente para sustentar um projeto mais ousado, ou até porque os seus horizontes de vida e de experimentos não comportem estas dimensões.

A sua visão de estudar tem uma relação com algo que está pronto vem de de fora. De fato ele tem uma concepção de escola, estudo de que o que tem que se aprender está dado. Está pronto e vem da escola, e que ele não tem que por em questão os conhecimentos escolares. Mas dispor destes conhecimentos, tornar se mais culto, tornar se mais escolarizado, significa ser um cidadão melhor ajustado, ser mais capaz, isto em resumo significa se sentir melhor. Neste ponto ele declara o benefício que esta escola produziu em sua auto-estima, a ponto de se declarar satisfeito e relacionar escola com prazer. E esta questão da auto-estima ele alavanca em muitos pontos da entrevista quando menciona a sua performance pública especifica em que ele está sendo medido pela comunidade externa, mas no fundo medido por si mesmo, porque no fundo o que está mudando é a avaliação que ele tem de si mais do que a avaliação que ele tem da avaliação que os outros fazem dele, ou seja, como é que ele se vê visto pelos outros. Ele, portanto ganha porque voltou a estudar e ganhou segurança. Ele deixa claro que continua com dificuldades para ler e escrever, o que ele ganhou mais do que capacidade de leitura foi segurança nestas situações em que ele é posto a prova publicamente. Fica muito claro também uma melhora na sua auto-estima quando ele exerce o cumprimento de um certo papel paterno previsto pela sociedade de que cabe ao pai o papel de orientar o filho nos seus estudos em casa, saber responder as perguntas dos filhos e não passar o vexame de não saber responder as perguntas dos filhos.

É pouco provável que as questões que o filho estuda aos cinco anos de idade tenha alguma coisa a ver com o conteúdo que ele está estudando agora. O importante, portanto não é o conteúdo específico do que o filho pergunta, mas a segurança que ele tem ao tentar responder, é a segurança acima de tudo que ele sente ao se constatar como estudante, que está na escola e vou te acompanhar neste processo. Com isto ele projeta o acompanhamento da educação do filho, porque ele tem consciência de que não é neste momento que o filho vai perguntar, mas sim quando o filho estiver na escola fundamental, porque por enquanto é pré-escola. Quando o filho estiver na escola fundamental haverá de fato estas circunstâncias que ele vai perguntar como é que se faz, por exemplo, um trabalho escolar e ele saberá responder e isto será muito bom para imagem de pai que ele imagina que deve ter.

A auto-estima aparece muitas vezes no seu discurso. Apareceu na relação doméstica, aparece na relação com os outros, na relação profissional. Em vários momentos ele afirma ganhar auto-estima. Os ganhos objetivos não são perceptíveis

no seu discurso, do ponto de vista do conhecimento, mas é possível dizer que ele talvez tivesse mais conhecimentos organizados do que aqueles que ele imaginava ter e a experiência escolar permite que isto aflore e, de certa forma, isto entre como um subsídio para dar segurança a ele.

Isto aparece um pouco mais claro quando ele afirma, concretamente, que se sente mais confortável quando vai fazer compras, ler a bíblia, fazer uma conta, fazer um orçamento. Isto se configura muito interessante porque segundo ele a experiência da escolarização está lhe dando respostas objetivas para organização da sua vida. Diante das demandas pragmáticas da vida, e que são, portanto, coisas típicas do que se chama de letramento social. As pessoas aprendem estas coisas na prática, na própria realidade social. É evidente que a experiência, a vivência da escolaridade, por ser um trabalho disciplinador e organizador o ajuda na organização daquilo que já era a sua prática social e lhe confere mais segurança. Fazer orçamento, fazer contas, fazer compras, ler a bíblia são coisas que ele já fazia mesmo antes deste processo de escolarização, portanto já tinha consciência disto. O que é diferente é que ele está se sentindo mais a vontade para fazer certas coisas que são tipicamente de práticas sociais de leitura ou de pensamento de escrita organizada em que a experiência escolar, de acordo com o seu depoimento, contribui para dar segurança para ele fazer. Organiza a cabeça dele e isto possivelmente seja verdadeiro. Ainda que, muito pouco provável, a escola o tenha preparado diretamente. Como a imagem que ele tem da escola é uma idéia mitificada, congelada ele tenderá a reportar diretamente a escola este benefício. Quando na verdade é um benefício muito mais geral proveniente de um modelo de organização da vida que ele está levando. A escola contribuiu, mas não é muito forte.

Atribui à escola a capacidade de não se sentir muito ingênuo, portanto menos enganável, tornando se capaz de perceber as situações que poderiam enganá-lo. No comércio, num negócio, num contrato, numa relação de trabalho. Considera que o estudo o permite olhar o mundo com maior percepção e daí tornar-se menos tapeável. Esta colocação de que se estudar ele não será enganado é um discurso comprado. O que quer dizer isto? É uma coisa que todo mundo sempre diz para as pessoas de que quem estuda não é enganado.

Ele afirma que a escola o ajudou a ouvir rádio e TV, mas pelo que dá para deduzir, do seu depoimento, é que ele já tinha esta prática e uma certa percepção crítica,

onde ele mostra que já tinha uma certa necessidade da notícia e da informação. É pouco provável que isto tenha sofrido alguma influência, pois para ouvir rádio e ver TV a aprendizagem da escrita é insignificante a não ser num nível da análise crítica da notícia coisa que é pouco provável que ele tenha feito e mesmo porque ele não menciona isto nesta experiência escolar que ele está vivendo.

Descreve a cultura operária do pode não pode. Quem é que pode aprender. E que há uma disputa interna de vozes, uma polifonia muito significativa dentro do ambiente de trabalho. Neste ponto ele mostra como é recorrente a questão da escola para o emprego ao se referir a questão escolar do aprende não aprende. Neste ponto ele critica aqueles que acham que não podem mais, dizendo: “vão se danar porque quando precisar procurar um emprego não vai ter emprego com a escolaridade que tem”.

No seu depoimento ele menciona que foi evangelista, uma atividade dentro da sua religião que faz a interpretação de textos do evangelho. Isto é muito importante e evidencia duas coisas: Primeiro ele tem um letramento não escolar muito importante (Kleiman,1995) porque ele tinha que ler o evangelho e fazer a interpretação para a platéia. Segundo isto exigia dele um trabalho de liderança de disciplina e de organização de leitura que mostra muito do que ele diz que não tinha, mas na verdade ele já tinha. E esta experiência é extremamente informal e organizada, mas mostra que ele já tinha o domínio da leitura e da escrita no momento que volta a freqüentar esta escola. O que acontece é que ele está transportando toda esta experiência para a escola e está associando o resultado como benefício desta escola, mas que não dá para garantir que ele está aprendendo na escola. Com certeza a experiência escolar o está ajudando a organizar isto tudo. Por outro lado mostra que a visão dele seja a escola ou o trabalho tem a ver com uma lógica de vida que foi se organizando em torno de uma cultura disciplinar bem definida.

Com relação ao trabalho ele acredita que a experiência escolar tenha um papel organizador que lhe permite fazer coisas práticas no trabalho, por exemplo, relatórios. Logo a experiência escolar tem um trabalho organizador na atividade social cotidiana. Ainda que estas atividades já vinham sendo feitas antes. Mas se está fazendo estas coisas melhores que fazia antes é porque aumentou sua auto-estima. A auto-estima resulta do que? Muito mais de um movimento dele e do sucesso que ele consegue ter na escola em função do que ele pressupõe estar

aprendendo, do que propriamente de um ganho qualitativo de conteúdo escolar. Não está com isto retirando o mérito, o ganho dele. O que se questiona é o quanto este ganho é decorrente da sua experiência anterior de sua vida.

Este sujeito é a seu modo um vencedor, porque alguém que aos doze anos cai numa vida fadada ao insucesso, se envolvendo com uma série de coisas ruins consegue um emprego, possivelmente por alta demanda de mão de obra, e a partir daí soube organizar sua vida. Para esta pessoa que consegue por se em sociedade com a vida organizada uma experiência escolar é uma resposta, uma demanda muito desejada e, portanto reforça a experiência que ele tem. Aparentemente não está transformando o seu modo de pensar, até porque ele já tinha um modo estruturado. Lia jornal, ouvia rádio, via TV, fazia leitura do evangelho e o interpretava, etc. Mostra que tinha uma alta capacidade de liderança neste sentido. Neste caso não aparece o conteúdo escolar aparece, isto sim, o resultado de uma certa organização de todas as atividades pragmáticas da vida que tenham a ver com a exigência de leitura e escrita, portanto aquilo que é fundamentalmente a escola e que tenham a ver com a percepção da realidade social e que ter um certo grau escolar é uma condição necessária para poder ter no mínimo segurança. Levando em consideração que o tempo de escola é muito curto, porque ele tinha de três a quatro meses de retorno à escola no período da entrevista, o que ele apresenta é quase como se a escola viesse a reforçar o que ele é e dar a ele legitimidade para ser o que ele era, muito mais do que capacitá-lo para ser o que diz sentir. Já que havia um peso social muito forte em todo o seu discurso, um peso de reconhecimento de quem sou e o que posso ser e que é muito forte neste sentido.

Isto pode ser confirmado no seu discurso de que escola e trabalho é um grande aprendizado. É como se ele estivesse falando da vida dele neste momento muito mais do que uma avaliação específica desta experiência. Neste momento ele mostra o objeto de suas reflexões anteriores que o fizeram tomar decisões significativas que o arremessaram para a sua condição atual. Ele considera a sua atual idade o momento em que está passando para a maturidade, momento de pensar a vida, um filho de cinco anos que vai exigir dele um bom preparo organizacional, uma família, um trabalho para cuidar e está na idade adequada para vencer na vida, portanto é hora de se organizar. Logo ele concentra todas as suas ações para este objetivo. E estudar é um tipo de ação voltada para isto. O sucesso escolar que ele enxerga resulta, portanto destas conformações objetivas que ele tem – um conjunto de

referenciais objetivos de vida – favoráveis a este tipo de situação. Portanto a escola é muito mais consequência do que causa. Ele está na escola em consequência da sua situação de vida e não que a sua vida seja consequência da experiência escolar. Neste momento ter o ensino médio é uma determinação muito forte ditada pelo mercado, logo ele precisa de uma garantia. Pode se ter várias formas de conseguir auto-estima, mas sendo a escola uma instituição social muito forte que lhe dá auto-estima e ainda lhe assegura uma certa garantia de que poderá manter ou conseguir emprego com a capacidade que ele tem.

Com relação ao tempo de duas horas aula ele se posiciona dizendo que é muito pouco e afirma que o tempo deveria se estender por mais uma hora. Com isto o que ele quer dizer é que o que ele pode aprender é pouco porque o tempo é muito curto para muita informação e a ninguém consegue aprender tão depressa assim.

Quando ele afirma que houve mudança de hábito na sua vida depois que ele voltou a estudar é difícil de confirmar, assim como é difícil de aceitar. Porque não existe evidência de que numa experiência tão curta, de três a quatro meses tenha ocorrido mudança tão profunda. Não se afirma que ele não possa ter tido transformações, pois o fato dele ter começado a estudar pode ser um reflexo desta mudança. É de se duvidar que esta mudança tenha sido reflexa da escola. Não há dúvida de que a escola esteja cumprindo um efeito agregador de outros fatores. Há uma projeção nesta experiência escolar algo que ele sempre desejou e agora tem a chance de fazer. Ter o ensino médio modifica o seu status social e a sua auto-estima não há dúvida. Mas dizer que esta experiência escolar o transformou pode ser considerado um exagero. É dar muito peso para uma coisa que tem um efeito muito circunstancial na vida da pessoa. As mencionadas transformações já existiam e as capacidades já estavam dadas e neste momento considerado ele está utilizando uma condição para reputar esta situação para agradecer esta experiência. Esta escola tem o efeito de fazer a pessoa se sentir capaz. Mas o seu depoimento mostra muitas evidências, durante o trajeto de sua vida, que confirmam uma certa organização de todas as atividades pragmáticas que tenham a ver com a exigência de leitura e escrita. Ele já foi pregador da bíblia, assiste constantemente a notícia, alguém que usa um discurso muito articulado e organizado como o conhecimento do que é que o trabalho pede hoje, tem percepção de quando os seus colegas não percebem uma necessidade do mercado, alguém que tem uma liderança no combate a droga, portanto tem uma ação social muito forte na comunidade em que

vive. Nada disto é resultado desta experiência de escola. Agora é natural que este sujeito que está fazendo esta escola com este gosto todo, com este prazer todo, com esta alegria toda, resgatando a dignidade própria com isto, não vá dar a escola o peso que está dando. É evidente que vá atribuir a escola uma parcela muito grande desta realização.

Em um outro momento ele afirma que “a empresa não quer que o seu trabalhador fique parado no ensino fundamental, ela quer que ele avance. Ela quer que ele suba junto com ela. Isto ela mostrou quando ela colocou o TC 2000 para ajudar as pessoas que estavam precisando”. Neste ponto ele assume o discurso oficial da empresa. Para ele a razão do TC 2000 não é uma necessidade decorrente dos processos de certificação dos produtos da empresa para a ISO 9000. A razão da empresa dar o TC 2000 é que ela é boazinha e quer que a gente cresça com ela. É a família empresa, é a família todos juntos, porque assim dividimos responsabilidades e promovemos crescimento. O que significa a assunção de alguém que tem um débito com a autoridade, que tem uma gratidão pela autoridade, que tem um forte vínculo com a autoridade. O que fica evidente a opção religiosa no papel que ele cumpriu na igreja.

Quando ele termina o depoimento ele diz “quando eu terminar o curso eu quero apertara a mão dos diretores e deixar claro o meu agradecimento pelo beneficio que recebi”. Esta afirmação mostra que ele já recebeu o beneficio, apesar de ele ter feito menos da metade do curso. O que deixa claro que ele já sabe o que aprendeu, e ainda vai aprender, mas a grande coisa que ele está tendo de volta é este resgate da dignidade que tem a escola.

No seu posicionamento deixa transparecer até com uma certa clareza de que a idéia da conclusão formal do curso é mais significativa do que os conteúdos propriamente, o que mostra que ele recebe pronto e o que ele recebe pronto é o que ele pode fazer. O desafio é dado pela escola, os limites são dados pela escola, os conteúdos são dados pela escola, isto é inquestionável e não aparece em nenhum momento em seu discurso o contrário. Aceita o modelo escolar da forma que ele é e, com muita objetividade, admite usufruir dos benefícios que ela lhe proporciona, quando vislumbra a possibilidade próxima de resgatar um débito que considera seu, que é a sua certificação no ensino médio.

Quem Ganha o Que?

a) Ganhos Pessoais:

A leitura das entrevistas propicia perceber nos trabalhadores, desta experiência, uma série de ganhos que eles naturalmente enumeram e que com certeza consideram ganhos reais. E aqui não se questiona se foram ganhos ou não. Com certeza foram, mas não na forma que este trabalho busca encontrar nesta escola. Uma educação mais crítica, melhorias em matemática, na leitura e interpretação de textos, na escrita, etc.

O mais significativo foi o da conquista de sua própria certificação que o coloca numa situação confortável diante do critério racional da empresa de exigir ensino médio para o universo total de seus trabalhadores. Elimina-se esta inconformidade. Uma expressão muito forte, dentro do processo de certificação da ISO 9000, e muito conhecida do trabalhador, onde se quer dizer que produto não conforme não tem mercado. Tem que ser retrabalhado, ou eliminado.

As entrevistas mostravam esta preocupação, em maior ou menor grau, mas era uma figura recorrente. Com a conquista da certificação o trabalhador respirou aliviado porque se colocou alinhado com as normas da empresa e não mais se via diferente numa população de muitos iguais, pelo menos nesta situação. Com isto ele não se percebe mais sob a ameaça da possível perda de seu maior privilégio "o emprego". Este é um ganho real de altíssimo significado para o trabalhador, ainda que objetivamente seja menor do que supõe. Na pior das hipóteses ele poderia até alimentar sua auto-estima com um pensamento confortador de que se, por alguma razão, ele perdesse seu atual emprego atenderia a condição primária niveladora para se candidatar, a um novo emprego, em qualquer outra empresa, que, via de regra, está cobrando vai cobrar escolaridade mínima o ensino médio.

As entrevistas mostraram que eles têm noção clara da importância do certificado na preservação do atual emprego e, portanto, assumiram a responsabilidade de voltar à escola com uma clareza cristalina de que o primeiro benefício desta escola era a própria certificação. Mesmo porque, nenhum aprendizado teria valor se, por ventura, a sua realização estivesse condicionada à perda de um bem tão precioso como o emprego.

Todos afirmam que esta escola trouxe outros benefícios. E citam como benefício a forma como eles se vêem depois de voltar a escola. Por exemplo: Melhora da auto-estima. Com certeza esta melhora ocorreu muito fortemente nestas

peessoas porque a própria referência de profissional que a empresa colocou para os seus profissionais, que era o ensino médio, eles não atendiam. E com certeza isto deveria ser um desconforto constante, pois a todo instante eles se percebiam inadequados para atuar onde estavam. E ainda pior podiam sentir uma certa insegurança com relação a estabilidade do emprego. Esta carga de emoção, com certeza, os acompanharam até o momento em que decidiram voltar a escola e quitarem esta dívida.

Esta consideração subjetiva de quitação de uma dívida os remete para uma posição muito mais confiável, pois passam a acreditar não estarem mais ameaçados por um perigo iminente gerado pela inconformidade diante dos requisitos normativos da empresa. Esta nova condição os transforma em homens livres e como tal eles passam a viver. Daí acreditarem que são mais bem vistos pela sociedade. E sentirem mais à vontade nos ambientes sociais.

Este conforto proveniente desta situação pode ser percebido por eles como uma decorrência dos benefícios desta escola, pois foi a partir dela que eles conquistaram o direito de se sentirem membros ativos desta sociedade. Sendo a liberdade um direito do cidadão, com certeza passaram a si considerar cidadãos perfeitamente integrados nesta sociedade que é também um pouco representada pelo ambiente fabril.

É citação recorrente nas suas entrevistas ganhos do tipo conquistei novas amizades, aprendi novas referências de comportamento, a escola é um ambiente diversificado que facilita a percepção das diferenças, melhora a memória, abre a cabeça, etc.

Parece que este conjunto de melhorias os tornam mais confiante para lidar com a família, pois a maioria faz referência à maior facilidade para se relacionarem com os filhos após esta experiência. Neste caso o aprendizado empírico construído é de que o mercado não aceita nada menos do que o ensino médio como escolaridade mínima. E eles se apresentam para a família como heróis deste fato, pois foram postos a prova e saíram vencedores. É um motivo de orgulho pessoal. E a partir daí eles parecem desenvolver uma lógica de raciocínio que lhes dá suporte para se posicionarem diante dos filhos e cobrarem uma escolaridade no mínimo superior àquela que conquistaram ou está prestes a conquistar. E isto parece ser algo extremamente agradável na vivência deles.

Uma outra questão interessante é que diante do desafio vencido ou preste a acontecer eles vislumbram a possibilidade de seguir em frente. Quando

questionados sobre a possibilidade de fazer um outro curso que fosse do gosto de cada um, eles afirmam querer fazer um curso técnico profissionalizante ou até fazer uma faculdade como é o caso dos mais jovens. O fazem sem objetividade o que parece ser próprio da falta de horizontes decorrente da vivência social de cada um. E neste caso a suposta busca por maior escolaridade é uma visão própria e tem como objetivo subir na vida. O que, de certa forma, demonstra o quanto acreditam na formação escolar como oportunidade para conquistar possibilidades de melhorias.

b)Ganhos Para O Sistema.

A palavra educação significa conduzir para um lugar diferente daquele que se está e não há prática educativa coerente se não houver inconformidade.

Este conceito mostra que educar é transformar e que há uma preocupação com o tipo de formação escolar que se pretende implementar para atendimento de uma determinada necessidade, de um tipo de conhecimento para uma determinada população.

No momento da definição de se implantar a escola na empresa este conceito teve o seu peso moderado, pois vivenciava-se uma situação muito particular, onde as necessidade de escolarização imediata fora estabelecida em função de um critério técnico. Uma especificação mercadológica que definiu, sumariamente que, a partir daquele momento, a empresa deveria equalizar todo seu quadro de funcionários com escolaridade mínima ensino médio. Com isto a empresa foi obrigada a rever seus critérios de contratação de pessoal, alterando o quesito escolaridade que a partir de maio de 1998 passou a ter como exigência mínima a conclusão comprovada do ensino médio. E para aqueles funcionários que estavam em desalinho com a referida escolaridade à concessão de uma data específica, a posteriori, para se fazer o devido ajustamento.

Pensar a escola naquele momento, para atender a necessidades daqueles cuja escolaridade era inferior a referência mínima exigida, não incluía somente uma preocupação com o aprendizado. Ela precisava conferir competência técnica para compatibilizar a referida escolaridade para a mencionada população. O aprendizado naquele momento não era objeto de preocupação maior, pois nada havia mudado na rotina do processo, e nenhuma nova tecnologia estava sendo implantada que demandasse novos conhecimentos. O aprendizado entraria como possibilidade

decorrente de um objetivo urgente que era a certificação dos funcionários devedores da referida escolaridade. A afirmação acima descrita de que nada estava acontecendo na rotina do processo bem como nenhuma mudança tecnológica é um exagero literário. Na realidade o que se quer esclarecer é que nada muito relevante que justificasse a decisão tomada. Claro que numa empresa que cresce numa razão de 10 a 11 % ao ano muitas novidades acontecem na sua rotina operacional e, com certeza, se incorpora novas tecnologias a determinados pontos do processo numa frequência muito acima da média nacional, mas são mudanças localizadas. Mesmo que as mudanças fossem mais abrangentes no cenário total da empresa não seriam tão fortes e urgentes o suficiente para provocar uma decisão imediata, a nível corporativo, de se fazer uma alteração radical que colocasse, de uma hora para outra, oitenta e cinco por cento da população dos funcionários da empresa inadequado ao trabalho do ponto de vista escolaridade. O aumento do nível da escolaridade tornou-se latente a partir do momento em que a empresa começou a ser cobrada pelo mercado a certificação dos seus produtos, porque o processo de certificação traz embutido em si esta imposição. E como consequência a empresa fez a sua imposição, de maior escolaridade aos seus funcionários, quando implantou na sua linha de produção a certificação tão exigida pelo mercado.

Há toda uma lógica montada no sentido de atender, em primeira mão, o critério técnico da educação, a legitimidade do processo de escolarização e sua credibilidade, um atendimento dinâmico compatível com as imposições de mercado, e colocando a escolarização com certificação como critério fundamental de qualificação para o trabalhador e somado a tudo isto um baixo custo operacional que é marca registrada dos sistemas capitalistas. Esta posição pode ser referendada por Britto 2003 onde se procura encontrar “as razões por que os trabalhadores adultos buscam programas de escolaridade”.

São quatro razões por que os trabalhadores adultos buscam programas de ampliação de escolaridade. O motivo básico seria a certificação formal do grau de escolaridade alcançado e compatível com as exigências das instituições e do mercado de trabalho que se modifica em alta velocidade, desqualificando constantemente os trabalhadores. Isto também poderia ser lido como busca da “empregabilidade”.

Uma outra razão que também está ligada à certificação é o desejo de dominar os saberes escolares na expectativa de que esse domínio permita a ascensão

social, através do aumento das possibilidades seja do ponto de vista técnico ou aumento de conhecimento.

A terceira razão dada como forte se configurou assim também neste trabalho porque nas entrevistas ela estava sempre presente no depoimento de todos os entrevistados. Se refere a busca do reconhecimento social e da afirmação da auto-estima. O aprendizado crítico quase não foi citado e nem mesmo medido, mas o ganho da satisfação pessoal, a confiança em si mesmo, e a forma de se verem depois desta escola é algo muito significativo para estes trabalhadores.

A quarta razão citada por Britto é a ressocialização que se refere a trabalhadores adultos que buscam projetos escolares presenciais. Como por exemplo, MOVA, INTEGRAR programas específicos de escolarização em que a pessoa constitui grupo e passa a ter freqüência e rotinas sociais em função do ambiente escolar principalmente pessoas mais velhas muitas delas desempregadas, senhoras, donas de casas. São pessoas muito solitárias e a escola se transforma num lugar de ressocialização. Não é o caso deste trabalho porque o tipo de escolaridade analisada aqui não se ajusta à análise desenvolvida que foi com presença em sala de aula. Outro ponto que é de relevância é que os trabalhadores estudados no caso já se encontram plenamente inseridos socialmente.

Um outro ganho é relativos à capacidade que a escola tem de combater o elemento da animalidade natural do homem. A escola, de certa forma, contribui neste processo de sujeição dos instintos e auxilia a adaptação de novos, complexos e rígidos hábitos e normas de ordem, exatidão, precisão, mencionado por (Lopes 2002), que tornam possível aos homens formas mais complexas de vida coletiva.

Foi muito interessante encontrar na fala destes sujeitos a confirmação desta característica, porque isto é bastante sutil dentro da forma didática que os conceitos escolares são produzidos e passados, e por esta razão normalmente não são percebidos por aqueles que os recebem. A seguir está a reprodução da fala de um dos elementos analisados.

– “Porque quando a gente é meio assim com tapas a gente não quer ouvir as instruções a gente rejeita”.

Este é um tipo de ganho que não pode ser contabilizado para este trabalhador aluno porque quem vai usufruir realmente deste benefício é o próprio sistema. Que vai ter na sua linha de produção um trabalhador mais flexível, mais adaptado, mais disciplinado, mais preciso, etc. Conseqüentemente este trabalhador será muito mais

fácil de ser administrado, mais harmonizado e muito mais produtivo dentro das suas responsabilidades no processo produtivo. Com certeza ele assumirá um perfil muito parecido com aquele que as formas de produção atual demanda para a produção. Um sujeito mais inserido no processo, mais participativo, mais comprometido com os valores e cultura da empresa, mais dinâmico, com disposição para assumir novos desafios, etc.

Neste caso a possibilidade de haver ganho para o trabalhador poderia ser algo muito subjetivo, pois o fato de se harmonizar dentro do sistema aceitando melhor a sujeição do domínio racional das normas e procedimentos o transformam em um sujeito com menos atrito no ambiente de trabalho. Do ponto de vista conflito pode ser até que ele sinta menos desconforto depois deste trabalho de escolarização. Se considerado o aspecto subjetivo da eliminação do desconforto pela capacidade de sujeição adaptada, eventualmente, ele pode até considerar ganho. Mas há algo que é muito sério nesta questão e pode se apresentar como um paradoxo, pois num processo de educação escolar espera-se desenvolver um pouco os aspectos críticos para melhor percepção e entendimento do sistema e não a sua pacificação.

CONCLUSÃO:

O conjunto de dados reunidos pela pesquisa não permite medir o aprendizado crítico nestes sujeitos porque as entrevistas ocorreram em um único momento e com isto não foi possível estabelecer referências que permitisse comparação em momentos diferentes para detectar evolução.

Porém nos seus depoimentos é comum ouvir a expressão “abrir a cabeça” como uma conseqüência desta escola. O uso da expressão parece ter um significado muito genérico, mas para os entrevistados ele parece ter um sentido muito claro e traduzir exatamente o seu aprendizado. Pelas explanações realizadas nas entrevistas “cabeça aberta” poderia ser sinônimo de capacidade de reconhecer as mudanças e assimilá-las, ou ser usada com a mesma conotação do termo flexibilidade.

. De um modo geral, principalmente, quando se diz abstratamente escola, educação, estudar este tripé é tomado como um valor fundamental. Tomar estes discursos transloqüentes que afirmam que o Brasil não vai para frente porque não tem educação, e que se houver mais educação o Brasil vai crescer muito, veja para isto o exemplo da Coréia, Taiwan, os Tigres Asiáticos. E que um sujeito estudado, isto é centenário no Brasil, de que um sujeito estudado é um sujeito bem sucedido e isto cria condições de desenvolver a lógica de que quem estuda é bem sucedido. Neste caso pode-se reportar a Lenhard 1985 onde afirma que técnicas e padrões de comportamento manifesto não existem por si só, mas a serviço de necessidades e desejos dos homens. Mesmo que historicamente se perceba o contrário. Quem é bem sucedido tem estudo. Quem é que estudava no século dezenove? Os seguimentos médios urbanos e os filhos dos barões, de senhores de engenho, de nobres, os filhos dos ricos, etc. A mesma coisa acontece no século vinte as pessoas que têm possibilidades sociais reais acabam podendo ter mais escola. Mas o discurso continua porque é importante transmiti-lo às novas gerações.

Mas o fato de se ter mais escola, evidentemente, estes sujeitos incorporam e manifestam de uma maneira muito contundente nos seus discursos esta idéia. Mas é uma idéia que se a gente for usar um conceito de Paulo Freire ela está num plano de pré-consciência, num plano mínimo da consciência crítica. Porque eles não perguntam qual escola, e escola para que? É como se as razões de ser da escola já estivessem preestabelecidas e que qualquer escola faz isto, sem que haja diferenças. De novo um sentimento ambíguo porque, sabe-se que tem a escola do

rico que é melhor, mas persiste o argumento de que escola é bom e que escola é escola. Eu quero escola para os meus filhos eu quero escola para mim. De onde vem este desejo esta busca frenética por escola? Vem possivelmente da enorme propaganda ideológica que diz que quem tem mais estudo é melhor, uma coisa que já tem de duzentos a trezentos anos em nossa cultura e que, portanto fica difícil de não acreditar. Há com certeza uma valorização da escola, mas esta valorização está dentro deste quadro ideológico e, do modo como ela é manifestada aqui, se percebe uma pouca consciência crítica destas contradições constitutivas do processo de formação escolar e do trabalho e que estão diretamente relacionadas ao interesse do capital. Recorrendo a Brandão 1995 onde ele explica e analisa o comportamento daqueles que se interessam por fazer da educação uma ferramenta de seu poder autoritário, fazendo-a sagrada e o professor ou educador um sacerdote. Para que não haja um levante ou críticas contra ela, ao mesmo tempo, não permitir que através dela se faça crítica ao poder de onde procede. É uma tentativa clara de fazer se confundir educação com escolarização, com supremacia da escola sobre a educação. Mas a esperança está na educação, porque a educação é inevitável. Ela sobrevive aos sistemas e se em determinado momento e num determinado regime serve à reprodução da desigualdade, difundindo as idéias que legitimam a opressão, em outro ponto pode auxiliar a criação da igualdade entre os homens em benefício da liberdade de todos. É preciso reinventar a educação dentro da expressão de Paulo Freire e dos seus companheiros do Instituto de Desenvolvimento e Ação Cultural.

As referências feitas à escola como forma de enriquecer a relação com os filhos em função de suas melhores escolaridades, hoje, dando-lhes maior autonomia na cobrança da escola de seus filhos mostra a visão positiva que estes trabalhadores têm da escola. Esta visão pode ser decorrente da forte idealização da educação formal com duas hipóteses explicativas segundo Ferretti. A primeira delas é a de que o efeito das ações governamentais e da mídia e das condições adversas aos trabalhadores no mercado de trabalho, fazendo uma promoção exagerada das contribuições que a educação teria a oferecer não apenas quanto ao desenvolvimento econômico-social, como também em termos da solução dos problemas individuais de emprego. A segunda é que as empresas em geral, em benefícios de seus interesses, fazem caixa de ressonância deste discurso redentor

que é a educação. Logo o discurso e as ações no plano público e privado reforçam-se mutuamente.

Com relação a forma de se perceberem melhor após a volta a escola trata-se do resgate da auto-estima através do processo de escolarização (conquista do certificado, uma suposta garantia de emprego), melhorando o mundo externo e a idéia de crescimento próprio melhorando a imagem interna. Não basta que o mundo externo seja positivo. Sem satisfação com o mundo interno o homem não será feliz. O mundo externo deste sujeitos estava relativamente arranjado, empregados com salários relativamente bons, assistência social, estabilidade econômica, família estruturada, socialmente bem vistos, etc. Com a conquista do certificado do ensino médio completou-se a imagem positiva do mundo externo. Com a imagem do mundo interno melhorada desenvolveu-se as condições para se restabelecer a auto-estima e a partir daí a alegria de viver.

A proposta pedagógica do TC 2000 é de natureza reducionista do ponto de vista conteúdo e não corrige as distorções do sistema educacional. Por esta razão, até a expectativa com relação ao aprendizado não pode ser elevada, dada as condições adversas que os aprendizes têm que enfrentar durante este processo de escolarização conforme mostrado no corpo do trabalho na parte destinada ao telecurso.

O capital quando se coloca na condição de comprar a mão de obra faz uma exigência de qualificação de alta e boa escolaridade, mas quando faz uma proposta pedagógica educacional para formação escolar e profissional do homem apresenta um programa incompatível com o nível de exigências que ele considera indispensável no trabalhador para exercer o trabalho atual – um trabalhador que combine a posse de um conjunto de habilidades técnicas necessárias a um conjunto de condutas convenientes. Neste espaço encontra-se margem para explorar o conceito de que existe trabalho o que falta é o homem qualificado para tal. E numa concepção um pouco mais amarga é possível extrair de tudo isto que a responsabilidade da formação escolar e profissional, nos moldes exigido, passa a ser de cada um de forma isolada, uma vez que não se tem uma escola para tal (Frigotto, 1998).

No livro do Milton Santos, 2004, "Por uma Outra Globalização" ele mostra um aspecto interessante do mundo globalizado que fala da transformação da ideologia em coisa e que tem presença marcante no cotidiano de todos, assemelhando-se a

uma banalidade, mas seus fundamentos e seu alcance escapam à percepção imediata, pois estrategicamente ela é apresentada de forma fragmentada, de tal sorte que, um discurso bem construído tecnicamente permita desenvolver uma aceitação única do fenômeno e, ao mesmo tempo, aceitar como definitivo e inevitável. A informação é a ferramenta principal para a construção deste cenário. E ela usa muito bem outros dois recursos, disponíveis no momento, que são a velocidade e a comunicação. A comunicação se faz com muita rapidez e, divulgando, exatamente, o que é interessante ser divulgado para transformar em verdade universal o interesse do mundo globalizado e que tem patrocínio absoluto do capital.

É a partir dessa generalização e dessa coisificação da que, de um lado, se multiplicam as perspectivas fragmentadas e, de outro, pode estabelecer-se um discurso único do “mundo”, com implicações na produção econômica e nas visões de história contemporânea, na cultura de massa e no mercado global.

As bases materiais históricas desta mistificação estão na realidade na técnica atual. A técnica apresenta-se ao homem comum como um mistério e uma banalidade. Como tudo parece dela depender, ela se apresenta como uma necessidade universal, uma presença indiscutível, dotada de uma força quase divina à qual os homens acabam se rendendo sem buscar entendê-la. É um fato comum no cotidiano de todos, por conseguinte, uma banalidade, mas seus fundamentos e seu alcance escapam à percepção imediata, daí seu mistério. Tais características alimentam seu imaginário alicerçado nas suas relações com a ciência, conforme os componentes; tudo isto fazendo crer na sua inevitabilidade. (Santos, 2002,p 44).

Com a atenção voltada para este alerta, dado por Milton Santos, a leitura das entrevistas revestiu-se de uma característica curiosa. Será possível perceber, através da leitura, na argumentação apresentada pelos entrevistados os aspectos desta marca nos ambientes fabril? Um lugar tão comum para o trabalhador que se parece tanto com o quintal de sua casa?

Mas foi interessante observar que no conteúdo das entrevistas percebe-se um traço marcante, comum em todas elas, onde os sujeitos pesquisados se manifestam em nome desta cultura de massa deixando transparecer que foram sugestionados por esta coisa que se materializou como o discurso único do mundo. Mas ao mesmo tempo, foi intrigante descobrir que o discurso comum usado pelas massas, por simples trabalhadores, no fundo tem uma origem extremamente sofisticada e intencional no momento de sua produção.

As formas com que estes traços se apresentam são simples e conclusivos, traduzindo a crença destes sujeitos num mundo que só dá oportunidade “se e somente se” os homens rezarem pela cartilha da globalização.

Alguns aspectos observados nas suas falas, quando se toma o tema escolaridade como condição para se melhorar na vida, para se manter empregado, ou conseguir um novo emprego, ou até mesmo aspectos sociais relacionados com a auto-estima e um suposto tributo social passivo que só se resgata com a conquista da escolaridade devida. A seguir são apresentados alguns exemplos para ilustrar o exposto.

“Hoje em dia se não estudar não tem como manter se empregado”.

“Hoje se não estudar não consegue emprego”.

“Não tem o que fazer com isto”.

“Sinto como se tivesse pago a minha dívida”.

“Sinto um certo prazer quando me vejo como estudante com os livros em baixo do braço”.

“Sinto uma certa vergonha quando vejo os meus colegas que foram meus companheiros de serviço em tempos atrás e agora foram promovidos”.

É preciso que fique claro que não é nenhuma crítica ao processo de escolarização, seja este processo em idade considerada natural ou educação tardia. Mas o que intriga é que em se tratando de trabalhadores que estão desempenhando suas funções de maneira satisfatória no trabalho, e enfrentando um processo de escolarização tardio, se vejam tão carente desta escola que eles próprios não conseguiram associar os seus benefícios ao trabalho que hora executam. Daí associar estes sentimentos aos conceitos de Milton Santos quando ele fala do mundo globalizado, visto como fábula, que exige como verdade um certo número de fantasias que tantas vezes são repetidas que num determinado momento passam a ser verdade. Explorando um pouco melhor o conceito de fabulação que discute as condições atuais e mostra que estamos diante de um novo momento que ele chamou de “encantamento do Mundo” no qual o discurso e a retórica são o princípio e o fim. Exercidos de maneira ostensiva pela informação que se apresenta com dois rostos, um pelo qual busca instruir e com o outro busca convencer. O convencer tornou-se muito mais importante em função da necessidade que a publicidade tem de antecipar a produção para tornar eficaz a competitividade das empresas, que é uma espécie de guerra em que tudo vale e, desse modo, sua prática provoca um

afrouxamento dos valores morais e um convite ao exercício da violência. Desta forma a informação do evento é entregue maquiada ao leitor, ao ouvinte, ao telespectador, produzindo, simultaneamente fábulas e mitos.

Este convencer é o discurso do capital e da mídia que vende a escolaridade como sendo a solução dos problemas do desemprego para o trabalhador, onde uma educação de qualidade será o suficiente para garantir emprego e colocar o sujeito numa situação confortável e garantida, gerando ai também as suas fabulas e mitos.

Parece oportuno fazer uma analogia com o filme de Roberto Benigni "A Vida é Bela". Benigni começa sua história como um conto de fadas e o termina como uma fábula. A primeira parte do filme envolve pela beleza e suntuosidade do ambiente e das situações que servem de fundo para a paixão entre o expansivo Guido e Dora. Já a segunda metade, que é o verdadeiro nervo criativo e emocional da obra, transfere a ação para o interior de um campo de extermínio.

A relação pai e filho dá-se sob o signo do sacrifício, que busca a superação pela via da ilusão. Ele consegue, por meio da imaginação e da fantasia, transformar os horrores da rotina de um campo de concentração nazista em regras de uma gincana. Segundo os críticos de cinema Benigni consegue, através da exteriorização verbal e emocional dos traumatismos afetivos reprimidos a remissão dos sintomas que o campo de extermínio produz nele e em seu filho.

A figura com certeza é um pouco exagerada, mas guardando as devidas proporções a escolaridade para o trabalho produz um fenômeno mais ou menos assim. A principio provoca no sujeito as reações de empatia, proteção, comoção, e por fim, a catarse.

Entrevistas

Os entrevistados não serão apresentados com seus nomes autênticos para preservar as suas verdadeiras identidades e serão chamados por nomes fictícios para facilitar a associação de um nome com uma determinada entrevista, ao mesmo tempo em que melhora a visualização do entrevistado com um nome do que com um número ou uma letra.

1. ENTREVISTA COM O TRABALHADOR ALMIR.

No momento da entrevista o Sr. Almir tinha 45 anos. Casado, tem dois filhos e mora em Mairinque, SP. É natural de Itapetininga, SP, e adepto da Congregação Cristã do Brasil. Foi estudante somente de escola pública. É funcionário da empresa há 25 anos, na atualmente na profissão de Oficial Soldador. O pai frequentou a escola até o segundo ano primário, porém era completamente analfabeto; mãe, sem nenhuma escolaridade, tinha domínio da leitura e das quatro operações. Na concepção do entrevistado, "a minha mãe era inteligente demais". Tem um irmão e uma irmã.

P: Além da empresa o Sr já teve outros empregos?

Quando era criança, eu trabalhei numa oficina de carro por três anos, mas com sete meses de registro em carteira, como menor de idade.

P: O Sr se lembra qual a causa de sua saída deste emprego?

O japonês, que era dono da oficina, tinha um filho que tinha a mesma idade minha. E estudava fora e nos momentos que não estava na escola ele trabalhava na oficina. Um dia o filho do japonês sofreu um acidente e faleceu. Quando voltamos ao trabalho o japonês me chamou e disse: Agora você vai ocupar a vaga que era do meu filho.

E uma semana depois que estava neste novo posto, eu estava fazendo uns ajustes num equipamento agrícola, serviço de solda, e então eu estava com o hidráulico do trator levantado quando uma criança pequena subiu no trator e soltou o hidráulico. A minha sorte é que por segurança, de medo do hidráulico não segurar a grade, eu havia calçado a grade com dois dormentes e por isto a mesma não caiu sobre mim. E isto para mim foi o fim. Diante deste fato, vendo a minha segurança ameaçada não tive dúvidas pedi para ser demitido imediatamente.

Depois disso passei a ajudar minha mãe que era bóia fria, na atividade de apanhar café e sua limpeza. A partir daí comecei a procurar serviço, mas muitas tentativas não deram certo, Argentina, Foz do Iguaçu, nenhuma deu certo. Aí vim para Piedade para trabalhar com percentagem. Mas eu sou uma pessoa que toda vida fui assim: o que meu é meu, e o que é dos outros eu não quero. E esta pessoa com a qual eu trabalhava com porcentagem, ele fazia assim: pegava o serviço por um preço e acertava com a gente por outro preço, levando vantagem em cima da gente. Ai eu descobri. Quando descobri abandonei o serviço e disse que não serviria mais para mim.

Com dezenove anos, eu tinha uma tia que morava em Alumínio, fui para casa dela e procurei serviço na empresa.

(Neste ponto ele descreve o processo de contratação)

Em 1979 entrei na Construção Civil, uma área que eu não gostava. Lá trabalhei por sete meses. Tive uma oportunidade e transferi para a manutenção. Quando eu cheguei na manutenção, teve um curso de soldador e aproveitei e fiz o curso e me transformei em "soldador".

P: Na sua época de criança, até que escolaridade que o Sr cursou?

Aos sete anos entrei no primário e quando foi na quarta série, 10 para 11 anos, eu tive um problema. Quando um aluno não conseguia resolver um problema ele ficava de castigo. Era costume da época, as professoras eram muito bravas. Um dia eu e mais alguns companheiros não

conseguimos resolver um problema e com isto nosso castigo foi ficar na escola até que a gente conseguisse resolver o problema.

Mas a minha mãe sofria do coração e ficava muito nervosa se eu não chegasse na hora certa. Quando a professora falou aquilo eu fiquei muito preocupado, pois sabia que havia risco para minha mãe, pelo menos na minha cabeça. Ai deu certo, porque a turma que chegava para estudar à tarde não quis ficar na sala que estava vazia, pois as carteiras estava muito ruim. Quando a professora foi mudar as crianças de classes, eu aproveitei e sai correndo e peguei a minha bicicletinha monareta e fugi da escola.

Foi muito difícil a partir daí voltar pra escola. Nos dias seguintes, eu não quis voltar até que minha mãe foi até a escola para saber o porque da minha recusa de voltar a escola. Esclarecido a situação eu voltei pra escola, mas não foi mais legal porque a professora começou a me perseguir, não ia mais na minha carteira, não me dava muita atenção e então eu desisti da escola. Com isto não concluí o quinto ano, pois naquele tempo tinha o quinto ano. Eu prestei o exame de admissão direto e passei, entrando na primeira série do ginásio. Fui conhecendo todos os professores: matemática, português, história... e quando fui conhecer a professora de francês era a danada, a mesma com a qual eu já tivera problemas no primário. Ai não teve jeito desisti da escola.

Quando eu fui entrar na empresa exigiram o certificado de conclusão do primário. Eu voltei lá na minha escola para pegar uma prova de que eu tinha ali estudado. Eles olharam nos arquivos e acharam a minha documentação e me aplicaram uma prova; eu passei e recebi o certificado.

Quando eu era pequeno tinha um problema: o meu pai mudava muito de um lugar para outro. No começo do ano estava em lugar e no final estava em outro. E isto fazia a gente perder sempre o ano, porque não tinha condições de fazer transferência de escola. E isto atrapalhava muito. Porque os alunos eram diferentes a professora era outra e a gente não conseguia fazer adaptação. Meu pai tinha este defeito. Por isto é que quando entrei na CBA eu já estava pensando nisto. Ter um emprego fixo para não fazer com que meus filhos passassem os mesmos problemas que passei. E outra coisa é que muitas vezes na escola quando perguntavam quem era seu pai e o que ele fazia tinha que responder que meu pai estava desempregado. E eu também não queria isto para os meus filhos, por esta razão procurei um emprego fixo.

P: Você teve, alguma vez na vida, oportunidade de voltara a estudar? Quando?

Foi em 1980, logo que eu entrei na CBA eu tive a oportunidade de fazer o supletivo primeiro grau, mas naquele tempo não tinha tanto apoio como hoje, e eu fazia três horários, e ai eu tive que sair, pois não tive condições de continuar por falta de tempo.

E em 1984 a 1986 surgiu de novo a possibilidade de estudar, foi quando a administração da Empresa cobrou estudo daqueles que não tinha o ensino fundamental pelo supletivo e fiz de quinta a oitava. E a argumentação naquele tempo foi "se você quiser pegar classificação de oficial vai ter que estudar". E ai foi quando eu voltei a estudar e concluí o primeiro grau.

P: Depois de 1986, você só teve oportunidade de voltar a estudar agora?

Eu sempre tive vontade de voltar a estudar, mas a Empresa sempre olhou para aqueles que estudavam com um comprometimento de não poder perder ano de escola; então, a gente tinha receio de começar e não dar conta de concluir. Mas eu sempre tive isto na minha cabeça antes de aposentar vão chamar me para estudar.

P: Você acha que este voltar a estudar tem a ver com quê?

O que eu vejo é que a tal globalização fez todo mundo correr atrás, e aquele que não acompanhar fica para trás.

P: Esta foi uma das causas básicas que fez você voltar a estudar?

Sim.

P: Como foi que você percebeu isto? Porque isto é bastante sutil. Isto não está posto aí às claras. Alguém te disse isto? Onde você pegou este gancho? Por que você fala isto?

Porque na época começou já entrar gente com conhecimentos diferentes do meu, pessoa jovem com formação, com conhecimento de curso de inglês, espanhol. E eu comecei a observar que a valorização exigia estudo e, ao mesmo tempo, que exigia eles não estavam sendo valorizados. Mas isto era muito mais como exigência. E o primário não servia mais e aí eu percebi que chegaria uma hora em que a gente vai ter que espirrar. Quando eu olhava para quem procurava emprego, via que não foi contratado porque a pessoa não tem tal estudo (o segundo grau), e no outro lugar a mesma coisa, e aí eu pensei a coisa vai pegar (fontes jornal, revista, televisão, rádio). E aí as pessoas falavam ah! Foi arrumar serviço, mas não tem o segundo grau, não tem o tal curso, e se deu mal.

P: Quando você viu isto você se colocou no lugar do outro? Com isto qual foi a sua dedução para com o seu trabalho na Empresa, quando você viu acontecer com os outros?

Eu pensei numa possibilidade de demissão. Por mais que eles falem que voltar às aulas não tem nada a ver com a possibilidade de perda do emprego para uma pessoa que está trabalhando e não tem o a escolaridade exigida hoje para o trabalho hoje, eu fiquei com medo.

Quando eles chamou eu para estudar no meio do ano passado, no mês de agosto, eu não quis, porque pensei pegar o bonde andando, e foi a primeira vez que fui chamado, então falei: não eu só vou começar em fevereiro do ano que vem porque eu não quero começar e depois parar. Eu fui com muita vontade, com a decisão de fazer bem feito e jamais voltar atrás. Aí eu coloquei na minha cabeça que devia começar em fevereiro e assim foi. Muitos vão sem vontade e eu não queria isto para mim.

P: O que é esta vontade que o Sr fez referência?

Quando eu comecei o primeiro dia assim eu fiquei meio cabreiro, começar a estudar... Aí eu comecei a gostar.

P: Mas gostar de quê?

Olha, eu percebi, deu a impressão que o meu cérebro parece que a gente começa a ficar até mais jovem. Eu, que já estou com 45 anos, me senti assim pensando que fosse até um adolescente. A impressão que eu tenho desde que comecei a estudar até agora, mesmo quando eu estudei em 84 a 86, a impressão que eu tenho é que estou com mais facilidade quando adulto do que quando eu era criança, principalmente em 84 a 86. Não sei, mas o telecurso é muito rápido, ele é diferente. A gente até comenta que podia estudar alguma modificação, mas vai ser difícil porque eles ganharam até troféu por causa do desempenho do telecurso.

(Neste ponto ele faz um comentário sobre o seu próprio desempenho por ocasião da eliminação das quatro disciplina que ele já eliminou. Fez um comentário interessante sobre a disciplina matemática)

A prova de matemática foi bastante difícil para mim porque ela veio falando das coisas que tem um computador, são coisas que a gente nunca estudou, as partes de um computador, mais são coisas interessantes.

P: Na verdade o que te motivou a voltar a estudar foi esta coisa da globalização? Fale um pouco mais disto.

Olha foi aquilo que eu te falei, mas eu tinha intenção de voltar a estudar depois de aposentado.

P: Por que somente depois de aposentado?

Eu acho que o aposentado tem condições de começar tudo de novo, ver coisas novas, pois eu sou muito curioso.

P: Mas você tinha vontade de fazer o que/ Um terceiro grau?

É eu gosto muito de agricultura por isso eu tenho vontade de fazer veterinária, ou agronomia. A minha idéia era fazer uma destas faculdades.

P: A sua idéia era fazer ou é fazer?

A minha idéia é fazer, mas eu percebo que é muito difícil porque aqui na nossa região não tem esta possibilidade, e ai fica mais complicado. Isto além do fato que a gente tem que pagar o custo da faculdade. Até mesmo lá no meu serviço eu comentava sempre com os meus companheiros de trabalho e muitos deles me encorajam em seguir em frente. A empresa é uma firma boa, mas tem alguns departamentos que não incentivam o crescimento das pessoas.

P: Quando você tomou a decisão de voltar a estudar a tua família participou disto? Como é que foi?

Eu comentei com minha esposa e também com os meus filhos, mais com a minha filha que sempre me ajudava a decidir para voltar a estudar, porque a gente não sabe do dia de amanhã, de repente a gente perde o emprego, além da firma que a gente trabalha estar exigindo, as outras também estão fazendo as mesmas exigências e a gente tem que estar pronto. Assim foi com o meu filho quando ele terminou o segundo grau ele entrou na Empresa e queria continuar a estudar, fazer uma faculdade, entrou na Unip, mas pagando o carro e a faculdade era mais de R\$ 600,00 e ai não deu. Teve que parar a faculdade. Quando eu estava estudando e a minha filha chegava em casa, pois ela é casada, ela sempre me ajudava, principalmente em português, porque eu sou muito ruim em português e mais em redação. No português eu erro muito, eu tenho muitos erros de português.

P: Você tem dificuldade para ler?

Até que para ler não é muito não eu sou pior para escrever, a minha caligrafia não é bonita e às vezes eu confundo na hora de escrever algumas letrinhas e ai eu escrevo errado ou tenho dúvidas.

P: No seu trabalho você tem que ler escrever ou não?

Mas às vezes no quadro porque tem avisos para passar para as pessoas, no livro de ocorrência eu tenho que anotar a situação do trabalho para passar para o outro turno seguinte. Eu também treinei um tempo na operação da produção e foi muito bom porque lá tem computador e ai a gente se sente mais desafiado, porque eu sou muito curioso.

P: O Sr sabe operar computador?

Não, só coisas muito simples. Mas quando estava na produção eu operava o sistema pelo computador porque os parâmetros estavam todos no computador e eu aprendi a rotina para a operação. A produção estava parada tinha que partir ou estava produzindo tinha que parar e eu fazia tudo isto pelo computador. Foi uma época muito boa para mim parece até que a minha mente funcionou melhor. Para mim é assim cada coisa que eu aprendo parece que puxa outra. Na época que trabalhei na produção parece até que fiquei mais jovem é como na escola: eu me sinto mais jovem. Para mim eu preciso sempre de coisas diferentes. Por isto até que se eu fosse o diretor de empresa eu conversaria mais com as pessoas para saber o que mais estimulava elas, para que elas aprendessem outras coisas do trabalho e não deixasse elas caírem na rotina. Eu sou muito curioso e por isto eu penso que isto poderia ser bom também para os outros.

P: Depois que você começou a estudar você acha que mudou a forma de você enxergar o trabalho, ou não?

Mudou. E tem colega que às vezes acha até bom porque às vezes a gente começa até a fazer perguntas diferentes. E quando a gente comenta das coisas que a gente aprendeu na escola muito daqueles que já pararam de estudar mas são interessados estes gostam de discutir com a gente, mas também tem uns que fogem da gente e não gostam de comentar nada sobre escola.

P: Mas você acha que isto facilitou no seu trabalho profissional?

Na minha profissão assim? Bom eu acho que na minha profissão não mudou nada não. Mas eu acho que eu me senti mais ligado, tanto no trabalho quanto escola porque eu penso que vou levantar cedo para o trabalho e depois aula.

P: Poderia dizer que você se sente mais valorizado?

Claro que eu me sinto, por mim mesmo não porque a Empresa tenha mostrado isto. Uma coisa interessante que tem muita gente que às vezes se sente com vergonha porque tem que levar livros para estudar eu não, eu sinto até uma certa alegria quando faço isto. As criquinhas ficam me olhando com os livros debaixo dos braços e acham estranho eu indo estudar isto incomoda muitos colegas meus eu até acho divertido. Hoje estou gostando muito de estar estudando se a Empresa dissesse que aqueles que não quisessem mais estudar poderiam parar eu com certeza continuaria. Porque agora eu estou gostando muito mesmo.

P: Sr A, quando começou o Sr tinha receio de ser demitido e por esta razão voltou a escola agora o Sr está dizendo que o motivo que o faz continuar estudando é o prazer pelo aprendizado?

Sim agora o motivo que me leva a continuar é outro. Eu não pararia. No começo das aulas a gente fica meio assim, né? Porque fazem 18 anos que parei de estudar mas agora está tudo bem. Eu agora estou gostando mesmo.

P: Sr Almir vamos supor que a Empresa te perguntasse agora se o Sr gostaria de parar de estudar porque ela, Empresa não vê mais como prioritário o segundo grau o Sr pararia?

Não é como eu disse agora estou estudando por prazer, depois que venci as dificuldades eu agora continuo porque eu acho que estudar me faz bem. Sinto mais jovem, satisfação um pouco das minhas curiosidades, fica mais fácil para a cabeça perceber as coisas. A questão da idade quando a gente vai estudar as vezes é muito difícil, porque a gente fica pensando como é que é e às vezes a gente erra, mas aquilo fica na cabeça da gente e a gente continua pensando, depois a gente fica pensando que aquela questão a gente poderia ter acertado

P: O Sr faz todas as disciplinas ao mesmo tempo?

Sim. Mas como agora eu já eliminei Geografia, inglês, química e física, só que eu não estudava estas matérias. Eu estudava só matemática, português, biologia e história. Quando eu eliminei quatro tem mais quatro.

P: Pode até ser que o Sr já tenha me respondido isto, mas a mim me parece que o fato de voltar a estudar te ajuda em alguma coisa em sua vida?

Ah sim. Eh!! Eh!.... Estou me sentindo bem. Estou estudaaaannndo! Conheci novas pessoas! E a gente se sente como jovem mesmo!

P: E na sua relação com a família você acha que teve influência?

Na minha relação com a família eu acho que não mudou não.

P: Mas na comunidade você percebeu alguma coisa?

Na rua quando eu saio com os cadernos embaixo do braço as pessoas me olham muito. Teve até crianças, outro dia que, que pergunto: "Você está estudando? Mas estudando o que"? E até pessoas mais velhas que me olham e as vezes comenta.

P: E na sua Igreja? Como está?

Olha na Igreja... assim já não entra..... assim em assunto assim de ... Eu ... basicamente... eles não pergunta né? Sobre o trabalho, como é que está. Como faz para entrar na companhia? Ai eu falo que tem que ser o segundo grau. E eu estou estudando porque senão eu não sei o que pode acontecer. Ai então as pessoas me pergunta: então tem que ter o segundo grau. E eu falo que alem do sendo grau ainda tem de ter cunha.

P: Quando você por exemplo olha o que você aprende lá na escola você consegue associar, ou usar este aprendizado no momento em que você vê televisão, rádio, lê jornal?

Ah sim! Tem coisas que por exemplo, vamos supor, tem programa que faz perguntas para jovem, coisas de escola, e na hora de responder, muitas vezes eu já sei da resposta certa e eu vejo o jovem responder errado... (sorrisos) e com isto eu fico satisfeito.

P: Como os seus companheiros de trabalho, opinião deles sobre o telecurso, os que já fizeram, e os que não fizeram como você acha que eles te vêem?

Tem uns que até já é técnicos, e que já terminou. Tem uns que fazem perguntas pra mim e gostam de discutir e falar sobre a escola e parece que tem prazer em discutir alguma coisa que é novidade não tem medo, mas tem uns que fogem... (risos). Eles comentam que deveria ter mais provas, mas eles nunca falam mal do curso. Ah.... Porque as provas que a gente faz muitas vezes até o professor se atrapalha para a correção e demora muito para corrigir e dar a resposta correta para a gente e às vezes fica na dúvida. É em São Paulo que vai corrigir as provas, mas tem coisas que o professor tem dificuldade de responder. Inclusive os próprios professores fala que seria bom se fosse eles mesmos que preparasse as provas, pois que eles sabiam como está o aluno e...tem coisas que é muita jogadinha.

P: O que é que este curso contribui na formação do sr Almir?

Para mim que tenho filhos eu posso até cobrar mais dos meus filhos. Vamos supor hoje um pai que não tem um grau de estudo quando for cobrar do filho, não é o meu caso, mas o filho pode até dizer, o pai o Sr não estudou como é que o Sr está me cobrando isto. Este exemplo é muito importante para o pai dar ao filho.

P: E quanto à forma de cobrança para os seus filhos você acha que a escola te ajuda?

No caso dos meus filhos, que todos tem acima do segundo grau não, mas no caso do meu neto, se por acaso ele precisar de mim, eu vou estar em condições de ajudar ele, ou outras pessoas também né que queiram tirar dúvidas. Tem coisas que ele está estudando ele sabe, mas quando eu falo de alguma coisa que ele ainda não viu ele pergunta o vô, mas o Sr sabe isto? Mas onde o SR aprendeu? Ah! No telecurso (risos).

P: Você está escrevendo mais ou lendo mais com este telecurso?

Ah sim para as provas..

P: Mas você faz outras leituras e escritas?

Dá a impressão que para mim escrever estou escrevendo mais rápido e ler também, mas para mim ler estou com problemas estou precisando ir ao médico, porque eu começo escrever começa a arder o olho, mas vontade ler eu tenho, só que o olho arde muito logo quando começo a ler.

P: Esta vontade de ler vem desde antes de começar a estudar ou ela se acentuou depois que você voltou a escola?

Ah ela aumentou muito.

P: Você participa de alguma atividade extra, participa de algum movimento político?

Não eu gosto de discutir política, mas só no local de trabalho, inclusive eu não procuro esta coisa de ir a um bar para discutir não, só quando alguém procurar eu para conversar converso, mas eu não vou procurar. Mas eu vejo debate sobre política e acho que os presidentes de algum tempo atrás e hoje tinha que ...eh ...e eu vejo que hoje no país, o país está crescendo, mas eu também já estou reparando que a questão do desemprego não é mais uma questão de falta de emprego e sim falta de conhecimento as pessoas não esta tendo formação, emprego está tendo não está tendo

qualidade. E agora eu estou estudando e agora outras pessoas que é até mais jovem do que eu não está se preparando.

P: Sindicato você não participa?

Não.

P: O que é que você destaca como aprendizado na sua habilidade de fazer coisas?

Tem umas coisas de cálculo que eu não sabia agora eu estou bem melhor.

P: E no planejamento de suas coisas você acha que houve melhoras?

Não nestas coisas eu já era um pouco organizado, não tanto assim, mas esta casa é minha e ela não tem um acabamento muito bom, mas mexer com reforma com a gente dentro é muito difícil, por isto estou pensando em comprar uma casa e deixar esta para os meus filhos. Esta coisa de Pai. A gente faz um tipo de economia não pensando no luxo, mas como pai. Eu sempre penso assim comigo se a gente tem uma casa a gente não tem nenhuma.

P: Você tem algum tipo de curso que seria mais produtivo para você?

De imediato assim!? Isto ai eu acho até uma falha da minha chefia, não do engenheiro, mas dos assistentes que estão próximos de mim, porque eu gostaria de fazer um curso de soldador porque o único curso de soldador que fiz foi em 79 e 80, porque eu sou soldador A, mas este curso o instrutor não era bom, hoje os instrutores são muito bons, são do SENAI. Mas só que com estes eu nunca fiz e quando eu falo em fazer o curso os meus superiores imediatos dizem: não você é muito bom você não precisa disto, mas eu gostaria de aprender mais. Mas só que agora eu fico meio assim, porque estou aposentando e eu fico com receio. Eu gostaria que a Empresa me desse oportunidade de entrar em outra área na área da produção. Eu até falei de um período que trabalhei na produção de pasta e foi muito bom aprendi muito. Esta coisa de pedir transferência para outro setor às vezes pode ser mal interpretado e dar problema. Eu acho até que o gerente de uma empresa devia olhar para este lado ai para ver isto que estou falando. Para dar a oportunidade da gente aprender novas coisas.

2. ENTREVISTA COM TRABALHADOR BENEDITO.

No momento da entrevista o Sr Benedito tinha 32 anos. Casado tem cinco irmãos e um filho. Nascido em Alumínio SP, onde reside atualmente. Sempre estudou em escola pública. Interrompeu os estudos aos doze anos de idade quando cursava a quinta série. É funcionário da empresa há 13 anos. Escolaridade do pai oitava série.

P: Com que idade você interrompeu seus estudos?

- Quando eu tinha doze anos minha mãe faleceu. Ai eu fiquei parado. O meu pai, fazendo o papel de pai e mãe ao mesmo tempo e às vezes num dava tempo para tomar conta de nós. Uma barra! E nessa ai meu pai começou a beber, a embriagar, e começou ali a fugir do ritmo. E ai foi na hora que abandonei os estudos e comecei a trabalhar na roça, como servente de pedreiro na construção civil de ajudante. E ai comecei a andar com más influências e comecei a usar vários tipos de drogas. E ai acabou prejudicando mais ainda.

P: Estou percebendo que você fala disto com muita tranqüilidade. Você não tem constrangimento de falar disto Sr Benedito?

- Não eu não tenho porque, eu usei e eu gosto de falar disto para as pessoas, mais para a rapaziada não entrar numa destas. Porque a gente quando entra numa desta a gente vê que está chegando em um limite e a gente vê que está acabando tudo. Vê que está perdendo os amigos, que está saindo fora da sociedade, e que todo mundo te olha de uma maneira diferente, tem muita discriminação. Mas graças a Deus hoje eu tenho minha família de volta, tenho o meu trabalho que hoje né... que me dá força também, tem minha mulher. Todos da minha família conhecem esta história eu sempre falo abertamente, pois é bom para mim e para as pessoas que estão ouvindo.

P: Você com base na sua experiência busca com o seu testemunho mostrar para as pessoas aquilo que não se deve fazer?

- É isto. Porque eu era muito apegado a minha mãe e quando ela morreu e fiquei sem apoio, porque meu pai chegava todos os dias né...e bêbado e sem condições nenhuma. E aí a gente, no caso eu fui só afundando.

P: Sr Benedito o sr já teve outras oportunidades de voltar a estudar, ou esta foi a primeira?

- Já tive outras oportunidades, mas só que aquela vontade de voltar a estudar, não tinha aquela vontade. Mas quando a Empresa começou a investir neste trabalho aí de voltar a escola, aí me chamaram, explicaram como é que é a mudança na empresa aí então eu tomei a atitude e comecei a freqüentar a aula e comecei a estudar. Hoje eu gosto porque é bom para a gente, para abrir mais a mente, para ver mais de frente, para não ficar olhando como se tivesse com tampa. Com tampa olho só para não enxergar os lados.

P: Você acha que a escola te ajuda a enxergar estes lados que você está falando?

- Ajuda.

P: Mas como assim? Você poderia me dar um exemplo disto?

- Ter mais conhecimento. Saber mais da cultura. O aprendizado é bem melhor porque antes eu não tinha. Hoje como o mundo está avançado é preciso acompanhar este processo para poder caminhar junto. Hoje uma empresa que trabalha precisa disto. Então a gente não quer ficar parado no tempo a gente quer caminhar junto.

P: E fazendo este curso você tem a impressão de estar andando junto?

- Sim eu estou andando junto. A gente quer mais espaço para a gente subir, porque a empresa sobe, e o mundo também oferece grandes coisas então a gente tem que atuar na educação.

P: A escola te dá a oportunidade de perceber este mundo. Em termos práticos que exemplo você usaria para justificar isto que você falou?

- Para mim foi uma experiência muito boa voltar a atividade escolar. Eu acho que se eu fico parado no tempo chega um momento que a gente só vai caminhando para traz. Chega um momento em que você vai numa empresa eles estão exigindo muito além disto que eu estou esperando, não é só terminar a escola. O que eu tenho a oferecer pode ser menor do que aquilo que eles precisam.

P: Posso entender isto como escolaridade segundo grau?

- Sim pode. Tem muitas portas por aí que precisam de um profissional que tenha a capacidade maior que é além daquilo que você já concluiu. Meu sonho é buscar isto. Por isto que eu estou querendo buscar isto, o segundo grau. Primeiro eu quero conseguir terminar o segundo grau para depois ter um procedimento para poder....

P: Pelo que parece você tem idéia de ir adiante quando terminar o segundo grau?

- Meu sonho depois disto é fazer um curso elétrico e que tenha mais espaço também no trabalho e tal...com um objetivo de buscar... eh... e que eu tenha condições também de estar buscando isto tá trabalhando... é ruim a gente estar parado no tempo e saber que muitas pessoas que estavam no meu nível lá e hoje estão buscando e conseguindo.

P: E com relação ao outro lado onde você se vê progredindo e muitos daqueles que estavam junto de você de repente ficam estacionados. Você consegue ver isto, ou não?

- É verdade. Tem muita gente que tá lá atrás e não quer saber o que o mundo oferece. Como é que o mundo tá hoje, e que o mundo tá mudando. Tem que só olhar para frente, olhar para o futuro no presente. Porque o dia de amanhã não pertence a nós, então a gente tem que buscar espaço para a gente poder crescer.

P: Você falou que já trabalhou em outras coisas, mas de maneira formal, ou seja com carteira assinada?

- Trabalhei em uma empresa que hoje nem existe mais, fabricava mangueiras de borracha e outras mais, mais eu trabalhei muito tempo na lavoura nas fazendas, e já trabalhei também em casas de materiais de construção, servente de pedreiro, padeiro, mas com carteira assinada foi só na casa de materiais de construção e na padaria.

P: Você disse que precisa agregar mais conhecimentos e mais experiências na sua vida, mas ela já é bastante rica?

- É a gente deve sempre procurar aprender sempre mais para que no dia que precisar a gente já tenha bastante coisas para oferecer. A gente já tem que estar sabendo era para poder praticar. A gente tem que ser curioso. Eu mesmo não tenho aquele negócio de ficar parado e fazer só aquilo que sei fazer não, eu quero aprender sempre mais para que eu possa engrenar e não ficar só naquilo.

P: Voltar a estudar. Na sua opinião por que você voltou?

- Tem alguns motivos. Mas a Empresa também exigiu. Mas não foi só porque a Empresa exigiu não. Foi por vontade mesmo de estar voltando as atividades escolares. Eu hoje estou trabalhando na Empresa e ela é sólida, mas eu não sei por quanto tempo eu vou ficar nela. Por isto eu tenho que ter um certo grau de escolaridade para eu poder..., pois não é toda vida que vou ficar lá, talvez eu não sei o dia de amanhã, talvez eu saia de lá e possa engrenar em outra empresa e na outra empresa está exigindo o segundo grau completo. Sem o segundo grau não entra mais em nenhuma empresa. Tem que se preparar para poder enfrentar esta situação. Que coisa né nas próximas eleições os candidatos a prefeito e vereadores não poderão se candidatar se não tiver o segundo grau. As coisas estão mudando muito. E a gente tem que estar na parada para tudo.

P: No fundo a medida colocada pela empresa acabou vindo de encontro a um desejo seu de voltar a escola?

- Era um desejo, mas também era um receio porque trinta e dois anos e já faz muito tempo que eu parei de estudar e a gente tem uma dificuldade de certas coisas, a mente tá ali parada, ela só tá naquilo, muito acomodada. E a medida que você vai descobrindo coisas ela vai lentamente abrindo para você.

P: Você sentiu isto?

- Sim. No momento em que cheguei na sala de aula, aquele momento ali é novo, e eu pensei não vou pegar nada aqui! Mas graças a Deus eu fui vivendo aquilo e comecei a perceber que podia terminar o que já era para ter terminado (risos). Porque a gente tem um receio, puxa , rapaz velho vai estudar agora para que?

P: Você já ouviu isto?

- Já ouvi muito. Alguns colegas até diziam este aí sem chance, analfabeto, e até chamava de outras coisas, mas aí eu pensei vou mostrar para este pessoal que eu sou capaz também. Porque qualquer um é capaz é só ter o esforço e a vontade de aprender. E é isto que vou buscar e eu tenho uma convicção comigo que eu vou conseguir.

P: Em suma quer dizer que, muito embora, você tenha abandonado a escola muito cedo você continuou com a idéia de voltar a escola. Você sentia isto muito claro na sua cabeça?

- Era! É como eu já expliquei num tempo atrás com um certo receio, mas tinha assim uma vontade imensa de ficar tranqüilo e voltar a estudar e hoje eu tenho este prazer. Que nem hoje o que a firma oferece me ajudou muito, me ajudou muito mesmo.

P: Você falou prazer. Chega a ser prazer?

- É um grande prazer! Era uma vontade imensa assim, é uma vontade é um prazer de estudar de estar freqüente a aula. Eu tento ser freqüente a aula, mas as vezes diante das dificuldades do dia a dia às vezes não dá para estar presente todos os dias, mas eu sempre quero estar presente para

estar acompanhando e não perder, para não ficar para trás, eu quero acompanhar e um dia concluir o segundo grau para satisfazer o esforço que eu tenho em mente, é o meu sonho.

P: Os sonhos que você tem em mente que você falou é fazer um curso de elétrica, tem outro, ou outros?

- No momento o que eu tenho em mente é este. Fazer um curso técnico de elétrica, ou eletromecânico.

P: Este curso que você quer fazer seria para agregar valor as suas atividades profissionais dentro da Empresa visando promoção, ou estaria voltado mais para tornar-se um prestador de serviços dentro da comunidade?

- As duas coisas.

P: Na sua decisão de voltar a estudar a sua família teve algum peso nisso?

-Não eu acho que não! Eles me apoiaram muito bem, mas a decisão foi minha até porque eu já pensava nisso. Mas eles sempre me incentivavam. Um dia meu pai me falou a sua Empresa está dando oportunidade para estudar abrace esta idéia porque ela é muito boa. Eu não tive esta oportunidade que você está tendo hoje. A minha esposa também falou é bom para você siga em frente. E ai estou fechando o ano, estou no embalo, com oportunidades de fechar com a turma o curso.

P: Você tem chances de fechar este ano já?

- Estou lutando muito para isto.

- Faltam quantas disciplina para você?

- Ainda falta muito ainda, porque eu fechei somente o inglês, mas eu acho que possa ainda fechar algumas matérias (sete) então o estado que oferece para a gente o provão tem algumas facilidades para quem está preparado.

P: Onde mais te ajuda o fato de você voltar a estudar?

- Em tudo. Num bate papo, nos lugares que eu vou, diferença de você ler, escrever, eu não escrevo muito bem, mas dá para entender. Nas palavras eu não sou muito bão então a gente procura assim a se empenhar um pouco mais. Quando eu pegava um texto para ler eu tinha muita dificuldade eu ficava nervoso não saia nada, eu tinha medo de ler e errar e a turma fazer gozação, tirar um sarro e por isto a gente fica meio assim. Hoje, após a volta a escola eu estou muito mais tranquilo quanto a isto.

P: Essa questão é muito importante para mim porque você está extraindo de uma escola um determinado aprendizado e isto te ajuda numa série de coisas em sua vida como você já mencionou. E em casa você acha que ajuda na relação com a família.

P: Ajuda muito. Por ex: O meu filho hoje tem cinco anos, mas já está na escola e muitas vezes ele vem perguntar para a gente coisas da escola dele e coisas que se não fosse o meu estudo agora eu não ia conseguir responder. Quando ele pergunta pai como é esta coisa aqui? Ele não quer esperar tem que estar pronto para responder se não serve. E eu sei que ele vai subir na escola primeira, segunda, terceira e eu sei que vai chegar uma época em que ele vai chegar e perguntar pai este trabalho aqui como é que é feito? E eu entendo que a gente tem de estar preparado para ajudar o filho. E também na casa minha esposa a gente está assim batendo um papo, a gente ler a Bíblia outras coisas, até no dia a dia fazer uma compra, fazer uma conta para saber quanto vai gastar, quanto vai ficar, quanto vai custar tudo aquilo, fazer um orçamento. Isto é muito bom, agora uma pessoa sem o estudo sem ter o conhecimento daquilo ela vai enxergar aquilo que está ao redor dela. Então tem muitas pessoas que aproveitam em cima disto, os picaretas, te enrolar, te dar o tombo, ai você cai no conto do vigário, e as vezes você está até pensando que está tudo muito legal na verdade você já levou o tombo. Então estudar se torna bom até para poder trabalhar com a

velhacaria alheia. Porque essas coisas já aconteceu com amigos chegados meus. Comprou uma série de coisas mas não recebeu nada. Ele sabia ler, mas não sabia fazer uma leitura boa do contrato de serviços que ele comprou. E ele acabou perdendo o dinheiro e arranjando uma tremenda duma confusão com a lei.

P: Você acha que ficou mais fácil para ver TV, rádio?

- Melhorou bastante. Inclusive eu assisto muito jornal para ver o que está acontecendo no mundo, no Brasil para estar em dia com os acontecimentos, o que está acontecendo lá, buscar a cultura para gente poder aprender muito mais e isto faz a gente crescer também se não a gente vai ficar para trás.

P: Com relação às pessoas, seus amigos, aqueles que trabalham na Empresa e que já fizeram o curso os que não fizeram como é o comentário deles a respeito de tudo isto?

P: Muitos acham que eu estou no caminho bão né. E muitos acham que é perda de tempo. Que eu estou velho, que eu não aprendo mais, outros dão parabéns incentivam, é isto mesmo e eu percebo que aqueles que não incentiva são exatamente aqueles que estão parados e que não querem voltar a estudar. E eles dizem a eu não, "papagaio velho não aprende a falar" (risos). Eu sempre falo com eles que não é bem assim porque tem pessoas que são muito mais velhas do que vocês e estão lá aprendendo. Você fala isto porque você está empregado, mas se um dia você perder o emprego você vai arranjar trabalho aonde com a escolaridade que você tem? Ai os caras ficam assim meio sem o que dizer, e eu falo vamos comigo para a escola, mas muitos não querem mesmo. Mas eu sei que cada um é cada um.

P: Você falou da religião você é Evangélico?

- Já fui Evangélico. Frequentava sempre. Tinha uma parada ai e eu frequentei durante quatro anos. E na igreja eu era Evangelista. Eu trabalhava com o corpo de obreiros.

P: O que é Evangelista?

- Pregador da Palavra. Ele faz a leitura do Evangelho e faz a interpretação junto com a platéia. Eu trabalhava como Evangelista e buscava com isto ajudar as pessoas, principalmente, os jovens devido a experiência que passei como usuário de drogas então eu passava isto para os jovens para libertá-los disto. Fiz isto por quatro anos, juntamente com meu irmão que também é evangelista, e ai eu dei uma parada, mas eu tenho vontade de voltar de novo. Hoje eu tenho , como eu falei, as minhas coisas. Tenho minha mulher, meu filho, estou muito mais tranqüilo não mexo mais com drogas, mas a gente sente falta do convívio com a igreja, com os fiéis, com o evangelho de estar trabalhando ali, de estar sendo útil. Porque eu percebo que eu ajudava as pessoas quando eu trocava umas palavras com elas, pois elas estavam precisando da palavra, trocava umas idéias, falava sobre a Bíblia, falava sobre Deus e eu percebia que as pessoas se sentiam aliviadas, confortadas. E isto era muito gostoso, hoje estou parado e...

P: Mas você não mudou de religião só está parado?

- Não mudei. Estou somente parado. Faz uns dois anos e meio que parei de ser freqüente, mas de vez em quando eu vou. Logo depois que eu casei eu me tornei mais caseiro, mas eu de vez em quando eu vou.

P: Você tem outra atividade na comunidade além desta que você citou?

- Não.

P: Olhando para os ensinamentos do telecurso você acha que ele te ajuda na sua formação para o trabalho?

P: Ajuda.

P: Como assim?

- Ajuda para passar o trabalho executado para o seu superior. Quando você executa um trabalho e o seu supervisor chega e quer conversar, entender o que foi feito então fica mais fácil de explicar o que

foi feito, como foi feito e.... Principalmente eu que não sabia nem fazer um relatório lá, e hoje eu me sinto capaz de fazer um relatório e eu faço. Isto aqui foi feito assim, este foi feito assado, aquele foi feito daquele modo. Hoje eu sinto esta facilidade de estar ali apresentando um relatório do trabalho que eu fiz durante as oito horas de trabalho.

P: Fica mais fácil para perceber, ouvir as instruções operacionais?

- Fica muito mais fácil. Porque quando a gente é assim meio com tapas a gente não quer ouvir as instruções a gente rejeita, eu não sei porque mas agente acha que sabe das coisas mas não é. Agora eu tenho mais facilidade para ouvir, para esclarecer e para entender porque eu acho que eu escuto mais. A gente tem que aprender a ouvir, se a gente aprender a ouvir a gente vai aprender mais.

P: Você está dizendo que na escola você aprende a ouvir?

- É! Tanto na escola quanto no trabalho a gente ouvindo a gente aprende mais. No trabalho também é assim. Se a gente errou no trabalho é preciso ouvir sobre os erros para aprender onde foi a falha e acertar aquele erro e não continuar na ignorância. Porque você trabalha ali e a pessoa está estressada e aí as pessoas explodem então a gente tem que ter jogo de cintura ouvir, é assim assado. E isto é o que a educação escolar faz.

P: Na sua vida como um todo, esta escola que te ajuda que te ensina a ouvir te faz mais tolerante?

- Eu estou buscando a ter mais a compreensão das coisas. Este telecurso que veio para nos que temos que buscar o segundo grau, e muitos que até já vão buscar outros cursos profissionalizante depois do telecurso, isto é muito bom para a gente, e a gente aprende uma série de coisas com isto. Na minha opinião o tempo deveria se estender por mais uma hora para dar mais tempo, pois duas horas é muito pouco. É muita informação e a gente tem que ir buscar algo mais. Eu acho que deveria ter mais tempo, minha opinião, mas muitos não pensam assim.

P: Você acha que mudou algum hábito na sua vida depois que você voltou a estudar?

- Ah! Mudou! Eu era muito fechado assim. Eu não tinha o hábito de estar conversando assim dialogando, enxergar as coisas, hoje graças a Deus eu acho que tenho uma visão melhor, é mais fácil encarar as pessoas, o trabalho e o que a vida oferece.

P: Este curso que você está fazendo possibilitou muitas ajudas a você, mas na sua opinião onde foi que ele mais te ajudou? Você consegue definir este ponto?

- Ajudou a levantar minha auto estima. E abriu caminho para fazer o que eu queria. Abriu espaço. Este empurrãozinho da Empresa foi muito importante para chegar onde eu imaginava. Hoje eu vejo pessoas com mais de setenta anos estudando buscando um rumo, um objetivo, e não querem parar. E eu sou muito novo ainda trinta e dois anos não posso desistir. Antes a Empresa contratava com nível baixo de escolaridade hoje não é o segundo grau, a Empresa está crescendo muito e quer também que as pessoas cresçam com ela, ela não quer que um funcionário fique com o primário ela quer que ele avance. Ela quer que ele suba junto com ela. E isto ela mostrou quando colocou o telecurso para ajudar as pessoas que estavam precisando. Ela dá o livro didático, dá o professor, dá a sala de aula, dá passe escolar, isto facilita muito. Quando eu terminar o curso eu quero apertar a mão dos diretores e deixar claro o meu agradecimento pelo benefício que recebi.

3. ENTREVISTA COM SR CARLOS.

O sr Carlos é natural de Itapetininga SP, nascido na zona e rural era lavrador. Casado tem duas filhas. Na data da entrevista tinha 48 anos de idade. Estudou sempre em escola pública até a terceira série na zona rural, e não se lembra o momento quando interrompeu os estudos, ou seja não se lembra da idade com a qual abandonou os estudos pela primeira vez, tem onze irmãos, escolaridade do pai e da mãe ambos segunda série primária, escolaridade da esposa fundamental completo.

Desde muito pequeno ajudava ao pai na lavoura estudava de manhã, e à tarde trabalhava em companhia do pai e irmãos. Como morava na zona rural e lá não tinha disponibilidade de escola, além da terceira série, foi esta uma das razões da interrupção dos estudos muito cedo. Aos vinte e dois anos de idade deixou a lavoura para trabalhar na indústria, até este momento trabalhava sem nenhum vínculo formal no trabalho. É funcionário da empresa há 26 anos.

P: Sr Carlos quando foi o seu primeiro emprego formal?

- Em 1978 eu saí de Itapetininga e vim direto para Alumínio e logo em seguida eu entrei na empresa em 1978 mesmo. E em 1979 eu fiz a quarta série no SESI.

P: O Fundamental você fez no SESI?

- Quando eu terminei a quarta série no SESI eu parei de novo de estudar, aí eu voltei e fiz o supletivo e terminei o ensino fundamental.

P: Você se lembra destas datas?

- Se não me engano foi de 1985 a 1987 pelo ensino supletivo. Aí eu interrompi de novo e fiquei até agora.

P: Mas aqui você já era funcionário da empresa?

- Ah! Sim eu entrei em 1978 e não sei mais.

P: Então você tem 26 anos de Empresa?

- 26 anos e alguns meses.

P: Você, por acaso, trabalhou em outra empresa?

- Trabalhei um pouquinho só antes de entrar na empresa foi na Eucatex em Salto mas foi apenas três meses.

P: O que aconteceu quando você voltou a estudar pela primeira vez e somente concluiu o ensino fundamental?

- Deu na cabeça dar uma parada porque naquela época o meu horário de trabalho era muito duro eu fazia duas semanas de dia e fazia uma semana de zero hora. Então por causa de trabalhar de zero hora era um pouco ruim para estudar. Achava difícil trabalhar e estudar e além disto num horário que era muito cansativo. E agora que voltei a trabalhar somente de dia eu pensei vamos aproveitar.

P: Na sua opinião porque você voltou a estudar neste momento? O que o levou a fazer isto depois de muito tempo?

- Uma das coisas é que a psicóloga da empresa me chamou e falou que a empresa estava dando oportunidade para aqueles que não tinham o segundo grau ainda e quisesse voltar a estudar a chance estava ali. Aí eu voltei.

P: Você acha que você voltou motivado pela empresa ou você voltou porque você tinha idéia de voltar?

- Acho que voltei um pouco por motivação da empresa e um pouco porque tinha a idéia de voltar a estudar.

P: Quando você foi convidado para voltar a estudar você teve algum receio de dizer não e sofrer algum tipo de pressão?

- Não, eu não fiquei porque eu já estou quase com o tempo. Eu até falei com a psicóloga será que convém eu voltar a estudar porque eu já estou quase no tempo de aposentar. Mas aí ela me disse que não tinha problema, pois se eu viesse a aposentar eu poderia continuar na escola da mesma maneira como se eu ainda fosse funcionário da empresa se por acaso eu ainda não tivesse concluído o curso. Quando ela conversou comigo assim eu achei isto muito legal e então eu resolvi a voltar. E agora eu estou gostando muito de ir a aula e aprender. Não tive nenhum receio quanto ao que poderia me acontecer caso decidisse por não voltar. A minha decisão foi com base naquilo que eu achava que era bom para mim. Se um dia eu tiver oportunidade eu vou voltar a estudar.

P: E neste processo de volta as aulas como a sua família se comportou com isto?

- Todo mundo daqui deu força para eu voltar.

P: Seus filhos já estão grandes?

- Já. Tem uma que já está fazendo faculdade e está com 20 anos e a outra é mais nova e está fazendo a oitava série. E elas me disseram vai estudar sim o pai é muito bom para você e até para nós.

P: Como você vê este projeto da empresa de cobrar o segundo grau de todo mundo. Você acha que isto ajuda em alguma coisa no seu trabalho na sua área?

- Olha eu acho que ajuda se eu estudar mais além disto, se eu fizer um curso técnico ou até mais. No momento não ajuda muito na parte do trabalho. Só que também a chefia os colegas incentivam, tudo dá força para estudar.

P: Mas você acha que fica mais fácil para você desempenhar o seu trabalho se você faz o segundo grau? Você sentiu esta coisa?

- Ah sem dúvida! Você tem mais facilidade para as coisas.

P: Como você poderia exemplificar isto, ter mais facilidade?

- Porque a gente estudando mais fica mais fácil a comunicação. Apesar de que eu ainda não tenho muito tempo de estudo do segundo grau, mas estou percebendo que é importante e que vai facilitar para mim. Compreender melhor.

P: O seu trabalho você já o tem na cabeça? Ou não?

- A gente tem, mas sempre tem uma coisa nova para aprender.

P: E esta coisa nova está relacionado com tecnologia ou o que?

- Normalmente tecnologia. Inclusive tem umas máquinas novas montadas lá agora que as pessoas precisam ter mais estudos para poder trabalhar nelas, é preciso ter mais conhecimento para facilitar o aprender de suas manutenções.

P: Você está matriculado em todas as disciplinas?

- Sim. É o jeito que o curso é.

P: Este voltar a estudar você acha que pode te ajudar em outras partes da sua vida, pois na verdade a sua vida é muito mais do que as dimensões do trabalho profissional?

- Eu acho que ajuda. Por exemplo na minha casa eu passei a me achar mais importante, só pelo fato de estar estudando. A gente começa a estudar várias matérias que a gente não conhecia e logo a gente passa a conhecer, acho que isto é importante. A cabeça da gente parece que vai abrindo mais e passa a entender mais as coisas.

P: Como é a relação entre você e seus companheiros de trabalho quando eles olham para você quase aposentando e ao mesmo tempo voltando a estudar?

- Bastante gente achou que é legal. Até eu pensava depois de uma certa idade é besteira estudar, mas agora eu vi que não é. Não importa a idade.

P: Como é que você percebeu que não é besteira? O que fez com que isto ficasse tão claro para você?

- Eu pensava que a gente quando vai chegando uma certa idade vai ficando mais difícil de aprender né, mas eu já percebi que a gente consegue aprender muito bem né? Eu estou no tempo de aprender as coisas, pois a minha cabeça está boa. Eu tinha um certo receio quanto a isto e hoje eu consegui acabar com este receio e estou me sentindo muito bem.

P: Isto significa que a escola abre caminho até para você empreender de certa forma, coisas na sua vida?

- Sem dúvida.

P: Hoje você por exemplo pensa, eu vou fazer tal coisa, mas de repente acha que não dá, mas ao mesmo tempo você se lembra que tinha o mesmo problema com relação a estudar e fala não o exemplo está aqui.

- Pois é se eu tivesse pensado nisto antes eu tinha continuado o estudo mais antes. Então "hoje" eu vejo que não importa a idade. A pessoa tem que ir em frente e aprende e fácil.

P: O que é que o pessoal fala do curso? Eles comentam contigo?

- Tem bastante que fala que é bom. Agora já tem uns que vão obrigados. Eles acham que já passaram, mas eu acho que a pessoa não deve pensar desta maneira e procurar de esforçar para aprender.

P: Quando a gente estuda a gente o faz para um novo aprendizado, para aprender alguma coisa. Você acha que com isto facilitou para você fazer sua relação com a vida? Ver T.V., ouvir rádio, ler jornais?

- Para ler jornais melhorou, fazer contas também.

P: Na sua capacidade de trabalho você sente isto?

- Como assim?

P: Você acha que o seu desempenho no trabalho melhorou por conta disto?

- No momento ainda não, mas acho que daqui a alguns dias vai ajudar.

P: Na sua opinião qual tipo de curso para você hoje seria proveitoso?

- Eu até já pensei em terminar o telecurso e fazer um curso de química, porque eu estou gostando muito de estudar química.

P: Você escreve ou lê no seu trabalho?

- Escrevo muito pouco, ler não.

P: Dentro da empresa tem algum curso que você gostaria de fazer?

- Um curso de hidráulica, só que agora, acho que você viu lá fora um caminhão do SENAI, só que eu não sei, eu tinha que informar isso ai porque eu tinha vontade de fazer o curso de hidráulica e que eu não fiz ainda. Só que está lá marcado unidade hidráulica, não é automação. Agora isto eu preciso me informar se precisa de já ter um curso anterior para fazer este curso, eu não me informei ainda. Mas eu tenho vontade de fazer um curso de hidráulica. Fazer aquele inicial e depois fazer outros hummm é..é...é...é.

P: Essa vontade que você tem seria para trabalhar na própria empresa ou seria buscar uma melhor formação profissional para prestar serviços para terceiros?

- Para mim seria bom tanto para trabalhar na própria empresa e depois que eu sair né que eu me aposentar ai estou mais preparado se precisar entrar numa outra empresa.

P: Como você vê essa coisa da mídia, da imprensa, ou este comentário geral ai dizendo que é segundo grau, por todo lado que você vai é segundo grau. Como você vê isto?

- Vejo uma coisa muito importante. Eu acho que todo mundo deve de estudar porque é uma coisa muito importante.

P: O curso de química que você falou é de nível técnico ou você tem vontade de fazer uma faculdade?

- Isto eu acho que eu tenho que ver. Acho até que eu poderia fazer um curso técnico primeiro e depois pensar em fazer uma faculdade.

P: Você pensando em fazer um curso técnico para continuar trabalhando na empresa como profissional ou como seria isto?

- Eu já pensei nisto daí só que eu teria que começar a estudar primeiro para mim ver se eu ah.. poderia pegar uma transferência dentro da empresa, mas ai eu teria que pesquisar um pouco.

P: Isso ai você tem que estar pronto para depois buscar a oportunidade.

- Estar pelo menos começando a estudar um curso para depois, porque por enquanto a gente está fazendo, está estudando química, mas no próprio telecurso. Mas eu estou gostando de estudar por isto até que pensei nisto.

P: Você tem alguma atividade fora da empresa. Por exemplo você é membro de alguma igreja ou coisa parecida?

- Não porque eu tenho ... sou sócio de um açougue e mercearia com meu irmão em Mairinque.

P: Então você é um empresário?

- Então a gente tá ... sou um micro empresário. Risos.

P: Muito legal. Você sai da empresa e vai trabalhar na sua firma?

- Meu irmão toma conta e de vez em quando eu dou uma ajuda para ele quando eu posso, nos fins de semana.

P: Então você é um empreendedor?

- A gente vai lutando devagar.

- Você tem mais alguma coisa? Algum trabalho voluntário?

- É isto aí eu não tenho.

P: É o trabalho, a família, e o mercadinho?

P: Você gosta de leitura?

- Olha eu até gosto de leitura, mas eu não lia livro está difícil, mas agora eu estou vendo que a gente tem necessidade de ler. Então eu estou vendo que eu vou ter que começar a ler um livro para agente melhorar a leitura.

4. ENTREVISTA COM O SR DIOGO.

O SR Diogo é casado, um filho de seis meses de idade, morador na cidade Alumínio S P idade 29 anos. Natural de Palmeiras Pernambuco. Mudou-se para Alumínio com os pais quando ainda pequeno, com um ano de idade, tendo uma passagem por Ibiúna S P, antes de vir residir definitivamente em Alumínio. Estudou sempre em escola pública. Estudou até a oitava série. Trabalha na empresa desde 1995. O pai completamente analfabeto. A mãe estudou até a quarta série do primeiro grau.

(Esclarecimento. Antes de começar a entrevista o entrevistado estava bastante nervoso. E como forma de desabafo pediu que queria conversar um pouco a respeito da sua vida. Foi quando ele contou que foi usuário de drogas desde a adolescência e quando entrou na empresa já era dependente químico. Esta saída da empresa foi uma forma de permitir que ele efetuasse tratamento sem rompimento do contrato e voltasse em 2003, mas este tratamento deste período não foi o suficiente para sua inteira libertação do vício, tanto é que ele hoje faz tratamento acompanhado no GABATA para se recuperar completamente da dependência).

P - Quando foi que você interrompeu os estudos e por que?

- Depois que eu terminei a oitava série nunca mais eu estudei. Acho que foi em 1993. Eu entrei na empresa em 1995. Naquela época a empresa só pegava quem tinha o primeiro grau.

P - Você é nascido na zona rural ou na cidade?

- Sou nascido na zona rural.

P - Tem irmãos?

- Tenho um irmão, uma irmã e eu. Total três.

P - Escolaridade do pai e da mãe?

- Meu pai não tem leitura, (analfabeto confirmado pelo interlocutor). Minha mãe acho que estudou até a quarta ou quinta série não tenho certeza. A minha mãe também trabalha na empresa na área de limpeza no prédio da administração.

P - Sua mulher tem que escolaridade?

- Ela tem o segundo grau.

P - Quanto tempo você tem de empresa?

- É como eu falei é meio complicado contar o meu tempo na empresa como eu falei, mas eu entrei em 1995 e trabalhei um ano e fui afastado e voltei em 2003. Estou lá desde 1995 não sei como contar o meu tempo de empresa.

P - Você trabalhou em outra empresa?

- Não. Esta foi a primeira empresa que trabalhei. O meu primeiro emprego com carteira assinada, mas eu já trabalhei aqui na sorveteria sem carteira assinada (sorveteria é do cunhado dele).

P - Quando você parou de estudar você tinha uma causa básica para esta decisão? O que você pensou para interromper os estudos?

P - Eu estava com 17 anos. E maioria dos jovens aqui da cidade tem um sonho que eu acho que é entrar na empresa. Então naquela época ela pedia até o primeiro grau. Então para mim era o suficiente estudar até o primeiro grau. E quando eu concluí eu pensei que estava pronto. Hoje eu me arrependo. Hoje eu estou vendo isto. Hoje eu penso em terminar (segundo grau) e prosseguir é o que eu sempre falo com meu cunhado com a minha irmã.

P - Então você nunca analisou esta possibilidade de voltar a estudar antes desta abordagem que a empresa fez para os funcionários dela que não tinha o segundo grau voltar a estudar?

- Não.

P - Como é que foi isto? Como você foi comunicado? Que tipo de impacto você sentiu?

- Eu acho que foi assim. Eu cheguei para trabalhar e vi os amigos meus que entrou comigo hoje é tudo técnico. E até alguns já é engenheiro né. E eu to ali né de ajudante. Então eu acho que pô, se eles conseguem e eu não consigo. Então eu acho que coloquei isto e... Eu ia estudar em Sorocaba porque eu não sabia do telecurso. Só que dai o rapaz falou, não lembro quem, pô estão estudando lá dentro.

P - Então para você a iniciativa de voltar a estudar não foi uma determinação da empresa, porque você já estava buscando isto.

- Sim eu já estava buscando isto.

P - Na verdade você está falando que voltar a estudar tem a ver com alguma coisa na sua vida. Que mais te influenciou para você voltar a estudar? Que forças, que motivos te convenceram a fazer isto?

- Acho que isto partiu de mim mesmo. Eu vendo eu lá embaixo eu.... Do jeito que eu estou hoje para mim eu vejo que primeiro é estudo, segundo estudo e terceiro estudo. Acho que eu estou pensando assim. Porque hoje não tem como você ficar sem estudar, no meu caso, como eu disse os meus amigos estão todos lá em cima. Eu estou sem assunto, sem noção, sem palavra.

P - Isto pode ser traduzido como você fica constrangido, sem graça no meio deles?

- Exatamente.

P - Você acha que parou no tempo e eles evoluíram? Você não consegue vencer esta barreira para fazer amizades com eles?

- Exatamente.

P - Você sente vergonha disto?

- Eu acho que um pouco de vergonha, solidão, solitária, porque as vezes eu fico sem assunto para conversar com as pessoas eu acho que pode ser assim-também. A gente fica meio por baixo.

P - Você acha ou você já sentiu que a escola te resgata isto ou não?

- Eu acho que sim. Dá minha parte assim eu ainda tenho um pouco de dificuldade de dialogar com as pessoas até de ler livros essas coisas. Minha esposa já gosta de ler então ela fica pondo

alguns livros para mim ler. Eu leio bastante e as vezes eu não consigo explicar para ela o que eu entendi daquele livro. E ela começa a me explicar. Ah é assim, foi assim, assim. E aí eu começo a me sentir assim pô, tô mal né, tô lá em baixo. Estas coisas que vai me pegando.

P - O. K. Deixa eu só entender uma coisa. Você acha que a partir do momento em que você começou a estudar você se aproximou mais dos livros ou não?

- Ah eu acho que sim. Assim português, matemática e... hoje eu paro para discutir com minha esposa, para perguntar para o meu cunhado, as vezes falo com a minha irmã: olha eu estou mal não estou entendendo e isto é coisa que eu não fazia.

P - Então de certa forma você está melhorando a sua comunicação?

- Éh a comunicação. Até com a professorinha lá, como é o nome dela, ... Desinha.

P - Você acha que isto melhora até a sua timidez?

- Eu acho que sim. Porque eu não perguntava eu não falava eu ficava quieto. Hoje eu estou sentindo um pouco diferente e eu posso conversar.

P - Quando você fala que voltou a estudar você até já deu algumas indicações do porque que você voltou. Isto também tem a ver com trabalho ou não?

- Tem sim.

P - Com o que você faz hoje?

- Não a respeito do que é feito no trabalho?

P - Você tem uma determinada atividade no seu trabalho. Voltar a estudar, ou voltar a escola e ver os conceitos de novo mudou esta sua relação com o trabalho?

- É se eu vou dar mais assim no trabalho, ou não?

P - Por exemplo. O trabalho é composto de instrução, é composto de uma série de parâmetros, uma série de informações. Estudar te ajuda nisto?

- Eu acho que ajuda sim.

P - Você poderia exemplificar?

- Vamos supor se eu estudando né, conforme os estudos né, no caso o segundo grau né, eu posso evoluir lá dentro, eu posso pegar mais cargo né porque eu vou subindo e isto me interessa também né.

P - Isto do ponto de vista hierárquico. Melhorar dentro da escala hierárquica de trabalho. Isto seria o que se chama de promoção vertical. Mas eu estou dizendo do ponto de vista de entendimento do trabalho.

- Entendimento do trabalho ajuda também. Lá no meu serviço mesmo por exemplo tem que preencher , preencher RP, precisa fazer as contas, fazer as ocorrências, tem vez que você tem que ver o que é isto ou aquilo, as vezes tem que perguntar para um amigo, então fica meio chato assim né (ajuda, estar perguntando sempre e não poder interpretar sozinho) exatamente agora eu estou conseguindo, entendeu. Vamos supor que há tantos anos que eu estudei alguns meses atras se me desse uma conta de dividir para mim e de vezes eu acho que eu nem sabia fazer mais. E hoje é só dividir né, apesar que hoje tem a calculadora, mas essas continhas de vezes faz até na mão ou na cabeça quer dizer né.

P - Então você acha que você teve evolução na matemática, português?

- Eu acho que sim. E eu gosto bastante de matemática. Eu acho que foi questão que eu tinha esquecido mesmo, mas agora eu estou relembando. Até química que é assim meio complicado né e hoje já estou desenrolando, hoje eu trago os resultados para minha esposa que me ajuda bastante graças a DEUS né. Ela também eu acho que é uma guerreira né. Então eu pergunto muito para ela e ele me ajuda muito e tai né.

P - Além de você, na sua decisão de voltar a escola, quem mais você acha que te influenciou nisto?

- Acho que foi o meu emprego, a minha esposa e meu filho.
- P - Porque o teu filho? (a criança é um bebe)
- A porque... Ah o que é que eu vou falar pra ele pra contar para ele acho que futuramente ver o pai dele ali lá em baixo né por isto hoje eu penso mais, estou lutando eu só posso falar isto estou lutando né com isto eu não posso desanimar e eu vou até o final. Terminar ai né e eu vou ver outro curso e começar né.
- P - Então quer dizer que você está pensando nos benefícios da escola a longo prazo? Para você poder virar um espelho que reflete para o teu filho uma atitude...
- Que ele possa me ver e me ver como, hoje eu só penso, primeiramente, em DEUS, no meu filho e na minha esposa. E eu penso muito também na minha irmã que está me ajudando, que está dando uma força para mim, que está me ajudando bastante pra caramba.
- P - Além desta coisas que você falou, que foi importante para você voltar a estudar, a sua própria percepção com relação aos seus amigos da maneira que você ficou, a influencia da tua mulher, o espelho para o teu filho, para sua irmã, você observa alguma dificuldade fora destes lugares que você citou e que a escola de certa forma possa te ajudar?
- Acho que eu tenho dificuldade na parte de ...assim.... acho que... um certo desânimo e tem vez que eu fico pensando que eu não vou conseguir e se eu falhar .. e só que daí eu fico um ou dois dias assim né mal né e ai eu converso com minha esposa, tá entendendo ai eu freqüento ai uma reunião né ai eu falo com eles lá né que é uma reunião que eu freqüento lá que é a dependência do GABATA e até que tô lá com eles lá né e procuro ajuda né tá entendendo. Por isto que eu falo que eu não vou desistir.
- P - Você acha que o GABATA te ajudou no processo de voltar para escola?
- Acho que sim. Me ajudou bastante. Acho também que acreditar em Deus também. E hoje eu acredito, hoje eu boto ele primeiramente, antes eu não acreditava e..
- P - O que os instrutores, na realidade no GABATA (Grupo de Apoio Bem-aventurada aos Toxicômanos e Alcoólatras) não tem instrutores, é uma troca de experiências, vocês reúnem uma porção de gente tem um líder que só conduz se a coisa precisar de esclarecimentos. A experiência é de troca. O que estas pessoas, ou a história destas pessoas influenciou a sua ida para a escola?
- Eu acho que ajudou assim porque eles querem ajudar na parte da dependência e eu acho que eu estava cego alguma coisa assim né eu não sei explicar isto ai direito. De repente me deu uma força porque a gente fica desanimado, sem coragem, fica perdido eu acho. É isso ai.
- P - Isto que você está falando de ajuda, desanimado, desencorajado você se refere ao quanto você estava sofrendo e ai quando você vê o sofrimento dos outros ...
- O que eu passei ele passou também ou (não estou sozinho) porque que ele conseguiu e não vou conseguir.
- P - Tem muitas histórias de gente que conseguiu sair desta coisa e hoje está recuperado.
- Começou errado e hoje vai lá né e hoje vai lá comentar e falar que sofreu também né. E tá bem hoje.
- P - Você se lembra quanto tempo já faz que você esta no telecurso?
- Acho que foi 2030 segundo semestre de 2003.
- P - Você já eliminou alguma matéria?
- Já eliminei...
- P - Esta coisa de voltar a estudar, você acha que isto te ajuda na vida, independente lá do trabalho ou de qualquer coisa. Isto te faz melhor e como você descobre isto?

- Sem ser no trabalho como você falou acho que ajuda em geral tem que Ter o estudo eu acho. Porque até em qualquer lugar saber expressar falar com as pessoas.
- P - Pelo fato de estar estudando você se sente mais valorizado na sociedade?
- Na sociedade acho que ainda não, mas mais contente na minha casa, entendeu, com a minha esposa, com a minha família só, porque voltei a estudar e estar ali com eles né.
- P - De certa forma então você está produzindo uma alegria naquelas pessoas que você ama?
- Exatamente. Acho que é isto aí.
- P - Quando você volta a estudar todo mundo de certa forma fica sabendo. O que estas pessoas com as quais você convive o que elas falam? No ambiente de trabalho fora dele?
- Tem alguns que falam é bom estudar. Tem outros que falam você ainda não terminou? Tem outros que falam ô louco você sai esta hora e vai para a escola você é louco. Só que...por isto que eu falei da minha família porque minha família eu vou para a escola hoje minha irmã fica sempre do meu lado né e aí foi bom na escola hoje, então hoje eu tenho a minha vontade de ir e gosto porque eles cobram porque aí eu chego e falo, não hoje saiu uma continha lá me explica aqui, e então hoje está sendo divertido.
- P - Você acha que está sendo divertido?
- Para mim está sendo bom porque eu posso dar um sorriso e chegar em casa e brincar pô não entendi esta conta aqui, não lembro mais me explica aqui, então para mim está sendo ótimo, muito bom.
- P - Você tem alguns deles lá que estudou também recentemente?
- Conheço bastante que já terminaram.
- P - O que é que eles falam?
- Eles falam que é bom e que conseguiram porque também eu não vou conseguir? Eles falam eliminei as matérias todas.
- P - O que você espera ganhar com a conclusão do telecurso?
- Acho que eu espero ganhar o segundo grau completo, acho que é isto aí ganhar sucesso.
- P - O que você chama de ganhar sucesso?
- Acho que para mim hoje mesmo é terminar o segundo grau e tentar um cursinho aí tentar uma faculdade aí. É isto aí. As vezes eu falo com a minha irmã o que você acha que eu faço? Mas eu não sei ainda o que é que eu vou querer fazer. Mas quando eu terminar aías vezes eu fico preocupado com a minha idade.
- P - Você se acha velho?
- Acho. Porque eu tenho 29 anos e eu fico fazendo as contas pô se eu terminar este ano eu quero eliminar todas já na primeira prova para terminar aí e tentar o vestibular né.
- P - O que é que você quer fazer?
- Então eu ainda não decidi .
- P - Além desta escola servir para você criar seu sorriso fazer um terceiro grau que mais você acha que ganha?
- Eu acho que ganha ah ... ganha tudo ganha na parte do trabalho ganha na..
- P - No trabalho o que você acha que ganha?
- Acho que eu ganho é subir lá dentro....
- P - Uma promoção?
- Isto.
- P - Você acha que fica mais fácil? As promoções são vinculadas ao ensino médio?
- São até mais. Se você crescer na escola você cresce lá dentro também.
- P - Que outros ganhos potenciais você pode Ter quando você terminar?

- Eu acho que vou ganhar mais respeito, eu acho que vou ser mais respeitado, acho que eu vou ter mais expressão para conversar com a turma acho que é assim.

P - Você sabe que você consegue porque a gente consegue as coisas que a gente realmente quer. Hoje estudar interfere em alguma coisa do seu trabalho?

- Não, Não até agora não tive dificuldade.

P - Mas eu estou dizendo não do ponto de vista de prejudicar o seu trabalho. Ex: A eu não fui porque eu estava na escola. Hoje eu saí mais cedo porque eu tive que ir na aula. Não é isto. Talvez até inverso.

- Não entendi esta pergunta.

P - Por ex: Hoje eu entrei mais tarde porque estou estudando. Sai mais cedo porque estou estudando. Isto é uma interferência no trabalho. Isto não tem por que, porque os horários estão bem definidos, com certeza se você não quiser matar o trabalho por causa da escola você não mata. Agora estar estudando, qualquer coisa que a gente vai fazer paralela a um a outra normalmente interfere uma na outra, tem algum tipo de atuação ou de ação na outra coisa.

- Tem interferência de 10 minutos.

P - Não é esta interferência que estou perguntando. Por exemplo você aprende na escola uma outra relação de tratamento; um aprendiz. Porque fazia algum tempo que você não ia na escola. A relação de professor aluno ela se faz com um conteúdo diferente. Você não compara porque esta professora me trata tão bem. Ai você olha para o cara do lado assim e as vezes ele te trata mal. Não tem nada assim que impactou na sua vida no trabalho depois que você voltou para a escola?

- Não, não.

P - E no ambiente de sua vida com sua família por exemplo?

- Com a minha família no caso eu acho que eu tinha mais problema quando eu estava lá no uso da ..., mas agora está tudo bem.

P - Porque outro dia eu estava entrevistando um cara, quando de repente ele falou, na minha família a minha mulher falou que eu fiquei mais educado. Ele falou e percebeu a relação que a professora estabelecia com os alunos e a relação que ele estabelecia em casa e ai ele começou a comparar as duas coisas. Não é de ver que eu trato mal a minha mulher. É neste aspecto que estou te perguntando.

- Mais ai no caso eu sempre respeitei ela.

P - Com o seu filho ele muito pequeno e fica difícil de dizer se melhorou ou piorou porque você faz isto na base do amor do carinho. Olha você já falou disto aqui, mas de todo modo. No teu curso o que é que você destaca que mais te facilitou, mais te ajudou fazer contas, escrever, ler, planejar, monitorar e acompanhar atividades? Coisas que você observa, concreto.

- Fazer contas essas coisas que você falou ai, acho que é praticando direto, dialogando com a professora, sempre em contato indo todos os dias no curso, então eu acho que você vai estar sempre por dentro.

P - Melhorou a sua cabeça para fazer contas, mais facilidade.

- Exatamente.

P - Quando você vai ao supermercado faz diferença hoje?

- Eu acho que hoje a respeito das contas eu acho que faz, porque a gente vai pegar as coisas as vezes a gente já tem até as contas na cabeça. Hoje é por isto que eu sempre falei não pode faltar nem um dia eu sempre estou lá.

P - Escrever?

- Bom eu acho que escrever eu não tenho problema não.

- P - Aumentou a sua freqüência de escrita?
- Não só aumentou como também melhorou.
- P - Alguém comentou isto contigo?
- Olha quem comenta é eu e minha esposa mesmo, ela comenta. Ela percebe uma melhora tanto de ler como escrever também.
- P - E você planeja, de certa forma você planeja porque a partir do momento que você voltou a estudar é porque tem algum planejamento e no teu caso é fazer um terceiro grau. Mas você tem outros planos?
- É nois planeja muita, eu e minha esposa nós planejamos muito.
- P - Você acha que esta escola contribui para este planejamento?
- A escola ajudou como até de arrumar um meio assim de fazer as nossas contas é deste jeito eu faço os planos até quando eu vou terminar a escola. Fazer a nossa casa que a gente vai começar a fazer, comprar um carrinho, acho que daqui a dois meses a gente vai comprar um carro, ai a gente vai ver quem vai ficar com a parte dela no carro para começar a construir né, minha esposa também trabalha, então agente está sempre planejando.
- P - Você acha que passou a planejar mais depois que você começou a estudar?
- Com certeza. Estudar e trabalhar.
- P - Você sabe o que é monitorar ou acompanhar uma atividade?
- E...é..
- P - Por exemplo: Pego este passo para cá e depois eu pego aquele e passo para lá, um seqüencial lógico, um passo a passo. Você acha que esta escola te ajuda nisto?
- Me ajuda sim, mas... Eu acho que eu não entendi muito esta pergunta não.
- P - Não tem problema. Vamos supor uma coisa bem simples. Para conseguir um resultado o que é que você faz? Descrevi a troca de um pneu do carro. Você pode fazer ou você pode acompanhar. De certa forma isto é uma rotina. Espera-se pressupõe-se que a escola ajuda a entender e a assimilar melhor estas coisas. O que a escola te ajuda nisto?
- Você fala freqüentando?
- P - Não. Depois que você freqüenta a escola ai você vai fazer qualquer coisa e descobrir aquelas coisas que você tem que fazer você notou diferença nestas coisas depois que você voltou a estudar?
- Esta pergunta está meio complicada.
- P - O. K. Deixa para lá. Você escreve no seu trabalho?
- No meu trabalho eu escrevia agora não escrevo mais.
- P - Não faz anotações?
- Não. Nos estamos trabalhando em dupla e o meu parceiro faz as anotações.
- P - Você fica só com a parte operacional?
- Isto. Mas as vezes troca também.
- P - Tem computador onde você trabalha? E você opera os computadores?
- Tem, mas eu não opero.
- P - Você não tem vontade de..?
- Tenho.
- P - De certa forma esta escola abre espaço, ou caminho para você chegar neste computador e porque?
- Com certeza. Porque eu pretendo fazer curso também né, e eu terminando este segundo grau, porque eu quero terminar, e depois eu quero fazer uns cursos é uma luta ai.
- P - Você está falando de cursos. Que tipo de curso você gostaria de fazer?

- Ah eu quero fazer bastante. Quero fazer de computação, quero fazer de inglês, quero fazer... ah ... quero fazer de padeiro.

P - Por que padeiro?

- Porque eu gosto de fazer pão em casa, mas não é para comércio não só para minha casa mesmo. E eu quero fazer também direito, mas dói por isto que eu falo tenho muitas dificuldades para falar né. Nas minhas palavras assim essas coisas assim, mas o meu sonho era fazer direito.

P - Não você se expressa muito bem.

- É!

P - Tranquilo perfeitamente inteligível.

- Tenho um tio que é formado em direito. Ele mora em Recife e ele é delegado lá. E ele sempre falava. Primeiro trabalho, segundo trabalho, terceiro trabalho. Tipo assim só tem que estudar né. E eu tô na luta aí. É como eu falei eu acho que estava cego e agora estou na luta.

5. ENTREVISTA COM SR ERNESTO.

Casado, dois filhos. Um com 19 anos e o outro com 14. Morador de Sorocaba S. P. Idade 38 anos. Nascido em Sorocaba S. P. Estudou sempre em escola pública. Escolaridade do pai primário e da mãe o primeiro grau completo.

P - Quando criança você estudou até que série?

- Você está falando no geral. Estudei até a sétima e depois eu parei. Parei para casar.

P - Quantos anos você tinha nesta época?

- 17 a 18 anos.

P - Sua mulher?

- Minha mulher fez até a quinta.

P - Quando você parou de estudar você se lembra porque você parou?

- Parei de estudar para me casar eu tinha dezoito anos.

P - Com isto você começou a trabalhar?

- Não eu já trabalhava, mas depois é, tipo assim, aí depois é compromisso. Daí já é mais sério né.

P - Você não fica mais dono só de você. Precisa cuidar de outros, ou pelo menos ajudar a cuidar.

Você já teve oportunidades de voltar a escola antes deste momento agora?

- Já. Mas foi eu mesmo é que não quis.

P - Por que você nunca se interessou?

- Não é por causa dos horários também né e daí eu falei né; ah ficar trabalhando.

P - Estes horários que você está falando cansa muito, ou por que?

- Cansativo.

P - Trabalha em tres horários.

- Daí eu falei ah não vou estudar não.

P - Quanto tempo você já tem de empresa?

- 16 anos..

P - Trabalhou em outra empresa?

- Já. Tres anos e meio na CIANÊ, 1985 1988 e 2,5 anos no Cruzeiro do Sul, como entregador de jornal. Encadernava o jornal cedo lá e depois saia para entregar. Registrado nas duas empresas.

P - Você tem lembranças por que você saiu destas empresas?

- Do Cruzeiro eu sai, porque eu trabalhei primeiro no Cruzeiro, para entrar na CIANÊ porque era melhor, e da CIANÊ eu sai porque estava tendo uns cortes lá, porque ela estava falindo estava fechando, eu sai dois meses antes, fui mandado embora antes da falência dela.

- P - A que você atribui, por exemplo, que causas você coloca como importante para você Ter voltado a estudar agora?
- Você fala no dia de hoje?
- P - Falo no dia de hoje, no dia que você decidiu voltar. Por que você voltou?
- Ah um é por causa do serviço né? Assim você ficar parado estacionado, você vai ficar onde você tá. Voltando a estudar você tem mais vantagem de ir mais para frente. E a outra também é por causa dos filhos da gente. Porque as vezes tinha coisas, até hoje tá certo, que eles vinham perguntar para a gente e a gente não sabia, agora essas duas.
- P - Quando você voltou você foi chamado no RH para conversar sobre isto?
- Fui.
- P - E isto influenciou a sua volta?
- A estudar? Ah influenciou muito. Ah porque ele explica. Ele explicou e fala pra gente que é melhor pra gente mesmo.
- P - Você tinha medo de ser mandado embora por causa disto?
- Não.
- P - Se você não estudasse você não tinha medo?
- Ah não aí.....eh.... eh.....Mas ele não falou nada disto não. Mas eu mesmo assim eu não tinha medo não.
- P - Você não tinha medo não?
- (Fez alguns trejeitos para negar que não tinha medo).
- P - Você acha que se você não voltasse a estudar não aconteceria nada contigo?
- Eh.... Que nem hoje não. Mas daqui para o futuro sim. Porque a gente tá vendo que só está entrando gente com o segundo grau. Agora e daqui a alguns anos não vai ser mais segundo grau pra entrar numa firma... hoje. Acho que já tem algum lugar que não entra só com o segundo grau.
- P - É verdade. Em empresas onde o índice de informação e de tecnologia são muito altos as exigências são maiores. Isto para contratação porque internamente pode até ter. Só que a CBA ainda não tem.
- Ah, mais agora tá precisando. Agora precisa!
- P - É?
- Se não agente fica muito para trás. Parado. Sem saber das coisas. Oh quem a gente fala de tecnologia, antes não. Por isto que eu falo que antes não porque hoje a gente tem o computador lá. Hoje o mínimo a gente sabe, assim o mínimo pro serviço a gente sabe mexer nele. Agora se você não estuda se você não faz nada você nem vai na frente dele.
- P - Por que?
- Vergonha, medo, ... sei lá ... entendeu? E a gente já tendo uma ... estudando, você vai... você não vai ficando pra trás né. Porque hoje a gente vê que só pega gente com o segundo grau.
- P - Você falou esta questão da tecnologia vai ficando mais moderno vai ficando mais sofisticado no trabalho. Isto te incomoda?
- A tecnologia?
- P - É. Por exemplo chega um equipamento novo, chega uma coisa nova para trabalhar, chega coisas que você não sabe.
- Hoje né! Não porque a gente vai ter sempre alguém para ensinar a gente né? Você vai aprender. Vamos supor se for a gente que vai trabalhar ali a gente vai ter que aprender.
- P - É o caso da ponte?

- É! Para mim entrar na ponte alguém teve de me ensinar. Acomodar não porque você sabe que tem alguém para ensinar né. Agora te incomoda igual você fala não né.
- P - Por exemplo quando apareceram os caixas eletrônicos não é mesmo? Ih agora eu não posso tirar dinheiro no banco mais!?
- É então eu ia dar o exemplo para você agora! É quem lá na Cinco que tem os rodões que tem os computadores de bordo, é que eu acho que fui uma vez só lá.
- P - Vai entrar também nas outras salas.
- Quem é que vai ter que mexer?
- P - É o operador.
- A ponte também parece que tem também né!
- P - Sim.
- Ai o operador pode dar incremento,... se você num ... é a hora que eu falei né...se você não estudar hoje você vai ficando para trás. Como é que você vai entrar na cabina lá ... é hoje.. é ... se a gente for ver mesmo na, na ... qualquer firma que for ver .. quem lá vai entrar num rodão e ver aquele computador lá nego já .. Opa! Alem deu dirigir o rodão né eu ainda vou ter que ... já fica assustado. Por isso que é bão uma escola.
- P - A escola te ajuda a você se relacionar com isto com mais facilidade?
- Ah sim. Porque não adianta só você na prática tem que ter a teoria também né. É quem os carros eu ia falar dos caixas eletrônicos. Tá certo quando veio que a gente ...você fica ...até você começar a mexer sozinho mesmo você vai ter que ir lá umas cinco ou seis vezes. As moças lá, a turma do banco lá vai ter que ensinar. Só que as vezes elas ensinam muito rápido porque já tem gente atrás na fila, agora se você fica fechado você não vai...
- P - Você acha que a escola te ajuda por exemplo nesta capacidade de: "você falou ensina rápido né" e ai aprender neste ensina rápido é difícil. É ou não? Você acha que a escola melhora a sua memória?
- Ah melhora.
- P - Você sentiu isto?
- Ah eu ah ... quem eu já estudava fiquei o que ... 89... ah eu voltei a estudar o ano passado.
- P - Mas você sentiu esta melhora na cabeça?
- Ah a gente vai melhorando né. Aos pouco você você lê mais. Leitura é ... hoje ése você for ver mesmo é tudo. Ter relacionamento, conhecimento, ajuda muito.
- P - Você acha, por exemplo, que neste tempo que você trabalha na CBA você acha que a empresa mudou muito? Que as necessidades que tem hoje são diferentes daquelas que você atendia quando você entrou aqui?
- Ah mudou né. Teve avanço né. É aquele negócio se ela não melhoraé ... é, ela tem que melhorar porque é... né é a competição né. A concorrência. É o tipo uh... tem que melhorar e eu acho que ela melhorou n!.
- P - Você acha também que, você está falando da concorrência entre as empresas, existe concorrência entre os trabalhadores?
- Quem?
- P - Por exemplo você está trabalhando....
- Ah eu acho que não! Nas empresas ou na empresa?
- P - Você acha que alguém está concorrendo com o seu emprego?
- Ah tá! Tem! Lógico!
- P - Você acha que tem muita gente interessada no teu emprego hoje? Muita gente que está desempregada ou alguém que gostaria de ter uma melhoria?

- Tem.
- P - Como é que você trabalha com isto?
- Ah!...
- P - Você acha que estudar tem a ver com isto?
- Ah tem né porque ...vai que. Vamos supor ai fora para entrar, você pegar aqueles currículos lá né tem que estudar...
- P - Mais que você?
- Ah tem que ser né.
- P - Quando você vai melhorando a sua escolaridade você vai ficando mais seguro?
- Você fala pro serviço né .. pro trabalho?
- P - Para o trabalho e para as concorrências?
- Ah sim porque você está acompanhando né. Está acompanhando.
- P - E para o trabalho?
- Também porque você está acompanhando.
- P - Em resumo estudar seria se preparar para acompanhar a evolução do mundo, vamos dizer assim? Ou não?
- Ah é né.
- P - Que exemplos você me daria para dizer que quem estuda é melhor, ou você já sentiu na pele isto?
- Que estudo é melhor mais no que?
- P - Você falou agora mesmo que ... a pessoa que estuda acompanha, tem condições de acompanhar. Isto em suma significa, se levar para o outro lado, que quem não estuda não tem condições de acompanhar.
- Ah ... poder ele pode ... assim mas as outras pessoas vê com outro olho né o trabalho dele.
- P - O olho de quem estuda é diferente?
- Ah, eu acho que hoje é. Para os outros ver, não de quem estuda, de quem estuda é...
- P - Será que então é mais para o outro ver do que para a própria pessoa que estuda?
- Não para a pessoa também. Ah porque hoje tem estudo que ... pega ai ... ah pega ai uma pessoa que tem só o primário para entrar na CBA.
- P - Não, não entra claro. Isto seria mais ou menos para o outro ver?
- Não para ele também. É lógico. Ele vai ter que entrar no... no..
- P - Vai ter que atender estas condições?
- Vai.
- P - E para o outro? Você acha que o cara que está estudando, quem olha para você hoje que está estudando, você acha que elas te valorizam mais por causa disto? Você sente assim?
- Você fala os outros? Ah não ... eu ...essa parte ai .. eu acho que valoriza ...eh.... valoriza normal.
- P - O que é valorizar normal?
- Risos. Fica difícil. Você fala os outros vê eu estudando?
- P - Isto. Em resumo eu estou te perguntando o seguinte. Nós temos uma determinada avaliação que o outro faz da gente. Quando você estuda você acha que a avaliação nossa no olho do outro você acha que melhora?
- Ah ai vai da pessoa. Porque a avaliação para a gente tirar para os outros vai estudar para os outros? Não, não é estudar para os outros estudar para mim. Para a minha melhora.
- P - Não. Vai estudar para você! Para a sua melhora! Mas quando alguém: "é capaz que você já ouviu isto". Ah o Fulano de Tal é acomodado". É acomodado não sai de casa. Não quer saber de nada.

- Nem a aposentadoria dele ele não pega, ele não sabe mexer no cartão eletrônico, ele não se esforça. É neste sentido. Você acha que o cara que começa a estudar e começa a desenvolver na escola e ele começa a fazer coisas ele melhora na avaliação do outro?
- Ah! Melhora?
- P - A sociedade olha para ele de maneira diferente? Ou não?
- Ah olha mais evoluído né. Mais evoluído porque....Num vai falar que ele tá lá não quer nada com nada. Não quer nem estudar. As vezes fala. A turma fala né.
- P - E quando você estuda; agora é para você, você se sente melhor?
- Ah vai abrindo a mente. Ah eu sinto melhor, aos pouco porque vai abrindo a mente da gente.
- P - Este sentir melhor inclui, por exemplo, que tipo de sensação?
- Ah...
- P - Diminui a sua vergonha?
- Ah isso aí já é duro porque quando a pessoa é tímida, tímida mesmo, vergonhoso... isto aí. Ah!. Mas eu acho que diminuí. A gente começa a falar melhor, pronunciar melhor, conversar vários assuntos. O entendimento vai ficando melhor, mais aberto, vai....
- P - Você sentiu isso?
- Senti. A gente vai ficando mais aberto. Porque eu mesmo sou mais de ouvir né. Agora se vier perguntar para mim, eu respondo da minha maneira né, cada um tem uma maneira né.
- P - Você fala bem. Apesar de você dizer que é tímido e que fala pouco, você fala bem.
- Ah não eu falo muito pouco, dá até vergonha.
 - Nivaldo porque você mudou de escola, porque você começou aqui na empresa?
 - De escola? Porque lá para mim é mais perto. Aqui quando eu saia as 14:00h eu tinha que ficar até as quatro. Até que neste horário tudo bem, mas de zero hora eu tinha que ficar até as oito horas. E lá para mim é muito mais perto. Para mim é muito mais cômodo.(Este lá é em Sorocaba numa escola próxima a casa dele)
- P - Esta questão da volta à escola você acha que ela tem influências em que parte de sua vida? No trabalho, na família, nas compras de um supermercado. Como é que você depois que voltou a estudar você começou a olhar isto?
- Ah isto aí! Como é que é essa aí?
- P - Você voltou a estudar. Isto de certa forma mexe contigo, ou não?
- Em que sentido?
- P - No sentido de alterar sua forma de pensar, de fazer as...
- Ah muda.
- P - Vamos falar primeiro da sua casa. O que é que facilitou, se facilitou, alguma coisa na sua casa?
- Eu voltar a estudar? Você fala para mim?
- P - Para você ou para a sua mulher, seus filhos. Eles comentaram alguma coisa com você?
- Ah muda! Que nem para mim eu acho que muda porque você começa a ter mais..... fica mais atento, os meninos vem mais e agora eles sabem que a gente está estudando eles vêm mais, perguntam mais sobre escola, trabalho. Até então eu acho que não vinham porque eu não estava estudando. Dai eles vêm perguntam, trabalho....
- P - Para assistir TV você acha que melhorou ou não?
- Ah melhora porque tem muita coisa que ... eu assisto mais jornal né, esporte. Você fica parado aí você quer saber né aí você corre no dicionário para ver o que é aquela palavra que ele falou você quer saber. Acho que melhora. E melhora porque a cabeça vai abrindo.
- P - Você falou em consultar o dicionário. Antes de voltar a estudar você não consultava o dicionário não?

- Ah era difícil. Era difícil. (Risos). Hoje eu olho mais muito mais. Você fica com a cabeça... Você fica querendo saber mais. Mais as coisas que está acontecendo, melhorar o conhecimento, ficar por dentro, senão a gente fica para trás.
- P - E nas contas você acha que melhorou?
- Matemática eu sou meio ruim, mas melhora, porque você estava parado e volta. Você está mexendo né, mas eu não sou bom de matemática não.
- P - E na relação com sua mulher alterou alguma coisa?
- Você fala..?
- P - É depois que você voltou a estudar. Tudo que a gente conversar aqui é função agora desta escola que você está fazendo.
- Ah com ela acho que... ah de vez em quando ela comenta. Porque você não faz um curso, não sei o que... Eu gosto muito de mexer com ... a parte elétrica. Ah eu ... a gente não tem mais pique para isto.
- P - Quando você voltou a estudar a sua família te influenciou para isto?
- Ah meus irmãos! Eles já falavam antes. É que eu não dava bola.
- P - Todos eles têm o segundo grau?
- Têm duas que tem faculdade, tem um que está fazendo e outro tem segundo grau completo. E aí uma é professora a outra é enfermeira padrão, e tem um que está fazendo química lá no Mato Grosso na Federal lá, e tem um que é policial. Eles me influenciou muito para eu voltar, mas eu tava casado e eu até..... viver para casa. Mas hoje não, hoje eh.... é agente vai tentando recuperar o tempo perdido, mas eu tô.....
- P - Você está gostando?
- Tô. Eh... é duro ver a matéria né, porque eu estou fazendo química agora. Prova de química e química é Matemática quando você volta assim ... em 89 para 2004 quantos anos? 15 anos. Para você voltar até entrar fica meio....
- P - Lá no trabalho o que as pessoas falam para você a respeito de você ter voltado a estudar?
- Aqui? Ah eles falavam é que a maioria quem sabe mais ali é da letra. Quiném ali os pontistas eu converso mais é com os pontistas, falam que é uma boa, que é a melhor coisa que você fez, você não está perdendo nada, você só tem a ganhar, vai lá passa sono, mas só tem a ganhar. Perder não vai perder.
- P - Com relação ao seu trabalho o curso que você está fazendo te ajuda?
- No trabalho? Ah ajuda né. Ah lá na ponte mesmo tem um monte de medida. Altura de ponta, altura de anodo... Ajuda agente.
- P - Então na parte de matemática você sentiu melhora?
- Foi. Mas voltando a dizer que em matemática eu sou uma sou muito cru.
- P - Não tem problema. O que a gente quer saber é se teve melhora.
- Ah isto sim. Ajudou. E ajuda também quando tem os cursos lá a gente lê mais ... Ajuda.(Neste caso ele fala dos cursos internos que são específicos do processo)
- P - Na sua vida pessoal você acha que teve influências?
- Para mim teve.
- P - De que forma, por exemplo? Como você exemplificaria isto?
- Ah, para mim..... relacionamento é .. conhecimento, é... aos pouco a gente vai abrindo mais a mete ... pra mim.
- P - Este relacionamento que você fala que melhorou, isto porque você acha que está com mais facilidade para dialogar?
- É ... é em termos é porque antes eu era mais quieto.

- P - Mais fechado?
- Há há.
- P - Você falou que não tinha hábito de ler o dicionário e agora você passou a ler mais. Com ralação a fazer contas por ocasião das suas compras no supermercado?
- Melhora, é que ali eu pego mais no momento. Por exemplo: percentagem aquele negócio lá, por exemplo vai lá nas casas Bahia fazer uma compra e as percentagens lá ... este negócio ai melhora. Vai abrindo né!
- P - Facilitou para você?
- Você pede uma explicação para eles e eles explicam. E agora ficou mais fácil para entender.
- P - Ficou mais difícil para te dar o tombo?
- É... e risos>
- P - Você lê alguma coisa?
- Diretão, diretão não. E o que eu leio mais é o negócio das minhas provas lá né. E eu leio a bíblia.
- P - Você participa de algum movimento voluntário relacionado com alguma religião?
- É eu sou evangelho.
- P - Frequenta a igreja?
- Frequêto.
- P - Você é o orador da igreja ou não?
- Sou obreiro.
- P - O que é ser obreiro?
- Ajuda! Não eu ajudo ali oh ...eu fico ...cada um tem ... eu fico oh... pra você ver tanto para mim o pessoal tá melhorando que na igreja que eu vou, na igreja que eu frequêto eu fico como recepcionista, fico na porta.
- P - E antes você não era recepcionista?
- Não. Eu fico na porta.
- P - Por que é que eles te deram esta incumbência? O cargo de recepcionista?
- Ah ai não sei.
- P - Você acha que foi depois que você começou a estudar?
- Foi.
- P - Você acha que tem a ver com a escola?
- Um pouco com a escola, um pouco com a pessoa, com o seu comportamento.
- P - Isto de certa forma é uma evolução?
- Para mim é.
- P - Foi gratificante?
- Para mim foi é.. valorizou. É que o trabalho também não é ... a gente faz porque gosta e...como falar o trabalho pra mim que nem ali é pra DEUS. De ajuda e eu gosto.
- P - E quando você foi convidado para isto ai você se sentiu bem?
- Ah a gente sente né. É que eu falo né, cada um é cada um, mas eu me senti bem. Hoje mesmo é dia né. Quarta feira, Quarta e Domingo. Quando estou Domingo em outros horários eu vou na escola bíblica. Escola bíblica é feito para estudar a bíblia. Ai o pastor faz uns livrinhos tudo baseados na bíblia. É a bíblia.
- P - No trabalho você escreve alguma coisa?
- Faço relatório no final. Marco as...
- P - Como é que você sentiu, depois que você voltou a estudar, você acha que está mais fácil fazer relatório ou não?

- P - Mais fechado?
- Há há.
- P - Você falou que não tinha hábito de ler o dicionário e agora você passou a ler mais. Com ralação a fazer contas por ocasião das suas compras no supermercado?
- Melhora, é que ali eu pego mais no momento. Por exemplo: porcentagem aquele negócio lá, por exemplo vai lá nas casas Bahia fazer uma compra e as porcentagens lá ... este negócio ai melhora. Vai abrindo né!
- P - Facilitou para você?
- Você pede uma explicação para eles e eles explicam. E agora ficou mais fácil para entender.
- P - Ficou mais difícil para te dar o tombo?
- É... e risos>
- P - Você lê alguma coisa?
- Diretão, diretão não. E o que eu leio mais é o negócio das minhas provas lá né. E eu leio a bíblia.
- P - Você participa de algum movimento voluntário relacionado com alguma religião?
- É eu sou evangelho.
- P - Frequenta a igreja?
- Frequente.
- P - Você é o orador da igreja ou não?
- Sou obreiro.
- P - O que é ser obreiro?
- Ajuda! Não eu ajudo ali oh ...eu fico ...cada um tem ... eu fico oh... pra você ver tanto para mim o pessoal tá melhorando que na igreja que eu vou, na igreja que eu frequento eu fico como recepcionista, fico na porta.
- P - E antes você não era recepcionista?
- Não. Eu fico na porta.
- P - Por que é que eles te deram esta incumbência? O cargo de recepcionista?
- Ah ai não sei.
- P - Você acha que foi depois que você começou a estudar?
- Foi.
- P - Você acha que tem a ver com a escola?
- Um pouco com a escola, um pouco com a pessoa, com o seu comportamento.
- P - Isto de certa forma é uma evolução?
- Para mim é.
- P - Foi gratificante?
- Para mim foi é.. valorizou. É que o trabalho também não é ... a gente faz porque gosta e...como falar o trabalho pra mim que nem ali é pra DEUS. De ajuda e eu gosto.
- P - E quando você foi convidado para isto ai você se sentiu bem?
- Ah a gente sente né. É que eu falo né, cada um é cada um, mas eu me senti bem. Hoje mesmo é dia né. Quarta feira, Quarta e Domingo. Quando estou Domingo em outros horários eu vou na escola bíblica. Escola bíblica é feito para estudar a bíblia. Ai o pastor faz uns livrinhos tudo baseados na bíblia. É a bíblia.
- P - No trabalho você escreve alguma coisa?
- Faço relatório no final. Marco as...
- P - Como é que você sentiu, depois que você voltou a estudar, você acha que está mais fácil fazer relatório ou não?

- Ah tá uai! Mas agente vê que falta ainda. Falta ainda tem uns errinhos de português. Falta ainda mas eu... Pra mim eu acho que ainda falta um pouco.
- P - Mas está mais fácil?
- Ah tá porque vem mais fácil na cabeça da gente. Você já pensa.... Até a mão está mais ágil. A letra é feia, mas.... É que a gente ... quer dizer eu me acho tanto para falar, quanto para escrever é fogo. Eu não tenho ... tem gente que já tem aquela facilidade ... vamos supor vou fazer o relatório lá pego um ... vamos supor vai marcar ... ah qualquer coisa vamos supor vai fazer um relatório é uma coisinha mínima ele já tem a facilidade né de expandir o que está ali né. Eu mesmo né já .. Aos poucos né a gente vai né.
- P - Você se expressa bem. Com certeza você consegue dizer muito bem o que quer e pensa. Quando você pensa na escola, em estudar o que você imagina, além do que você já recebeu, de bom para você? Que expectativa você tem em nome desta escola? O que você acha que vai mudar para você?
- Pra mim? Ai no caso uma resposta minha? Ah ... eu penso no futuro. Eu vou estar mais aberto para as coisas.
- P - O que significa isto em termos práticos?
- Que nem a gente vai aposentar. Ai agora eu quero ver se eu não paro né.
- P - Este não para é não para de estudar?
- É claro. Sempre estar atualizado né. No futuro pra mim ... conhecimento, não ficar parado no tempo. Se não você para no tempo. Fica parado. Pra mim falar em estudar hoje melhora né.
- P - Se agente especular neste futuro melhor para você. Empregado você está! Você tem um bom salário. Entre aspas a sua aposentadoria está garantida. E este futuro melhor é o que?
- Convivência no mundo. É convivência. Você vai estar sabendo mais. Mais coisas no geral.
- P - Saber das coisas significa novidades ..?
- As novidades que forem chegando no geral né. Ai você vai estar acompanhando né. Você não vai ficar lá para trás.
- P - Você acha que a escola te facilita isto?
- No dia a dia? Ah facilita. Vai da vontade da gente também né. Se não tiver vontade.... Porque se a gente for ver tudo gira em torno de estudo. Porque se eu for montar ... Vamos supor se eu ficar parado ai e continuara sem estudar, ou não estudasse Só tivesse até o primário ..Tá certo que se um falar aqui e o outro falar ali isto você vai guardando né, vai pegando. Vamos supor assim que eu fosse montar um mercado só com o primário. Você montar ou eu montar. Qualquer coisa hoje. Você ia pegar as coisas lá daquele negócio como? Não hoje só tem coisas assim assado. Mas daí eu não sei isso, não sei aquilo. Então pro futuro você vai acompanhando né. Eu me arrependo de Ter parado, porque se eu não tivesse parado eu já teria terminado.
- P - Você tem vergonha por causa disto? Você fica constrangido?
- Vergonha eu não tenho. Vergonha não.
- P - Junto com seus irmãos, porque o que tem menor escolaridade tem segundo grau. Como é que você se sente na hora em que está todo mundo reunido?
- Normal.
- P - Você não tem, assim, dificuldade nenhuma?
- Não. Normal. Não porque ... Você fala assim porque eles todos tem e eu não né. Não porque a minha vida assim no pessoal segue o modelo deles também. A única vantagem ... São em termos porque agora eu estou estudando também. A única vantagem que eles levam tá na escola. Só que eu não tenho vergonha porque ... eu estou seguindo o caminho certo.
- P - Este é o caminho certo?

- Não. Hoje é! Eu digo assim tirando o estudo eu estava seguindo o caminho certo. O caminho ... eu não parti para um outro lado, uma série de coisas ficar.
- P - Em resumo você está dizendo que você era um cidadão honesto trabalhador, um bom pai de família e que você não tinha de Ter vergonha das coisas que você fazia? Socialmente você não tinha nenhuma restrição.
- A única coisa mesmo era o estudo né. Mas vergonha deu ter deles não.
- P - Você acha que esta escola te ajuda a planejar porque ainda há pouco você falou do supermercado?
- No geral? Ah não. Eu pra mim .. Vai da gente também né se você for cabeça oca também ai você.. ela ajuda. Não vamos falar que ela não ajuda, mas vai da gente também né. Mas vai da cabeça da gente, da família, a escola ajuda, ajuda bastante a planejar, mas um pouco da gente também.
- P - E você sabe o que esta escola te traz de elemento novo neste planejamento seu?
- No futuro? Ah é que nem eu falei naquela hora eu fiquei um tempão parado e agora eu voltei é que tá, mas eu para o meu futuro mesmo eu quero continuar a vidinha mesmo.
- P - Este continuar a vidinha inclui o que?
- A gente pensa alguma coisa,mas no momento eu não tenho.... eu vou aposentar ...terminar a minha casa, ficar tranquilo. Uma meta assim que eu vou fazer alguma coisa eu ainda não sei.
- P - Você tem Vontade de fazer algum curso dentro da empresa?
- Se eu pudesse fazer eu faria elétrica.
- P - Mas este não é um curso interno dentro da empresa. Estou falando de um curso interno.
- Porque aqui no caso que você fala .. aqui é mais só coisa do trabalho.
- P - Você tem vontade de fazer eletricidade?
- Tenho.
- P - Algum curso relacionado com isto?
- É.
- P - Segundo grau? Nível técnico?
- Você fala o curso? Ah sim ... fazer... normal né . É porque eu vou terminar o segundo grau né. Vamos supor se eu for fazer tem que ser a nível técnico mesmo. A parte elétrica eu gosto, mas para tá fuçando sem fazer eu não.

6. ENTREVISTA COM SR FÁBIO.

Casado, dois filhos, 45 anos de idade. Natural de Taiobeiras Estado de Minas Gerais, Norte de Minas, município de Salinas. Atualmente morador de Sorocaba. Dois filhos, um com 17 anos e uma menina com 11 anos. Estudou sempre em escola pública e completou o ensino fundamental. Pai e mãe analfabetos. Tem vinte e três anos de empresa.

- P - Quando criança até que escolaridade você estudou?
- Até a oitava.
- P - Em Taiobeiras?
- Não. Eu estudei no Paraná.
- P - Então você nasceu em Taiobeiras e veio para o Paraná?
- Com um ano de idade e mudei para o Paraná.
- P - Você morou no Paraná ate?
- Aos vinte e dois anos.
- P - E lá no Paraná você fez até a oitava série?
- Oitava série.

- P - Quantos anos você estava quando você conclui a oitava série?
- Eu estava com vinte e um anos.
- P - Quando você concluiu a oitava série?
- Era.
- P - Então você estudou já na fase adulta?
- Já, até vinte e um anos.
- P - Mas, quando você era pequeno – criança – qual a escolaridade que você teve?
- Assim desde o primário?
- P - É quando você era pequeno mesmo, você estudou até que ano?
- Eu comecei com nove anos de idade e fui até os vinte anos.
- P - E aí com vinte um você concluiu a oitava série?
- Foi. O primeiro grau completo.
- P - Então você perdeu alguns anos?
- Ah sim perdi. Eu comecei atrasado e perdi e parei. Não eu repeti o ano, um ano.
- P - Você começou atrasado então?
- Foi, nove a dez anos. Hoje os caras põe os meninos na escola nos sete anos, antigamente era oito.
- P - Você foi nascido na zona rural?
- Em Minas? Foi na zona rural.
- P - Tem irmãos?
- Tenho. Cinco irmãos.
- P - Lembra da escolaridade do seu pai?
- Meu pai estudou um mês só.
- P - Então ele era quase que analfabeto?
- Era analfabeto.
- P - E a sua mãe?
- Minha mãe também era analfabeta.
- P - Você estudou em escola pública ou particular?
- Escola pública.
- P - Quando você parou de estudar em 1981, depois disso, nunca mais você estudou?
- Não.
- P - Você só voltou a estudar aqui agora?
- Foi.
- P - Quando você parou de estudar você estudava em escola noturna?
- Era escola noturna. Das sete e meia às dez e meia.
- P - Era educação para adultos?
- Já.
- P - Você tem quanto tempo de empresa?
- Vou fazer em agosto vinte e três anos.
- P - Teve emprego em outras empresas?
- Não.
- P - Quando menor não trabalhou?
- Só na roça.
- P - Sem carteira assinada?
- Não tinha. Trabalhava para a gente mesmo. Arrendatário de lavoura.
- P - Na sua opinião porque você voltou a estudar?

- Olha eu sempre queria né, mas oportunidade para voltar era difícil. Era difícil e então teve este recurso ai né então ...melhorou né.
- P - E porque que você acha que voltou?
- Ah eu voltei... porque... Ah eu sempre queria né. Ai surgiu esta oportunidade ai eu ..
- P - Como é que foi a forma que você voltou? Você ficou sabendo? Procurou ou você foi procurado?
- Eu fui procurado.
- P - Como é que foi a abordagem? Você se lembra?
- Normal.
- P - Normal como?
- Se eu queria estudar?
- P - O que mais?
- Foi só. Eles falaram que dava o material e tudo, não pagava nada, então pra gente é bom né? Mais estudo ainda é pouco ainda né. Estuda e ainda falta.
- P - Quando você foi convidado para estudar você tinha algum tipo de preocupação de ter que voltar ou não, ou você foi espontaneamente?
- Eh ... é preocupação porque eu tinha bastante tempo parado né de estudar... no começo ia ... com receio e... depois a gente vai demorando, mas fica bom né? Fica bom.
- P - Com relação a medo de demissão você não tinha não?
- Ah não.
- P - Nunca passou pela sua cabeça esta possibilidade?
- Ah eu pra mim, eu acho que não tenho motivo né?
- P - Estou falando isto porque foi uma solicitação da empresa que queria passar todo mundo para segundo grau e ai começou a convidar as pessoas! Mas você não tinha medo não?
- Não. Eu tinha vontade de estudar, tinha e tenho, mas onde que eu moro pra vim, e pra ir pra outra escola igual nos horários não tinha condição. E ai não ai eu já saio e fico na escola né.
- P - Como é que tua família recebeu esta notícia?
- Foi bom. A criançada que gostou que está no mesmo ritmo deles. Agora você é nosso companheiro. O que um num sabê ensina o outro.
- P - E a sua mulher?
- Normal nê.
- P - Gostou também?
- Gostou.
- P - Você acha que o jeito de comportar da sua professora ou dos seus instrutores influenciou o seu jeito de ser?
- Ahhhh .. os professores ensina bem né. A gente tava meio parado né. No começo ... agora já vai bem já.
- P - Com relação a sua vida antes de começar a estudar e sua vida depois de voltar a estudar você acha que tem diferença?
- Ahhh.. no caso, Pra mim não teve diferença nenhuma.
- P - Não?
- Ah que as vezes era um tempo que as vezes eu chegava em casa parado agora... é a escola né.
- P - Este tempo que você ficava em casa parado agora é escola. Isto significa estudar neste tempo?
- É.
- P - Você está estudando?
- Estou estudando.
- P - Você estuda depois que você se vai daqui?

- Ah sim. As vezes nas horas vagas que não tem aula, as vezes eu chego e pego um livro e...
- P - Você não pegava livro antes não?
- Ah mal e mal as vezes um jornal e... muito difícil ainda.
- P - Então alterou alguma coisa depois que você foi para a escola?
- Alterou e não alterou porque neste intervalo,... nestas horas que as vezes eu ficava em casa sem fazer alguma coisa hoje tem um livro pra ler e.. .
- P - Você tem facilidade para ler?
- Quando estou sem óculos é meio ruim, agora com óculos já melhora.
- P - Você tinha o hábito de ler antes?
- Ah sim jornal as vezes né ..é...
- P - Agora além de jornal você ler outras coisas?
- É... os livros,... né que tá lá né.
- P - Você consulta dicionários?
- Ah sim!
- P - Quando é que você consulta dicionário?
- É que nem agora quando estou assim em casa né ..o moleque mais velho tem né. E aqui na escola também tem.
- P - Mas você consulta quando você está estudando e não entende alguma coisa, alguma palavra que você não conhece?
- Ah sim quando eu vejo uma palavra difícil o meu filho ele pega também me ensina, porque ele já está fazendo o terceiro ano né e então ele já é mais adiantado do que eu né.
- P - Você acha que esta escola trouxe para você algum tipo de aprendizado?
- Ah trouxe! Tem coisas que eu não sabia agora eu pretendo né.....
- P - Você consegue exemplificar isto?
- Exemplificar?
- P - É!.
- Como assim?
- P - Alguma situação que aconteceu na sua vida que mostra que esta escola te ajudou.
- Ah o que aconteceu....., mas poderia acontecer né porque as vezes você sai da empresa e ai você não vai arranjar trabalho em lugar nenhum né. Já tendo este estudo ai né já ...
- P - Então você acha que um benefício aparente é o fato de você ter o ensino médio?
- É ter e ... quando terminado isto ai ir mais para a frente né? Tá novo ainda.
- P - Este fazer mais para frente significa o que para você?
- Faculdade.
- P - Você pensa em fazer uma faculdade?
- Ô penso uai!
- P - Que legal! Se você for fazer uma faculdade você vai fazer de que?
- Ah... pela cabeça da gente assim eu vou mais é desenho mecânico né. É bom.
- P - Você gosta de desenho?
- Gosto.
- P - A sua instrução é só no telecurso aqui?
- A instrução assim de escola? É só do telecurso.
- P - Na sua opinião este voltar a estudar vai te ajudar em alguma coisa na sua vida?
- Ah eu acho que sim.
- P - No que por exemplo?
- Todas as coisas né. O estudo é Você vai viajar você precisa de um estudo né.

- P - O que você quer dizer com isto? Porque tem muita gente que é analfabeta e viaja.
- É porque você tem que estar perguntando para os outros. Se você tem o estudo não né
- P - Mas você já não sabia?
- Ah eu sabia, maspor exemplo para, quando eu estudei em 1981 e a outra escola já era paga né e os pais não tinham condições de pagar né, então eu tive que parar, mas senão eu tinha continuado até agora.
- P - Mas o que eu estou te dizendo é o seguinte: Quando eu te perguntei das vantagens desta escola você disse que para viajar melhora.
- Pra mim éPra mim miora para todos os casos. Ao menos na minha opinião né?
- P - Mas você acha que ficou mais fácil de você viajar agora depois desta escola?
- Pra viajar, para arranjar um outro emprego noutra firma.
- P - Tudo bem, mas ai é uma coisa bem particular. É uma condição um critério. O Arnaldo pode entrar aqui porque ele tem o ensino médio. Isto está claro. Outras coisas que esta escola acrescenta em você e que você sente que é um benefício da escola?
- Ah isto ai eu....ah eu sei....acredito que fica melhor né,.... sempre com mais estudo. Não só para viajar que melhora, melhora em todos os aspectos.
- P - Será que você não está falando, por exemplo, do aspecto do seu conforto pessoal? Porque ler você já sabia? Você acha então que esta escola traz informação, por exemplo, que te permite identificar esta informação quando você tiver rodando por ai?
- Ah é certo! Sabe que na aula de história, história geral, o meu conhecimento que eu tinha era um..... da outra época.
- P - Então a escola te permite conhecer alguma coisa e quando você sai para viajar você sai confirmando aquilo que você aprendeu na escola?
- É o que eu aprendi, se por acaso você passar por aquela coisa que aprendeu na escola você ... isso ai eu sei ... eu sei como é que faz e...
- P - Ai você fica mais seguro?
- Provavelmente sim né!
- P - Tem um outro aspecto também que eu acho interessante, quando você estuda você fica mais confiante?
- Ah sim né ...é a gente fica mais confiante né.
- P - Você acha que a sua auto-estima melhorou?
- Ah, ... Ah melhora né?
- P - Você tinha vergonha, por exemplo, de...?
- É que hoje pela minha idade, para entra numa escola ai é... que só tem criançada née aqui.
- P - É um confronto forte?
- É uai.
- P - A meninada chamando de tio.
- De vovô. É aqui é..... não uai! E outra aqui a gente já vem trabalhar e já fica aqui e eu achei bom.
- P - Você já falou que seus filhos reconheceram, ou acharam bom que você voltasse a estudar porque desta forma você virou os paras deles.
- A gente sempre anima né. Até as crianças mesmo já anima mais do que,porque vê o pai sem fazer nada e uma escola ai a criançada ativa é bem a gente né.
- P - Você acha que isto foi importante para os seus filhos?
- Eu acho que no meu modo de vista sim.
- P - Olha o que está acontecendo com seu pai agora. De repente vocês não valorizam uma escola que tem.

- É porque,.... É que nem falou a minha filha. Oh pai agora o sr está igual eu? Ela pega a matéria que ela não sabe. Só que eu acho que ela está no quarto ano bem adiantada né...
- P - De certa forma você está dando para os seus filhos um exemplo?
- É! Eles vê que sem o estudo. Pra eles vê eu estudando é pra Ter mais vontade né porque,
- P - Acaba, de certa forma, apertando eles na escola?
- Eh isto..... porque as vezes eu tô trabalhando estou sem estudo e ai então é vou ficar igual a meu pai mesmo porque ele estudou aquele tempo lá e eu tô trabalhando, mas não é assim. Com mais estudo né....
- P - Você acha que estudar facilita arranjar emprego?
- Hoje no mercado sim. Naquele tempo que eu vim para cá não, mas hoje.
- P - Você acha então que se todo mundo tivesse ensino médio então todo mundo tinha emprego?
- Ah ... aias vezes o mercado não tem aquele trabalho todo e então é obrigado a ficar desempregado.
- P - Precisa de estudar, mas estudando não garante emprego?
- Eu acho que provavelmente a pessoa estando estudando, e tendo aquele estudo ... como a outra que a firma exige ou que não deixa de exigir ou fica, ou a gente conserva todo o trabalho não falta as vezes, Provavelmente no estudo não segura trabalho. Mas sem estudo também não tem jeito.
- P - Que opinião os seus colegas tem quando vê você voltando para escola? O você acha que eles pensam?
- Até hoje ninguém me falou nada não. Pelo papo deles assim lá perto de casa eles começa a chamar a gente de engenheiro. Depois de vinte e um pegar numa matéria de novo, né?
- P - Então começaram a te chamar de engenheiro!
- Você vai formar de engenheiro daqui a pouco.
- P - E das pessoas que trabalham com você e que fizeram também o curso você conhece alguém?
- Ah! Conheço bastante.
- P - Eles falam bem do curso ou como é que?
- Bem uai! Daqui de Sorocaba conheço pouco né! O que é.... o que mora..... da turma que mora aqui em Alumínio eles já.... as vezes eles não fizeram o telecurso mas já fez noutra no SESI e para eles aqui é mais fácil né, para quem mora aqui. Porque no bairro que eu moro lá só tem a noite e num horário de duas as dez não tem como acompanhar né.
- P - Fica difícil?
- É difícil.
- P - Você acha que esta escola ajuda no seu trabalho?
- Provavelmente sim né.
- P - Porque que você acha que acontece isto?
- Porque a gente que tinha vontade de estudar chegou a ter esta oportunidade então a gente trabalha mais animado.
- P - Você acha que você fica mais entusiasmado, mais empolgado?
- Fica. Você sabe que terminou sua rotina tem que ir para a escola.
- P - É uma motivação a mais?
- É uma motivação.
- P - No seu trabalho você faz ocorrências de turno?
- De, dede?
- P - Você escreve no seu trabalho?
- Não.

- P - Você não escreve nada no seu trabalho?
- Não às vezes quando a gente fazia algum pedido de serviço, fazer uma R.S., fazer um boletim de vazamento lá que nois usa.
- P - Isto você faz. Você faz cálculos, você trabalha no forno. Você não faz cálculo da carga não?
- Assim....?
- P - Como é que você sabe que tem que jogar uma determinada quantidade de carga lá dentro?
- Daí já tem o técnico então.... que já conhece o tipo de material que vai ter que corrigir né então
- P - Você é capaz de fazer o cálculo destas cargas?
- Sim. Depende da carga a gente faz.
- P - E nisto esta escola melhora isto ai?
- Melhora éé ... no caso química que a nois faz é o produto que nois usa ali e tal ... então a escola já melhorou bastante.
- P - Porque você fica com uma relação mais próxima com a questão das percentagem?
- Ah fica uai! Nestas partes ai já melhorou bastante né.
- P - Nesta escola em que você está estudando ela te fornece uma série de informações novas. Você acha que ela te ajuda mais no seu conhecimento pessoal ou no conhecimento profissional?
- Acho que é no geral né.
- P - Você mudou ou alterou algum hábito seu em função desta escola?
- Não!
- P - Por exemplo ler mais?
- É sempre a gente tem um livro e ai tem alguma aula que tem alguma dúvida ai a gente tira alguma dúvida a gente que já tem um filho que já está no terceiro ano já ele sabe.
- P - Estas duas horas de aula que você tem aqui, transformam em quantas horas de estudo lá na sua casa?
- Ah tem vezes que durante o dia que estou de folga eu fico duas ou três horas lendo. Eu gosto muito de livros e... eu num digo meus filhos não tem, livros de história geral eu já aprendi coisas que eu não sabia.
- P - Então mais ou menos umas duas ou três horas por dia você está estudando?
- Ah sim não diariamente, que as vezes de.....o dia que você está trabalhando de zero hora então ..
- P - Você acha que no supermercado quando você vai fazer compras isto te ajudou?
- É ajudou!
- P - Por que?
- Porque eu sabia, mas eu sabia pouco né. Agora vai aprimorando e vai aprendendo mais né.
- P - Mas como que isto se traduz na prática mesmo? Você começou a ler os rótulos de embalagens?
- É que falava que a gente as vezes tinha dificuldades e
- P - O seu vocabulário hoje é melhor?
- É. Pelo menos para mim é melhor.
- P - Com certeza para você é melhor! Você participa de alguma atividade cultural na sua comunidade?
- Sim. Às vezes onde eu nas associações de bairros é.....
- P - Você faz parte de uma associação?
- É. Só que no ano passado eu sai né, que eu comecei na escola. Eu era membro lá do Laranjeiras mesmo.
- P - Você era membro da sociedade e tinha algum cargo?
- Então eu era como vice-presidente. Eu que tinha mais pouco tempo fiquei como vice e o outro colega que tinha mais tempo ficou como presidente.
- P - Você era vice-presidente da Associação de Bairros do Bairro Laranjeiras?

- É. Ai fiquei uns dois anos e ai eu sai fora né.
- P - Hoje você não está militando em nenhuma atividade?
- Não. Indo assim em reunião assim de escola né, festas de escola e....
- P - Religião?
- Religião eu sou católico, mas é muito difícil eu ir na igreja.
- P - Está em débito?
- É. A muié vai e chama eu né, as vezes na semana às vezes que estou de zero hora ou de 2:00 as 10:00 h não tem como, raramente eu vou.
- P - Você é militante de algum partido político?
- Não.
- P - Sindicato?
- Também não.
- P - O que é que esta escola mais te ajudou? Fazer contas? Ler? Escrever?
- Fazer contas e ler melhorou pra quem ficou ai vinte anos parado esquece né. Quando você pega uma atividade assim com pouco tempo você já entra no ritmo novamente.
- P - Você acha que esta escola melhorou a sua memória?
- Acho que melhorou. Parece que a mente desenvolve mais né. Ficar parado ai fica preguiçoso né.
- P - Na questão do planejamento de sua vida, ou seja nas coisas que você vai fazer você acha que ela tem interferência?
- Assim no ritmo do dia a dia assim?
- P - É. Por exemplo, você tem planos para fazer coisas não tem? Parece que quanto menor o nível de informação das pessoas parece que é mais difícil imaginar o que pode acontecer. E se você não imagina o que pode acontecer, ou o que é possível acontecer, você também não busca fazer aquilo. Agora quando você vai sendo informado fica mais fácil de você vislumbrar os cenários futuros. Você acha que esta escola ajudou a clarear isto para você?
- Por causa da escola? É melhorou né não atrapalhou.
- P - Tem algum curso dentro da empresa que você gostaria de fazer?
- Ah !... A gente se tivesse era bom né.
- P - O que é que você gostaria?
- Hoje como eu estou na escola é melhor freqüentar a escola né.
- P - Primeiro a escola. E depois?
- A sim depois né ...
- P - A empresa sempre oferece alguns cursos específicos. E dentro deste leque de ofertas que ela tem você se imagina, se colocando, se pondo como postulante de um desses cursos, de querer fazer?
- Cursos de? .../
- P - Sei lá de maçariqueiro, de soldador, de eletromecânico de pneumática.
- É um curso destes ai é vantagem pra gente fazer né.
- P - Então você não tem nada assim...
- Não, por enquanto que eu estou na escola né.
 - O que você acha que esta escola trouxe de melhor para você?
 - Conhecimento né.
- P - Conhecimento?
- Conhecimento geral.
- P - Por que?

- Mais que a gente aprendendo sempre falta né. As vezes um estudo em um livro de uma leitura ai que a gente sempre força tenta atrapalha né ai já não tem aquele dificuldade né..
- P - Você falou que tem? Quantos irmãos você tem?
- Seis.
- P - Dos seis irmãos que você tem todos têm o ensino médio ou não?
- Não. Só dois que têm
- P - A escolaridade maior lá na sua casa é o ensino médio?
- Não o ensino médio não, dois têm o fundamental. O médio nenhum tem.
- P - É só você que vai conseguir agora?
- É.
- P - Você é o primeiro da família que vai conseguir o ensino médio?
- É.
- P - Isso te traz algum tipo de vaidade?
- Não. Mas também tem dois que mora aqui e um outro que mora em São Paulo e trabalha por conta e nunca se interessou.
- P - Você, por exemplo, já sentiu vergonha de não ter o ensino médio?
- Não.
- P - Nunca Passou pela tua cabeça, por exemplo, o sujeito que não tem o ensino médio com esta tão badalada coisa da mídia?
- Sempre os outros,... mas a gente conseguiu até onde foi né na época, então num podia né, mas hoje como tem esta oportunidade é fazer né e não deixar escapar né. Porque na época sim né quia genteos outros tinham o colegial completo tinha um monte de coisas e a gente não tinha né. Não tinha porque não podia pagar né, mas vontade sempre a gente teve né.
- P - Em suma você deixa transparecer que se você tivesse tido oportunidade naquele tempo você gostaria de ter feito.....
- Naquele tempo se eu tivesse tido oportunidade eu estaria estudando até hoje. Quanto mais mais né. Mas é difícil né.
- P - Você acha que o método que a escola usa ele consegue fazer com que você entenda bem o que está sendo explicado?
- Ah sim.
- P - O que é que você gosta mais quando a professora explica ou quando a fita?
- A explicação acho que é quando passa a fita e depois ela explica ou explica primeiro e depois passa a fita e se tiver alguma dúvida você ai você tira a dúvida. Ai ela para mais lá e explica né. A escola de telecurso virou bastante né.
- P - Você gosta deste modelo de ensino?
- É bom.
- P - Você consegue aprender bem?
- É melhor que as outras escola né sem o que não tem vídeo. E agora tudo que tem é no vídeo que começa né.
- P - Esta escola o tempo de atuação dela sobre o aluno é pequena. São duas horas por dia para sete matérias, com isto demanda muito estudo em casa. Como você faz quando você não entende uma coisa?
- É não entende e na próxima aula ela explica de novo né.
- P - Ai você volta com as dúvidas e...
- Então ai a gente procura e ...também tem o meu filho que está fazendo o terceiro ano né e ...já sabe mais que o véio aqui né.

P - Sabe mais que você?

- Sabe

P - Isto te deixa triste ou feliz?

- Normal néé que ele teve mais oportunidades do que eu né.

P - Se você tivesse que escolher de novo você entraria nesta escola de novo?

- Sim.

P - E para aqueles que não estão estudando o que é que você diria para eles?

- Estudar né.

P - Que argumentos você usaria para fazer um cara voltar a estudar?

- Ah hoje a gente procura as vezes a coragem para falar com o cara com a pessoa, mas isto vai muito da vontade, porque ir para escola sem vontade de aprender não vai aprender. Volta a estudar pôxa, é bom.

P - É bom para que? Eu já estou velho! Então porque que eu devo voltara estudar? Vamos supor que eu perguntasse isto para você.

- Eu não sei como responder. No meu caso, na minha cabeça eu sei que é bom.

P - Mas para dizer para outro os por quês que você se sente bem dentro desta escola você não consegue.

- Outro fala que não né. Meu irmão veio agora há pouco tempo em casa e falou. "É agora tá bom né voltou a estudar né". É agora vortei. Ai ele falou. "É daqui uns dias você é chefe".

P - Legal!

- A gente até que quer né, mas não consegue pagar a escola ai pronto né. A gente quando era sozinho né da.... agora agente tem família tem que pagar para as crianças.

7. ENTREVISTA COM SR GERARDO.

Casado, tres filhos, um rapaz com 21 uma menina com 14 e um menino com 11 anos morador de Mairinque S P. Idade 47 Anos. Nascido em Conselheiro Lafaiete. M. G., na zona rural. Foi estudante somente escola pública. Funcionário da empresa há 19 anos. Profissão, operador de ponte rolante. Escolaridade do pai analfabeto mãe analfabeta fez o mobral depois de casada e aprendeu a assinar o nome.

P - Família de quantas pessoas?

- Nois era em dez irmãos né. Morreram três ficou sete.

P - Seus irmãos estudaram?

- Alguns estudou outros não.

P - A escolaridade deles era...?

- A mesma coisa de mim primário.

P - Quando você era pequeno até que série você estudou?

- Até a Quarta série. Primário.

P - E depois quando é que você fez o fundamental?

- O fundamental eu.. entrei na CBAeu vim para o Estado de São Paulo em 1979 e trabalhava de pedreiro, construção civil, e ai em 1985 eu entrei na CBA, mas ai não exigia esse negócio de estudo e ai 1986 eu falei eu vou fazer, ... só tinha entrei na CBA com a Quarta série eu falei eu vou fazer a oitava, no caso ... ai eu fiz de 86 ao meio do ano de 87. Ai eu completei a ... supletivo em São Roque no Bernardino de Campos.

P - Você se lembra com quantos anos você parou de estudar quando era criança?

- A uns treze para quatorze anos.

P - Parou aos quatorze anos já com a quarta série. Você se lembra porque você parou?

- Sem condições, parei para ajudar em casa. Família grande então não tinha condições.
- P - Isto significa que você trabalhava para ajudar a sustentar a família.
- Exatamente.
- P - Você estudava em escola pública ou em escola particular?
- Escola pública.
- P - Esta parada quando você tinha de 13 para 14 anos foi por volta de 1971 e a partir daí você não teve mais condições de estudar mais a não ser em 1986 quando você fez o supletivo fundamental?
- Ai eu não tive mais oportunidade porque eu tive que ajudar família quando meu pai morreu e ai eu não tive mais condições.
- P - Qual é a escolaridade de sua mulher?
- Sexta série.
- P - Ela também não quis estudar mais não?
- Não ela tinha vontade de estudar mas ai veio as crianças tudo e ai parou né e ficou nisto mesmo.
- P - Por que em 86 quando você fez o fundamental você não fez logo o ensino médio em seguida?
- É que eu pagava aluguel e tava construindo ai eu mudei para Mairinque de São Roque eu vim para Mairinque e em Mairinque onde eu mudei lá no bairro do Jardim Vitória era muito difícil para você estudar do Jardim Vitória até Mairinque era muito difícil de então não tinha condições. Era só a pé. Ônibus era só da empresa. E eu fazia três horários e não sobrava tempo.
- P - E agora nesta Segunda volta a escola que você fez você fez motivado por que?
- Razão foi a seguinte. Num determinado tempo ai a CBA começou a chamar o pessoal, inclusive eles me chamaram umas três vezes. Ai eu fui chamado a secretaria (RH) e eu falar com o Cleber. Ai o Cleber aconselhou né sr já tem o fundamental, então ele aconselhou volta é rapidinho você termina o ensino médio, volta todo mundo tá voltando a estudar. Ai eu animei e voltei a estudar.
- P - Ele mencionou para você alguma coisa, por exemplo, da necessidade de todos os funcionários da empresa tivesse ensino médio a partir dali?
- Não.
- P - E quando ele te convidou para fazer, porque foi um convite, fazer o ensino médio você voltou qual foi o motivo básico que fez você voltar?
- Oia, o motivo básico que eu pensei eu tinha que fazer porque era baixa a escolaridade minha né e o pessoal de ponte rolante que trabalha comigo lá a maioria deles já tem o ensino médio e eu não tinha. E achei que eu devia fazer.
- P - Mas nunca passou pela sua cabeça a possibilidade de ser demitido em função da recusa para não fazer esta escola?
- Não nunca passou.
- P - Você não tinha medo?
- Não eu não tinha. Nunca tive medo.
- P - De certa forma você demonstrou que tinha uma certa esperança de estudar, ou não, de concluir o ensino médio?
- Tinha.
- P - Então você alimentava este desejo?
- Exatamente. Tinha uma esperança de terminar.
- P - Na realidade quando esta oportunidade surgiu ela veio de encontro com seu desejo?
- Exatamente.
- P - Mas mesmo assim você titubeou, porque você disse que foi chamado três vezes?

- É, chamou três vezes, mas é que estou construindo, e três horários é pesado, não é fácil para fazer. Então eu fiquei nessa, mas depois eu pensei e ele me chamou de novo e eu fui lá e ele me deu uma força e eu voltei.
- P - Você estava com vontade de fazer, mas você pensava na seu conforto, uma maior comodidade?
- É! É.
- P - Um cansaço menor?
- Exatamente.
- P - Você tem filhos?
- Tenho três filhos. Dois rapazes e uma moça. Um rapaz com vinte e um anos e uma filha com quatorze e um muleque com onze anos.
- P - Como é que eles receberam esta notícia? Ou esta decisão?
- Receberam normal né. Eles estudam também. Ai eles falou começa a estudar ai que no que depender de nós a gente dá uma força.
- P - E realmente eles te deram uma força?
- Deram. Mas depois fui eu quem deu uma força para eles.
- P - É mesmo?
- Sim.
- P - Quer dizer que inverteu as bolas? No começo você foi ajudado e depois você passou a ajudá-los?
- Ai eu ajudei eles.
- P - Você se lembra em que matéria você os ajudou?
- Eu alembro quando eles estavam fazendo prova eu ajudei em matemática, história e geografia.
- P - Coisas que eles não estavam sabendo e você já sabia?
- Coisas que eu já estava bem a frente deles.
- P - E a sua mulher como ela se posicionou?
- Incentivou né. Porque ela sempre teve vontade que eu estudasse né. Então ela incentivou. Deu uma força amais né.
- P - Nesta escola o que você acha que ela te trouxe de mais positivo?
- Mais positivo?
- P - Ou o que você gostou mais?
- O que eu gostei mais foi o respeito.
- P - Você acha que você passou a ser mais respeitado a partir do momento que você concluiu o ensino médio? Ah sem dúvida! Tendo o segundo grau você é mais respeitado.
- P - Como assim respeitado? Será que é possível traduzir isto em palavras?
- Eu vou falar uma coisa para você! Respeitado! Quando a gente tá sem estudo na firma e a CBA tá dando oportunidade se você não terminar o ensino médio, você fica ali dentro ali como uma nem sei te dizer o que ali ... é uma coisa ... a obrigado né parece que é obrigado manter a pessoa ali!
- P - Será que eu entendi? Você fica lá, mas você acha que alguém está te fazendo favor?
- Exatamente!
- P - Quando você não preenche aquilo que ela, quer dizer ela chamou de ensino médio a escolaridade para contratação. E ai de repente como funcionário dela não tem o ensino médio. Ai você olha para o teu chefe e pensa este cara me mantêm aqui não é pela minha competência, mas sim pela simpatia que ele tem por mim. Seria isto?
- É eu penso assim. No meu pensamento é isto ai.
- P - E quando você fez esta escola você tirou...?
- Este peso.

- P - Isto significa que você, do ponto de vista auto-estima está melhor?
- Está melhor! Tranquilo com a minha consciência tranqüila. Então eu num tô ... Não que diz que vai me mandar embora. Então eu tô com a consciência tranqüila. E deram a oportunidade eu fiz e ...agora não tem mais o que falar um pouco de cobrança né então é isso.
- P - Para você é como se tivesse pago uma dívida?
- É uma dívida né. Exatamente. É uma coisa assim porqueeu estava irregular ai dentro né?
- P - Você se sentia assim?
- Sentia. Porque está dando oportunidade e a gente não táfazia então a gente tá irregular.
- P - É?
- No meu pensamento né!
- P - Tudo bem. É na sua cabeça. É muito legal isto.
- É eu estava irregular.
- P - Super interessante esta consideração que o senhor fez. O senhor acha que depois que o sr fez esta escola o sr. tem mais facilidades com as contas, com a leitura?
- Nestas partes o serviço que eu faço lá, medida de ponta, manobra, levantamento de manobra estas coisas continua o mesmo. Porque eu já tinha a base de tudo então...
- P - Na sua profissão não mudou?
- Não mudou. Agora no que diz lá meus filhos que eles estudam sempre eu tô dando uma ajuda para eles. No começo eles me ajudaram agora eu tenho condições de ajudar eles.
- P - Então na sua vida pessoal você acha que mudou alguma coisa?
- Mudou. Igual eu te falei condições em casa de ajudar meus filhos em muitas coisas que eles não sabem eu passei a ajudar.
- P - Você passou a ler mais depois que você freqüentou esta escola ou não?
- Passei a ler mais.
- P - O que é que você lê?
- Eu gosto de ler jornal, jornal de esporte, então eu gosto de ler.
- P - Livro você lê?
- Livro....eu sou.... tem... eu sou católico, mas eu gosto de ler esses ... de outra religião de vez em quando eles passam lá em casa. Eu gosto de ler isto ai. De religião estas coisas assim....
- P - Quando o sr estudava ou estudou o sr chegou a consultar dicionários?
- Não.
- P - Então o sr não é usuário do dicionário?
- Eu ia consultar o dicionário aqui mesmo. Ano passado que eu comecei a aprender a olhar o dicionário.
- P - Aprendeu a olhar o dicionário?
- Aprendi. Através do telecurso.
- P - Você não sabia olhar o dicionário?
- Não aprendi aqui.
- P - Vai por ordem alfabética.
- Exatamente.
- P - Com relação a sua atuação com os números esta escola ajudou? Na matemática, na soma, na subtração?
- Ajudou muito. Tinha muitas coisas que eu não sabia, então ajudou.
- P - No supermercado por ex: Ajudou?

- Ajuda a fazer compras. Ajuda. A pessoa se desenvolve mais né, como eu fiz o fundamental eu fiquei parado então acaba esquecendo. Muita coisa você esquece então você estudando ai, no caso oito meses então valeu a pena.
- P - E com relação a sua memória você acha que ela melhorou depois desta escola?
- Ah melhora. Melhorou bastante. E a gente começa a ler né parece que desenvolve mais a memória você não fica parado a mentalidade. Melhorou mais e está melhorando.
- P - Está esquecendo menos agora?
- Esquecendo menos. E é exatamente quando a gente começa a entrar no telecurso ai e começa dá os problemas o que ocê aprendeu ai no prazo de uma hora esquece tudo ai... Então ocê continuando estudando não acontece isto ai. E exatamente. E isto ai eu tive vários colegas que acontecia e..... puxa vida eu aprendi a coisa tão bem lá na classe lá e agora eu já esqueci. Ai eu falava não isto não é só com você é comigo também.
- P - E a medida que foi desenvolvendo o curso esta dificuldade ela foi diminuindo?
- Foi diminuindo. Ela vai diminuindo. Exatamente. O que aprende na hora, mas esquece, mas quando você vai estudando você não esquece mais.
- P - Você acha que esta escola te ajuda a planejar?
- Planejar, como assim? O futuro?
- P - Isso!
- Sobre a escola? Eu acho que agora eu já encerrei. Já fiz o ensino médio. Agora é planejar é para os meus filhos. Dá a eles o estudo que eu não tive. Para mim o importante é isso ai agora.
- P - Você acha que esta escola, ou este estudar um pouco tardiamente, ajuda a manter esta postura com relação a seus filhos?
- A ajuda. Se não eu não tinha condições né como é que eu ia fazer um planejamento, sendo que eu não tenho estudo, então eu não podia exigir muito dos meus filhos né. É eu penso assim.
- P - Isto significa que você se sente com autoridade para, no bom sentido, cobrar deles no mínimo passar da sua escolaridade.
- Eu sinto porque eu terminei depois de velho né e fazendo três horários né então eu posso cobrar.
- P - Você acha que seus filhos olha para você, depois desta escola, com mais respeito?
- Ah sim com mais respeito. Exatamente.
- P - Mas você chegou a perceber isto?
- Nas parte de estudo eu cheguei. Então muda completamente né.
- P - Eles chegaram a falar disto?
- Falou! Tem um que falou. É mais respeitado eu tô. Você aprender no caso que eu aprendi até um pouco mais que eles, então fica uma coisa até mais respeitada. Ora que eles pede um conselho você sabe como dar este conselho.
- P - E você tem, vamos dizer, suporte...
- Exatamente.
- P - O que você está falando não é só por falar, eu estou falando com base na minha experiência de vida.
- É da minha experiência.
- P - Eu tenho uma experiência de escola tardia, mas tenho está ali.
- Meia tarde, mas tem.
- P - Você acha que isto passou para eles um recado com relação a escolaridade?
- Passou que eles têm que estudar. Têm que estudar porque hoje em dia sem estudo a gente não é ninguém.
- P - Eles chegavam a falar em interromper os estudos antes de concluir o ensino médio ou não?

- Não nunca falou. Mesmo quando eu estava estudando aí eu sempre incentivava eles a estudar. Só se falaram com a mãe, mas comigo jamais.
- P - Você acha que segundo grau, ou ensino médio, a empresa pedindo isto para todos os funcionários. Na sua opinião isto precisava disto?
- Na minha opinião?
- P -- É.
- Do jeito que está as coisas hoje,... hoje em dia eu trabalho na seção lá ai o que fala é épessoal qualificado, então você escuta lá dentro 3000 a 4000 com currículos aí fora, então o que que vai fazer? Tem que estudar! Não tem outra saída.
- P - Não tem outra saída?
- Não. Não tem outra saída.
- P - Do ponto de vista legal, porque a empresa colocou isto como uma necessidade, é perfeito. Do ponto de vista prático você consegue associar no seu trabalho alguma necessidade de escola que esta escola te deu? Ou alguma necessidade informação que esta escola te deu?
- Por exemplo, assim ...
- P - Por exemplo, você tem um quadro de trabalho que precisa informações. Estas informações elas chegam de várias maneiras. Esta escola ajuda você a criar algum tipo de preparo para operar no seu trabalho?
- Ah sim. Muitas coisas a pessoa desenvolve. Por exemplo, você escrever. Por exemplo, a gente faz uma guia de acidente então a pessoa aprendeu ai a fazer um... igual eu fiz ai uma redação você desenvolve mais. Eu acho que fica mais solto para as..... para colocar as idéias, fica mais aberto. Eu já percebi.
- P - Depois que você fez esta escola então?
- Melhorou!
- P - Você vai fazer uma ocorrência, um boletim,...
- Melhora mais né.
- P - E no entendimento, .. porque você tem uma ponte lá que ela tem um pouco de tecnologia, naquilo também ajuda?
- Ajuda! Ajuda que ali a gente tem as coisas ali que tem que dar um incremento no forno a gente tem que usar o computador, se tá tudo certo, se tá batendo a hora tudo.
- P - Esta escola então ajuda a você se aproximar do computador, a perder o medo do computador?
- Ajuda e muito! (Risos)
- P - Você tinha medo do computador?
- Tinha.
- P - Depois da escola melhorou?
- Melhorou muito! Desenvolveu mais.
- P - Hoje você já concluiu?
- Já.
- P - Você fez muito rápido Osvaldo!
- Fiz rápido. Acho que fiz muito rápido.
- P - Você eliminou as sete matérias em onze meses. Muito rápido. Duas horas de aula por dia no telecurso. Isto demanda muito estudo em casa?
- Tem que estudar.
- P - Quantas horas a mais você estudava em casa?

- Duas horas todos os dias. Porque é igual eu te falei porque a gente no começo a gente esquecia, aprendia ai dentro e esquecia em poucas horas então eu reforçava isto ai para não ter este problema mais, até a cabeça segurar por si própria. Mas sempre foi esta base ai. Duas horas.
- P - Você falou que mudou de escola em um determinado momento...?
- Eu mudei para Sorocaba lá para terminar umas matérias ai e consegui eliminar as três matérias.
- P - Qual a instituição SESI?
- Não é outra escola: Escola Século Nove de Julho.
- P - E você sentiu diferença do método de ensino de lá para cá ou daqui para lá?
- Olha a mesma matéria que eu tive aqui caiu lá e eu fiz a prova e não tive problema nenhum.
- P - Por qual razão você mudou?
- A razão foi a seguinte, igual eu falei, estou construindo, igual eu falei tem muitos colegas meu que tem três a quatro anos ai dentro né, então eu falei eu vou apressar isto ai. E foi isto que eu fiz. Mas eu acho que não precisava.
- P - Você falou apressar a conclusão?
- Para mim ver se eu ...
- P - O que te levou a pensar que lá em Sorocaba seria mais rápido?
- A turma falava né, mais rápido assim isto tudo no mesmo tempo né. Aqui tem as provas do SESI, duas provas no ano e o Estadão. Ai eu falava se eu não conseguir eliminar no SESI e no Estadão eu já tenho garantido que eu vou fazer uma prova lá em Sorocaba né. Então eu fiquei nisto ai. Mas eu achei que eu não precisava....
- P - Com isto você estava aumentando as suas possibilidades de fazer um número maior de provas para eliminação.
- É, exatamente. Foi exatamente ai.
- P - Com relação aos colegas dentro da empresa que opiniões eles faziam dessa sua empreitada, vamos dizer, estar estudando, fazer o ensino médio?
- Dentro lá da ... não todo mundo, mas geralmente é a idade né, então tem esse ... coisa da idade, ah você já tá velho num volta a estudar não compensa mais, você não vai conseguir nenhuma oportunidade aqui dentro, então geralmente é por ai.
- P - Você acha que eles estão errados?
- Estão errados.
- P - Por que?
- Tão tanto errado que hoje os que falaram comigo quer voltara estudar.
- P - E se por ventura, por exemplo, eu fosse um desses caras e falasse com você; a sr Osvaldo eu não vou estudar mais não. Que argumentos você usaria para me convencer?
- Volte a estudar!
- P - Por que?
- No segundo caso que você não tinha estudo as condições que a empresa tá dando são muitas ela tá dando esta oportunidade e as pessoas que tão entrando ai são pessoas qualificadas, então ta tendo uma pressão a mais, então um conselho que eu daria para você é voltar a estudar. Para você não ficar irregular ai dentro.
- P - Mas isto é só uma questão de...
- Questão de opinião.
- P - Seria uma questão quase que legal?
- É!
- P - Porque vantagens não iria ter, ou tem?

- Tem vantagens! É igual eu te falei tem vantagens porque você aprende muitas coisas que ocê não tá... não desenvolveu né.
 - Você acha que estas vantagens, que você está dizendo, que aprende muitas coisas elas estão servindo para você hoje?
 - Tá servindo! Tá servindo.
- P - No que, por exemplo?
- Na ajuda para os meus filhos que elesuma delas é Esta. E no caso que eu falei na CBA ai dentro ai pra gente fazer um relatório, uma coisa tudo ajuda.
- P - E o próprio fato de se sentir bem consigo mesmo de não estar irregular.
- Exatamente! Não estou em dívida com ninguém. Pois é, esta é a minha opinião.
- P - Vocês conversavam ai dentro a respeito do curso?
- Com os meus colegas de escola? Conversava. Era tudo gente boa
- P - Qual era a opinião suas uns dos outros? Ou vocês não chegavam a fazer comentários com relação a validade desta escola?
- Ah a escola ai no que diz respeito ao ensino ai?
- P - Valeu para alguma coisa?
- Para mim tá valendo. E tem muitas pessoas ai que fez bem e hoje já é técnico.
- P - É mesmo?
- É! A escola ai é bem forte.
- P - O cara fez o ensino médio, conclui o ensino, e depois foi estudar o curso técnico já é profissional de supervisão ai dentro da CBA.
- Exatamente! Hoje ele comanda eu. É... é isto ai.
- P - Cara que foi seu colega no supletivo e hoje...
- Exatamente! O cara foi colega meu de ponte rolante. Hoje ele é um técnico no anodo.
- P - É mesmo?
- É ele passou e eu fiquei.
- P - Isto te incomoda ou abre perspectiva nova para você.
- Não, não incomoda de jeito maneira, eu fico é satisfeito....
- P - O que você olha, quer dizer, você acha que isto serve para você para alguma coisa?
- Serve e no meu caso até para incentivar os meus filhos.
- P - Incentivar?
- A estudar né. Eu vi pessoas que tava ... eu fiquei parado não quis estudar né, não quis estudar não, eu não tive muitas oportunidades e eu achei que a hora que eu fui estudar já era um pouco tarde, então que eles não percam. Continue estudando.
- P - Estas pessoas que você conhece e que viraram supervisores eles tinham condições diferente das suas, idade por exemplo?
- Ah tinha. Eles eram bem mais novo do que eu.
- P - Você acha que idade é um fator limitador para a sua promoção?
- Eu acho que é. Na minha opinião eu acho que é. Porque a pessoa já tá com uma certa idade, já tá perto de aposentar. Então nada melhor do que dar a oportunidade para quem é mais novo. Se eu fosse um chefe eu daria oportunidade para os Não desprezando as pessoas.
- P - Você faz parte de alguma atividade voluntária de algum grupo de voluntário?
- Não.
- P - Você não tem nenhuma militança política, sindicato e nem religiosa?
- Não.
- P - Você tem algum curso que você gostaria de fazer?

- Ah! Tive de tornearia mecânica.
- P - Você gostaria de fazer?
- Não eu fiz este curso. Eu conclui, mas só que eu não tive a oportunidade de trabalhar como torneiro mecânico. Este era o meu desejo, mas agora já acabou. Eu guardo o meu diploma lá, mas só como recordação.
- P - Você não quer batalhar isto?
- Não acho que agora já tá bom.
- P - E tem algum curso que você gostaria de fazer?
- Eu gostaria de fazer um curso de computação. Eu acho muito interessante.
- P - Por que você não faz?
- É eu voltei a estudar o ano passado e quem sabe se eu tiver uma oportunidade eu...
- P - Você tem computador em casa?
- Não tenho, mas eu vou comprar.
- P - Você acha, por exemplo, que esta escola influenciou na sua relação com a família?
- Como assim..... é na parte de mais diálogo. Ah sim influenciou sim. A gente fica mais cabeça aberta né. A gente tem mais condições de falar umas coisas que a gente aprende ... aprendendo a ler e apostando estudo do meu caso ai que estava muito tempo parado, então a mente da gente fica meio parada né, e voltando a estudar você tem mais diálogo, a mente fica mais aberta né.
- P - Tem mais assunto?
- Exatamente! Tem mais assunto.
- P - Você sentiu isto em casa?
- Senti. Fica mais abertamente para conversar. Muda muito.
- P - Tinha dia que você saia da sua casa pra vir estudar aqui?
- Era.
- P - Você não ia trabalhar você vinha só para estudar?
- Exatamente.
- P - Como é que você se sentia com os cadernos e os livros debaixo do braço?
- Olha da minha parte sentia normal. Vinha estudar normal. Nunca tive nenhum preconceito com ninguém sobre este negócio de estar com caderno, idade para mim normal.
- P - Você tinha algum tipo de sentimento com relação a isto?
- Sentimento é não ter feito isto antes.
- P - Isto significa que num momento de lazer seu você largava tudo aquilo e vinha para esta escola, mas vinha satisfeito?
- É porque a minha oportunidade foi dada e eu estava aproveitando, para concluir o ensino médio.
- P - Você escreve lá no seu trabalho?
- Escrevo. Fazer um relatório, um problema que dá lá na ponte, fazer um negócio de acidente ai sempre escreve.
- P - Você chegou a comparar como você escrevia antes e como você escreve agora?
- Ah melhorou muito, desenvolve mais né.
- P - A letra melhora?
- Melhora. Melhora muito, as vezes passa muito tempo fica faltando muitas letras, então você vai estudando e você volta aquele ritmo que era antes. Melhora muito a caligrafia melhora. Fica mais fácil de ler.
- P - Os erros de português!
- É, os erros melhora muito.

- P - Você acha que mudou algum hábito seu depois que você voltou a estudar?
- Como assim?
- P - Na sua vida!
- Hábito? Me dá um exemplo para ver se eu
- P - O conteúdo da escola ele é educativo. Vou dar um exemplo grosseiro. Por exemplo. A escola diz você não pode arrotar à mesa. Isto é só um conceito Que supostamente a escola passa. Isto é só como exemplo. Você se lembra de alguma coisa que você deixou de fazer ou passou a fazer em função desta escola?
- Não nestas partes ai sem problema.
- P - Você acha que o comportamento dos seus professores, porque quando a gente vai ficando mais velho a gente observa mais as coisas, Ai você vê o seu instrutor com um determinado comportamento e uma forma de abordagem para com os seus alunos de forma mais educada é...mais formalizada, Chama de você ...é ...Você observou isto?
- Observei.
- P - E será que isto não influencia você?
- Observei destes casos de ser mais educado? Que a gente tando de zero hora a gente cochila na sala e os professores nestas partes ai são muito educados. Então eles não... dão um alô pra gente e... Vai lavar o rosto depois você volta, sem problema nenhum. Eu achei isto muito educado.
- P - Isto mexeu contigo?
- Mexeu.
- P - Você acha que isto ajudou você com atua vida com os teus filhos, com os companheiros de trabalho, na sua vida como um todo?
- Ajudou! Porque se você entra lá e a pessoa já vai com má educação você vai agir da mesma coisa né. Então eu achei bonito. Muita educação.
- P - Só para terminar. O que você acha que esta escola te trouxe de melhor?
- De melhor! Foi pagar a dívida! Olha ...é ... o ... No começo eu falei pagar a dívida Ah de melhor que aprendi muita coisa. E esta oportunidade que ela me deu. Então eu paguei a dívida e sei muita coisa que eu posso até ajudar meus filhos. Eu acho que foi muito importante esta escola para mim nestas partes foi excelente.
- P - Estes exemplos que você deu para seus filhos.
- Exatamente.
- P - De saber menos do que eles num determinado momento e logo depois você melhorou e passou até na frente deles.
- Eu achei muito bom.

Referências Bibliográficas;

1. Bourdieu, Pierre, A Escola Conservadora. As Desigualdades Frente à Escola e à Cultura. Paris, 1966.
2. Brandão, Carlos Rodrigues. O Que é Educação. 33ª Ed. Brasiliense, São Paulo, 1995.
3. Brito, Luiz Percival Leme. Contra o Consenso. Mercado de Letras, São Paulo, 2003.
4. Cammarano, Jorge Luis. Comunicações – Caderno de Programa de Pós-graduação em Educação Nº 1 UNISO Sorocaba, 2003.
5. Campos, Vicente Falconi. Gerência da Qualidade Total. Block, Rio de Janeiro: 1990.
6. Campos, Vicente Falconi. T.Q.C. Controle da Qualidade Total. 6ª Ed. Q.F.C.O, Belo Horizonte, 1995.
7. Carvalho, C. P. F. Trabalho, Educação e Qualificação Profissional: um estudo sobre o Telecurso 2000. Dissertação de Mestrado, PUCSP 1998.
8. Cassiano, Carolina. Folha de São Paulo, Caderno Sinapse, pág. 19, do dia 28/06/2005.
9. Ferreira Gullar, Caderno Ilustrada pág 10. Folha de São Paulo 10/03/2005.
10. Ferretti, Celso João; Zibas, Dagmar M. L. Tartuce; Gisela Lobo B.P. Silva Junior; João dos Reis. A Qualificação como Construção Social: estudo de alguns de seus aspectos em uma industria de ponta. FCC/DPE, São Paulo, 2002.
11. Freire, Paulo. Autonomia da Pedagogia. 14ª. Ed, Paz e Terra, São Paulo, 1996.
12. Frigotto, Gaudêncio. A Educação e Formação Técnico-Profissional Frente a Globalização Excludente e o Desemprego Estrutural, 1998.
13. Kuenzer, Acácia Zeneida. Cultura Linguagem e Subjetividade no Ensinar e Aprender. 2ª Ed, DP&A, Rio de Janeiro, 2001.
14. Kuenzer, Acácia. Ensino Médio. Construindo uma Proposta para os que Vivem do Trabalho. 3ª Ed, Cortez, São Paulo, 2002.
15. Lenhard, Rudolf. Sociologia Educacional. 7ª Ed, Pioneira, São Paulo. 1985.
16. Lopes, José Carlos Cacau; Britto, Luiz Percival Leme; Trezza, Márcia Elias; Capello, Maria da Conceição Santim; Fortunato, Marisa; Cukierkom, Mônica

- de Oliveira Braga. Educação e Participação. A Proposta do Programa Integrar para a Educação do Trabalhador. São Paulo, 2002.
17. Marinho, Fundação Roberto. Coleção do TC 2000 2º Grau.
 18. Ribeiro, Vera Masagão (Organizadora) Autores: Ferraro, Alceu Ravanello; Galvão, Ana Maria de Oliveira; Kleiman, Ângela B; Vóvio, Cláudia Lemos; Serra, Elizabeth D'Ângelo; Infante, Isabel; Britto, Luiz Percival Leme; Soares, Magda; Abreu, Márcia; Carvalho, Marília; Oliveira, Marta Kool de; Moura, Mayra. Letramento no Brasil. Global Editora e Distribuidora LTDA, São Paulo 2003.
 19. Santos, Milton. Por uma Outra Globalização do Pensamento Único à Consciência Universal. 11ª ed, Record, Rio de Janeiro, 2004.
 20. SESI (Serviço Social da Indústria SP), DEB (Divisão de Educação básica) GEJA (Gerencia de Educação de Jovens e Adultos). TC 2000 Fundamental e Médio, Módulo I.
 21. Silva, Luiz Heron, Gaudêncio Frigotto. A Escola Cidadã no Contexto da Globalização. Vozes, Petrópolis, 1998.
 22. Vieira, Evaldo. Sociologia da Educação. Coleção Aprender e Ensinar. FTD, São Paulo 1994.

ANEXO 1:

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO PESSOAL E DADOS SOCIOECONÔMICOS

Nome.....Idade.....Anos.

Local de Nascimento.....Estado:.....

Estado civil. Solteiro..... casado

Número de filhos

Escolaridade na infância.....

Idade que interrompeu os estudos.....

Local de nascimento: Cidade.....Zona Rural.....

Número de irmãos/irmãs.....

Escolaridade do pai.....da mãe.....da mulher.....

Escola que estudou. Pública.....Particular.....

Tempo de empresa.....Anos.

- 1) O entrevistador deve esclarecer aos entrevistados a isenção total da empresa com relação ao acompanhamento das entrevistas, bem como, com relação ao seu resultado e que o acompanhamento está sendo feito com o conhecimento da empresa, mas que se trata de um trabalho científico e que o seu resultado tem interesses voltados, em primeira instância, para pesquisa científica na área da educação para as instituições escolares.

- 2) Perguntas básicas para orientar o seqüencial da entrevista:

a) *Na sua opinião a sua volta as aulas têm a ver com que?*

Ao ser interrogado desta forma, o entrevistado, se não conseguir responder, ou não entender, o entrevistando poderá explorar o assunto e perguntar:

b) *O que foi que estimulou você, ou motivou, ou o que fez você partir para este desafio?*

Esta pergunta pode estimular respostas várias. Vamos, a título de exemplo, trabalhar com possíveis respostas, primeiro no âmbito, familiar e pessoal, tais como:

- Eu sempre alimentei uma esperança de um dia poder estudar.....
- Influência de filhos, Parentes, colegas, etc.....
- Eu estava me sentindo insignificante.....
- Etc.

Para qualquer um destes casos cabe e deve ter interferência do entrevistador, buscando maiores informações a respeito dos posicionamentos apresentados no sentido de extrair sempre a essência do valor que deu origem ao pensamento exposto. Neste caso o entrevistador deverá pinçar aquilo que lhe chamou a atenção e dizer: Fale-me mais a respeito, por exemplo, dos seus filhos que você mencionou como sendo algo que fez você tomar a decisão de voltar às aulas. Como foi isto?

Caso o entrevistado fale de algo que esteja relacionado com a família, como exposto acima, o entrevistador estrategicamente deve conduzir a entrevista de forma criativa sugerindo que, num

h) Qual outro tipo de curso seria mais produtivo no seu trabalho? Por que?

j) Você escreve, lê no seu trabalho?